

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARLENE PEREIRA DOS SANTOS

**INCURSÕES NA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE
QUILOMBO DE ALTO ALEGRE – MUNICÍPIO DE HORIZONTE – CE.**

**FORTALEZA
2012**

MARLENE PEREIRA DOS SANTOS

**INCURSÕES NA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE
QUILOMBO DE ALTO ALEGRE – MUNICÍPIO DE HORIZONTE – CE.**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestra em Educação.

Orientador: Professor Doutor José Gerardo Vasconcelos.

Co-orientador: Professor Titular Henrique Cunha Junior.

FORTALEZA
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- S236i Santos, Marlene Pereira dos.
Incursões na história e memória da comunidade de quilombo de Alto Alegre – município de Horizonte – CE / Marlene Pereira dos Santos – 2012.
153 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Educação.
Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.
Coorientação: Prof. Dr. Henrique Cunha Junior.
- 1.Negros – Identidade étnica – Alto Alegre(Horizonte,CE). 2.Negros – Condições sociais – Alto Alegre(Horizonte,CE). 3.Negros – Alto Alegre(Horizonte,CE) – Usos e costumes. 4.Quilombos – História – Alto Alegre(Horizonte,CE). I. Título.

MARLENE PEREIRA DOS SANTOS

**INCURSÕES NA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE
QUILOMBO DE ALTO ALEGRE – MUNICÍPIO DE HORIZONTE – CE.**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestra em Educação.

Orientador: Professor Doutor José Gerardo Vasconcelos.

Co-orientador: Professor Titular Henrique Cunha Junior.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA.

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Henrique Cunha Junior
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Emanuel Luís Roque Soares
Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB

Prof.^a Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro
Universidade Estadual do Ceará - UEC

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Universidade Estadual do Ceará - UEC

AGRADECIMENTOS

Ao percorrer as estradas, em uma encontramos às vezes árvores majestosas, sob a copa das quais nos sentamos, para descansar, refazer as energias para prosseguir. Também à noite, quando as estrelas derramam sua lua sobre a estrada, uma parece maior ou parece que uma brilha mais, outra menos, temos que identificar qual vamos escolher como guia, na busca do caminho certo para encontrar o Oásis. E, às vezes, quando está muito escuro e pensamos que não há saída ou não conseguimos visualizá-la, surge uma luz e às vezes um clarão que ilumina e nos dá força para continuar. Algumas pessoas, no decorrer do meu trabalho de pesquisa, foram para mim como árvores frondosas e estrelas luminosas. Todas elas que, de uma forma ou outra, iluminaram a estrada que trilhei e me animaram a seguir caminho e deram gás para que eu também acendesse minha luz para iluminar outros, quero agradecer neste momento que eu não vou chama-lo de finalização de uma trajetória, mas de primeira milha da longa estrada a ser percorrida.

A Deus bondoso que me ouve e ajuda, minhas mães e a todas as divindades do panteon pela ajuda, a força divina e pelo axé. E principalmente por me ampararem e me guiar.

Aos moradores do quilombo de Alto Alegre que, com seus depoimentos e acolhida, me ensinaram coisas que dificilmente eu aprenderia nos livros. Pelo carinho, atenção e colaboração valorosa para a realização desta pesquisa.

A meu orientador e co-orientador, prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos e prof. Titular Henrique Cunha Junior, que, aceitando meu projeto sobre quilombo contemporâneo no Ceará na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, abriram as portas dessa instituição para uma reflexão sobre a história e cultura afro-brasileira.

Ao programa CAPES – demanda social de bolsa de Pós-Graduação, por me proporcionar por meio da bolsa dedicar tempo integral a pesquisa.

A direção, corpo técnico e administrativo, professores, educandos, prestadores de serviço e funcionários em geral.

Ao querido professor e antropólogo Francisco Alencar pelas vezes que atenciosamente me recebeu em sua casa, pelas conversas que muito me ajudou adentrar na história passada do quilombo de Alto Alegre.

As pessoas conhecidas e desconhecidas que vibraram e se alegraram com o meu sucesso.

Em especial á minha família em geral, como uma afrodescendente que respeita a ancestralidade, eu os agradeço por me acompanharem passo a passo na minha jornada e na vida.

Às minhas irmãs Marilene, Toninha, Vilma e Francinete pela amizade, atenção, preocupação, dedicação, amor, carinho e paciência em me ouvir tanto nas horas felizes como nas horas tristes, também um agradecimento por serem as melhores irmãs que Deus me deu, pois elas me encorajam e fortalecem, e sempre me dizem:

Você vai... Vai e faça, você pode!

Aos meus sobrinhos: Michael, Wilson, Wendy e Victor pelo carinho e torcida, vocês são os meus torcedores fieis.

Ao verdadeiro amor, pois o coração não se encontra onde palpita, mas sim, onde ama.

RESUMO

O tema desta dissertação cabe dentro de um tema mais geral que é o da história das populações negras no Ceará. Trata-se de um tema com diversos aspectos e muitas polemicas, tais como a existência de negros no estado, mas faz parte de uma postura social que tem sido alvo da pesquisa historiográfica e da educação nos últimos 10 anos no estado do Ceará. Alto Alegre é um distrito do município de Horizonte, parte periférica da grande região metropolitana de Fortaleza. A comunidade de quilombo de Alto Alegre é uma comunidade rural negra com mais de um século de existência, no entanto a literatura apresenta poucas referências a esta existência. A pesquisa realizada trabalha com os conceitos de afrodescendência e população negra baseada nos aspectos históricos e não biológicos. Utiliza o conceito de bairro rural negro e traça o conjunto do conhecimento com base na história oral, tendo como foco a memória negra, como memória coletiva organizada com foco na cultura e no patrimônio cultural da população negra. A pesquisa teve como eixo os fatos econômicos e as relações sociais estabelecidas pela comunidade de Alto Alegre dentro de um território onde figuram os grupos sociais negros, índios e brancos, esses últimos representados pelos posseiros considerados como donos da terra. O estudo mostrou uma trajetória de comunidade marcada pelas mudanças nas formas de trabalho e nas perspectivas de vida, mas com a presença de forte identidade cultural, entremeada de mudanças significativas de costumes e de religião. O município de Horizonte está dentro de uma região de forte industrialização e de constante intervenção geográfica pelo estado através de construção de grandes obras como a rodovia BR-116, e os canais de integração e do trabalhador.

Palavras chaves: quilombos no ceará, população negra, comunidades negras, identidades negras, memória e história de populações negras.

ABSTRACT

The subject of this dissertation is part of a more general theme concerning whit the black population history in the state of Ceará - Brazil. This is an issue with many aspects and many polemics, such as the existence of black people in the state, but is part of a social attitude which has been the subject of historical research and education in the last 10 years in our graduate program. Alto Alegre is the name of a district of Novo Horizonte city. This city is at the periphery of the large metropolitan region of Fortaleza. The community of maroon Alto Alegre is a black rural community with more than a century of existence, yet the literature contains few references to this existence. The research work with the concepts of afro - dependency and black population based on the historical aspects and not biological. Uses the concept of black rural district and outlines the set of knowledge based on oral history, focusing on the black memory, organized as a collective memory with a focus on culture and cultural heritage of the black population. The research was shaft the economic facts and the social relations established by the community of Alto Alegre in a territory where social groups include blacks, indians and white settlers regarded as represented by the landowners. The study showed a trend of community marked by changes in the forms of work and life prospects, but with the presence of strong cultural identity, interspersed with significant changes in customs and religion. The city of Horizonte is within a region of strong industrialization and geographical constant intervention by the state through the construction of large works such as the BR-116, and channels of integration and the worker.

Keywords: Maroon community in Ceará, black population, black identity, memory and history of black populations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARQUA	Associação dos Remanescentes de Quilombo de Alto Alegre e Adjacências
CF	Constituição Federal
CERQUICE	Comissão dos Remanescentes de Quilombo do Estado do Ceará
CEI	Centro de Educação Infantil
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento RTID – Relatório de Identificação e Demarcação UFC – Universidade Federal do Ceará
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE FOTOS E FIGURAS

1 – DONA NAZINHA NO CANAL DA INTEGRAÇÃO	28
2 – TIO CIRINO (BISNETO DE CAZUZA).....	28
3 – TIA ANTONIA (ESPOSA DO TIO CIRINO)	28
4 – MARIA JOANA (UMA DAS MAIS IDOSAS DA COMUNIDADE)	28
5 – MÃE DAVEL (MÃE DE TODOS: PARTEIRA DA COMUNIDADE).....	29
6 – EDMUNDO (ESPOSO DA NAZINHA)	29
7 – DONA SOUSA (TRABALHA COM MEDICINA POPULAR).....	29
8 – NEGO DO NECO NA ENTRADA DO QUILOMBO	29
9 – MARLENE E LEUDA A CAMINHO DO FESTEJO DE SÃO BENEDITO.....	30
10 – NALDO NA CASA DE FARINHA DO QUILOMBO DA BASE	30
11 – DONA CELI (MÃE DE SANTO) NA CASA DE UMBANDA	30
12 – LENE MOSTRANDO AS SEMENTES DE VINAGREIRA.....	30
13 – TINTIM (AMIGO DOS QUILOMBOLAS DA BASE).....	31
14 – ZÉ PAULO (O HOMEM QUE VENDIA FARINHA).....	31
15 – EDNA (FILHA DA NAZINHA).....	31
16 – VÔ VICENTE, QUILOMBOLA DA BASE, IRMÃO DO TIO CIRINO.....	31
17 – MARIA AMÉLIA, SENHORA MAIS IDOSA DO QUILOMBO DA BASE.....	32
18 – ANA, SEGUNDA PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA	32
19 – BONEQUIRAS, FAZENDO BONECAS NEGRAS	32
20 – PROFESSOR HAROLDO (PRESIDENTE ATUAL DA ASSOCIAÇÃO).....	32
21 – A DIRETORA E A COORDENADORA DA CRECHE.....	33
22 – MARIA JOSÉ (IN MEMÓRIA) QUE DEU NOME A CRECHE.....	33
23 – CANAL DO TRABALHADOR	64
24 – CANAL DA INTEGRAÇÃO.....	64
25 – ANTIGA CASA DE FARINHA DE ALTO ALEGRE	65
26 – MAPA DO MUNICÍPIO DE HORIZONTE	67
27 – MAPA DO MUNICÍPIO DE HORIZONTE E ESTADO DO CEARÁ.....	68
28 – MAPA DO MUNICÍPIO DE HORIZONTE E DIVISÃO DISTRITAL	69
29 - MAPA DO CEARÁ LOCALIZANDO PACAJUS	71
30 – MAPA DO CEARÁ LOCALIZANDO AQUIRAZ.....	72
31 – MAPA (VISTA GEOGRÁFICA DE ALTO ALEGRE)	74
32 – FOTO ANTIGA DE TIO CIRINO E SUA FAMÍLIA	84

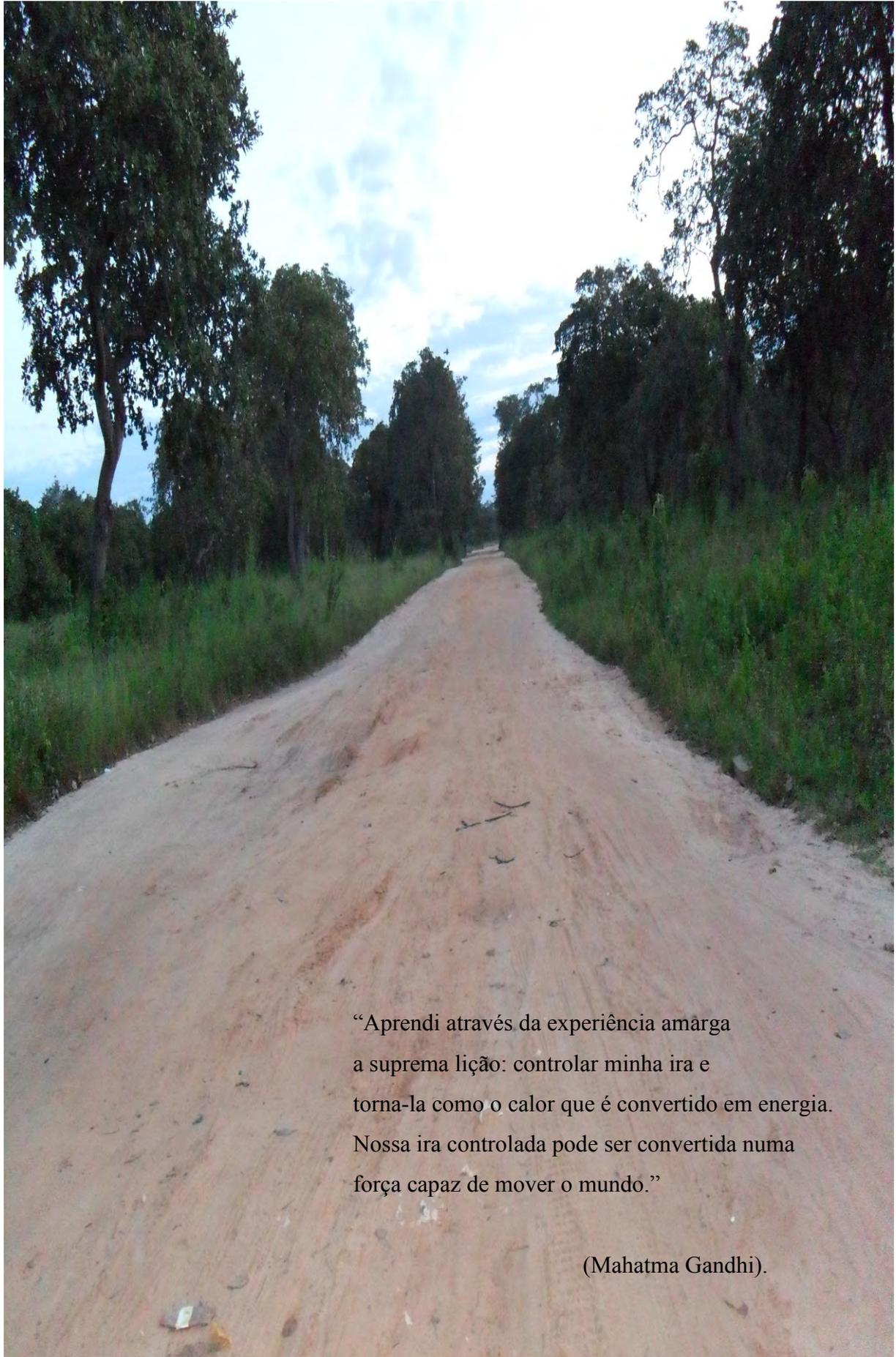
33 – FOTO ATUAL DE TIO CIRINO E SUA FAMÍLIA	84
34 – EDMUNDO E SUA ESPOSA NAZINHA	87
35 –NAZINHA DEBULHANDO FEIJÃO.....	87
36 – CASA DE FARINHA DE ALTO ALEGRE.....	88
37 – CASA DE FARINHA NAS QUEIMADAS	89
38 – MÃE DAVEL.....	91
39 – DONA SOUSA E AS PLANTAS MEDICINAIS	96
40 – CERCADINHO DE PLANTAS MEDICINAIS	97
41 – AGRIÃO – PLANTA MEDICINAL	98
42 – ALFAVACA – PLANTA MEDICINAL	98
43 – ANADOR – PLANTA MEDICINAL.....	98
44 – BABOSA – PLANTA MEDICINAL.....	98
45 – BOLDO – PLANTA MEDICINAL	99
46 – CORAMA – PLANTA MEDICINAL	99
47 – CIDREIRA – PLANTA MEDICINAL.....	99
48 – LINHAÇA – PLANTA MEDICINAL	99
49 – MALVA – PLANTA MEDICINAL	100
50 - MASTRUZ – PLANTA MEDICINAL.....	100
51 – MERACILINA – PLANTA MEDICINAL.....	100
52 – NONI – PLANTA MEDICINAL	100
53 – PATA DE VACA – PLANTA MEDICINAL.....	101
54 – PIÃO ROXO – PLANTA MEDICINAL	101
55 – PITANGA – PLANTA MEDICINAL	101
56 – ROMÃ – PLANTA MEDICINAL.....	101
57 – PÉ DE VINAGREIRA	103
58 – IMAGEM DE SÃO BENEDITO	107
59 – TAMBOR DE CRIOLA.....	108
60 – CASA DE FARINHA DE PACAJUS.....	119
61 – SIMÃO, MOSTRANDO AS MANDIOCAS.....	119
62 – MANIVAS	120
63 – PÉ DE XIXÁ I.....	121
64 – PÉ DE XIXÁ II	121
65 – FRUTO VERDE DO XIXÁ.....	121
66 - FRUTO SECO DO XIXÁ.....	122

67 – PROFESSORA MARIA JOSÉ (IN MEMÓRI A)	126
68 – RODA DE CAPOEIRA E MACUNLELÊ	128
69 – DANÇA DO MACUNLELÊ	128
70 – COMEMORAÇÃO DO 20 DE NOVEMBRO	129
71 – COMEMORAÇÃO DO 20 DE NOVEMBRO	129
72 – MULHERES QUILOMBOLAS FAZENDO CURSO DE CORTE E COSTURA	130
73 – QUILOMBOLAS FAZENDO BONECAS NEGRAS DE PANO.....	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPITULO I – AS IDEIAS SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA NO CEARÁ	34
1.1 Afrodescendência na cultura cearense como necessidade.....	34
1.2 A base conceitual para um novo enfoque sobre Afrodescendência e cultura cearense	36
1.3 Preconceitos contra as religiões de base africana no Ceará.....	38
CAPITULO II – CONCEITOS E DEFINIÇÕES	41
2.1 Conceito de quilombo.....	41
2.2 A evolução sobre as ideias de quilombos na história do Brasil.....	45
2.3 A identidade coletiva enquanto fator de conhecimento.....	48
2.4 Ancestralidade	50
2.5 Palavra e Oralidade a partir dos africanos	52
2.6 Memórias de negros quilombolas com base na literatura sobre comunidades negras	54
2.7 Território e Territorialidade.....	56
2.8 Patrimônio cultural material e imaterial	58
2.9 Bairro rural negro	59
2.10 A pesquisa participante.....	61
CAPITULO III – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA CIDADE ONDE ESTA O QUILOMBO	63
3.1 O lugar espaço e lugar tempo do distrito de Queimadas	66
3.2 O Alto Alegre	73
3.3 A importância do reconhecimento como comunidade de quilombo	76
CAPITULO IV – AS NARRATIVAS DA POPULAÇÃO DE ALTO ALEGRE E DOS SEUS VIZINHOS	81
4.1 Os tempos de origens e trabalho na farinha.....	81
4.2 Falando com a mãe de todos.....	90
4.3 Dona Sousa e a medicina de base africana	94
4.4 Preto Santo, Santo Preto: São Benedito	105
4.5 Procurando Zé Paulo: O homem que enricou transportando farinha em lombo de mula	109

4.6 Memórias de um amigo de fora do quilombo: conversando com seu Tintim	114
4.7 Umbanda em Alto Alegre: A casa de dona Celi	120
CAPITULO V – QUILOMBO DE ALTO ALEGRE E EDUCAÇÃO.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
BIBLIOGRAFIA	136
ANEXOS	140



“Aprendi através da experiência amarga a suprema lição: controlar minha ira e torna-la como o calor que é convertido em energia. Nossa ira controlada pode ser convertida numa força capaz de mover o mundo.”

(Mahatma Gandhi).

INTRODUÇÃO

1- Das coincidências às necessidades

Em novembro de 2008, por coincidência do acaso, fui convidada para ir a uma festa nas comunidades de Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre, localizada a 50 quilômetros de Fortaleza no município de Horizonte, vizinho a Pacajus.

Devido a meu interesse pelas culturas negras do Ceará e em razão de cursar a Especialização de Cultura Folclórica Aplicada eu já havia visitado a escola dessa localidade em época anterior. E na época eu pretendia realizar um trabalho com a escola, mas, terminou não acontecendo, porém percebi que o município já realizava um esforço de implantação da lei 10.639/2003 (SANTOS, 2010).

Por coincidência o carro em que eu ia de Fortaleza a Horizonte também levava um senhor de 86 anos de idade de nome Alencar, que foi professor da UFC, cassado pela ditadura militar e que viveu 30 anos no exterior. Senhor Alencar anunciou na ida que fazia mais de 30 anos que tinha realizado pesquisas de antropologia em Alto Alegre. Na época eles estavam procurando comunidades indígenas e encontraram comunidades negras rurais. Posso dizer que o material produzido pelo grupo de pesquisa do professor Alencar não foi possível ser localizado, desapareceu com a ditadura. O professor Alencar em sua biblioteca particular nos mostrou cinco exemplares dos seus trabalhos na UFC na década de 1950, onde trabalha as culturas negras e indígenas da região.

A coincidência continua quando ao descermos do carro em Alto Alegre se aproxima uma senhora que diz: o senhor não é professor Alencar? - Eu me lembro do senhor, o senhor era amigo de meu pai. Existe a lembrança das pessoas sobre os pesquisadores do grupo do professor Alencar e existem as lembranças do próprio Alencar que passou o dia falando da comunidade. O passado na leitura do presente. Estimulada a memória renasce das cinzas em forma de lembranças.

Tanto meu trabalho como educadora no abrigo de menores em Maracanaú num projeto de cultura negra como a minha pesquisa na escola sobre a implantação da lei 10.639/03 me instigaram a buscar conhecer os remanescentes de quilombo da região de Horizonte e Pacajus.

No caso de Maracanaú notei que lá existem comunidades que as pessoas da região classificam como indígenas como os Pitaguays, mas têm presença de detalhes

historiográficos apontando para a existência de senzalas, de população negra e de religiosidade de matriz africana, de cesta memória de escravidão.

Agora não mais por coincidência, eu realizei uma pesquisa em torno da história e memória coletiva de duas das comunidades negras vizinhas, uma se localiza em Horizonte e outra em Pacajus. As duas em razão de me parecerem de iniciou os núcleos de remanescentes mais antigos da região. As comunidades contam histórias todas de depois da abolição, e aparentemente de populações negras migradas de Fortaleza, com certa possibilidade também de Aracati. Dada a coincidência da suposta perda de documentos das pesquisas realizadas pela UFC em 1960, tenho a possibilidade de dois caminhos de trabalho que são: o da memória da própria comunidade e o da memória dos pesquisadores participantes dos trabalhos da UFC na década de sessenta.

A proposta é realizar uma incursão (penetração) na história da comunidade do quilombo de Alto Alegre, para prover parte de uma história local que possa servir de conhecimento na disciplina de história na escola de Alto Alegre. Trabalhos posteriores podem ser pensados para examinar como esta história pode ser efetivamente utilizada. A primeira idéia deste projeto era também pesquisar a aplicação da história produzida na escola, pensando na pedagogia de Paulo Freire, mas me pareceu que o projeto ficaria muito ambicioso para as finalidades do mestrado.

Na viagem presenteada pelo acaso não foi possível efetivar um trabalho na escola de Alto Alegre que seja o mestrado esse momento de plena realização profissional e contribuição para a educação em Alto Alegre.

2- A problemática geral

A construção do problema desta proposta de pesquisa gira em torno de quatro aspectos interligados que apresentamos abaixo como a constituição da problemática geral da pesquisa.

a) Primeiro o reconhecimento dos quilombos.

A existência de comunidades negras rurais recebeu um tratamento específico na constituição de 1988 como comunidades tradicionais, com história e cultura específica possíveis de serem reconhecidas como remanescentes de quilombos.

O reconhecimento das comunidades de quilombo ou remanescentes de quilombos é dependente de um laudo antropológico, cujo conteúdo é a especificidade da cultura e a escrita de uma história local, que é uma micro-história específica.

b) Segundo os movimentos negros e a educação da população negra.

Dado a existência dos movimentos negros brasileiros, tendo esses sido mais atraentes no cenário nacional a partir de 1970, realizando em 1978 a fundação do Movimento Negro Unificado, e enfrentando os problemas das dificuldades em produzir uma consciência social política, esse movimento focalizou como estratégia a relação da população negra com a educação (AZEVEDO, 1985). Explicitou a necessidade da desconstrução de uma educação européia e hegemônica, denominada como branca e racista. Das lutas pela educação da população negra como uma educação plural, que atenda a diversidade populacional, cultural e social e que se elaborou a necessidade do ensino de história e cultura africana e afrobrasileira. Tal necessidade resulta na proposta e promoção da lei 10.639/2003 que institui o ensino obrigatório de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

Surgem com essa lei diversos problemas, sendo um deles o do ensino de uma história cultural específica de cada comunidade de quilombo. Qual história escrever nas comunidades? Como produzir uma história de uma comunidade pequena e específica como o quilombo?

c) Terceiro a negação do negro no Ceará.

No estado do Ceará predomina nos círculos educacionais a idéia de que no Ceará não tem negro. Não faz parte das preocupações sistemáticas dos educadores, pesquisadores e responsáveis pela educação a sistematização da desconstrução das idéias de no Ceará não ter negros. Mesmo os projetos que visam uma re-educação, uma nova perspectiva da história, esbarram nesta ideologia da inexistência de negro no estado. Mesmo os grupos que reconhecem a existência de grupos negros, de cultura negra, assim mesmo consideram este problema social, histórico e educacional como secundário. Em muitos casos as pesquisas acadêmicas e os trabalhos em educação reforçam a invisibilidade dos grupos sociais negros. A universidade brasileira ainda tem dificuldade em afirmar a diversidade étnico-cultural e trabalhar no campo da expressão da pluralidade dos grupos sociais. Tratam os assuntos da afirmação social da população negra como tema de menor importância acadêmica.

São utilizados conceitos que reduzem a população negra a grupo popular, população pobre, trabalhadores, trabalhando-se apenas categorias capital e trabalho, sem, no entanto resolver o conflito teórico de como fica “ a categoria negra”. A universalização dos conceitos é um obstáculo à compreensão do negro brasileiro como especificidade histórica. Como resolver e como superar este problema?

d) Quarto conflitos na cultura local.

A escola ou o ensino nas escolas está em constante conflito com a cultura local. A escola de comunidade quilombola é parte deste conflito. Como ensinar na escola a cultura do quilombo.

De onde surgem as muitas reflexões?

Dada minha naturalidade como maranhense, pois nasci em Bom Lugar e fui registrada em Caxias, no Maranhão, de onde sai para vir morar em Fortaleza. Nesta cidade ao sair pelas ruas sempre me deparo com alguém me dizendo: você não é daqui, na escola, a mesma afirmação. E quando pergunto por que, a resposta é “pensei que fosse baiana, porque na Bahia é que tem negro assim, no Ceará não temos negros”. Os negros mesmo migrantes são daqui, mas também há os negros nascidos no Ceará. A força pela qual somos negados nos leva a procurar resposta nas pesquisas acadêmicas.

Na escola surgem as indagações, tais como: porque em todas as aulas que se fala de negros e negras, só se fala do período escravista? Então vêm várias perguntas e reflexões sobre como foi a vida, a história dos meus antepassados que não está escrita ou não foi contada e porque só está escrita a história dos que foram escravizados. Com estas questões estou eu negrailhada no Ceará. Então com o passar do tempo chego à faculdade e escuto palestras que mostram que a história dos negros não é só o escravismo criminoso; por isso pesquiso em Maracanaú a implantação da lei 10.639/2003 e a educação da população negra, através desta reafirma a invisibilidade do ser negro, da sua história e cultura. Visitei dez escolas, apenas três estavam realizando atividades na tentativa de reconhecer a história e cultura africana e afrobrasileira. Mas, como reconhecer esta história num estado onde se diz não haver negros? Tudo vem de uma herança europeia.

Terminando a graduação em 2007, no segundo semestre de 2008 fui realizar especialização em cultura folclórica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), estudando as festas e danças de terreiro. Nesta continuei ouvindo as mesmas negações preconceituosas e racistas, pois enquanto mulher negra vivencio a cultura afro e vou estudar festas e danças no terreiro de candomblé, se conclui que mesmo em meio a tantas negações das contribuições importante dos feitos histórico, social e cultural afro no Ceará, encontra-se bem visível o legado cultural e religioso de base africana. Concluímos pela existência de uma cultura negra no estado, mas sem o respaldo de um aprofundamento nos aspectos culturais e históricos.

Esta pesquisa aqui proposta se justifica pela minha experiência de vida que reclama um reconhecimento social. Também existe uma necessidade coletiva das populações negras e em particular das de quilombos em ter o direito à história. A cidadania dos grupos sociais depende da existência de uma história e da consciência transmitida por esta história. Outra justificativa é resultado tanto dos processos de titulação das terras de quilombos, como do ensino da história imposto pela lei 10.639/ 2003.

3- Problema da pesquisa

Como realizar uma história cultural e social da comunidade negra de Alto Alegre?

O problema desta pesquisa é sobre as formas de realizarmos a história de uma comunidade negra rural tomando depoimentos que possam constituir uma história oral. Interessa-nos em especial a vida cultural, material e imaterial, através das décadas de 1950 até 2000, além dos fatos políticos e dos conflitos sociais.

Ou seja, como através dos tempos se realizaram as produções, os empregos na região, comercializações e obtenções de bens materiais. Mas como também se deu a dinâmica das festas e das religiões na comunidade. Quais os impactos das mudanças na região de agrícola para industrial, da presença de rodovias, da introdução da eletricidade e da modernização do trabalho doméstico. Interessa-nos também as experiências com a educação.

4- Objetivo da pesquisa

Objetivo Geral: Compreender e escrever a parte da história cultural e social da comunidade de quilombo de Alto Alegre, no período compreendido entre 1950 e 2010.

Objetivos Específicos:

- Estudar a dinâmica da produção material da comunidade de Alto Alegre, o que se introduziu de novo e o que se aboliu.
- Observar as transformações do campo da cultura imaterial para reconhecer a identidade da comunidade a fim de inseri-la na escrita da sua história.

5- O Porquê do estudo. A importância do tema

Fui feita negra, nasci negra, vivo minha negritude intensamente, pois sempre me vi maravilhosamente negra e quero viver negramente feliz. Porém na dura estrada da vida passei pelas veredas ladeadas de espinhos a me espetar. Mas que espinhos são estes que me furam e furam as muitas negras e negros na sua estrada da vida? São os espinhos do preconceito e racismo que a sociedade sempre usa para nos sacrificar, furando até à alma. Cansada, indignada diante das injustiças contra a população negra, me vejo buscando formas de dar visibilidade às memórias das histórias de resistência e lutas por uma vida com dignidade. Também quero manter o elo com os meus ancestrais enveredando quilombo adentro, pisando a negra terra de pretos, onde me encontro menina mulher negra como Nzinga lutando pela minha história.

Não quero viver num mar de lamentação, mas quero mostrar e falar de vida com resistência, orixás, festas, canto, danças, cultura e história de pretos, que mesmo dentro de um contexto de negação social da população negra, teve e tem grande contribuição na construção do Brasil, onde vive e realiza suas histórias as populações denominadas como pretos, índios e brancos. Então porque não devo querer ver a história ser contada de forma positiva dando valor e visibilidade à história afro-brasileira tanto quanto a europeia.

Assim começam minhas inquietudes em relação à parte da história relacionada aos negros que são contadas nas escolas. Pois sempre só é estudada a história do período escravista e parece que não existiu vida antes e nem depois. Então eu ficava me perguntando o que os negros que foram trazidos para o Brasil faziam antes de serem arrancados de sua terra natal e serem criminosamente escravizados, como viviam e o que tinham. Ai refletia e concluía que não é que eu queira que a história seja europeia ou africana, mas que possamos ter uma história que contenha a singularidade da população que me considero pertencente.

Assim o interesse por essa temática surgiu com todo esplendor após participar de palestras que traziam os seguintes temas: Histórias africanas e Afrodescendentes na história do Brasil. Com a abordagem destes temas obtive uma nova e agradável visão dos meus ancestrais. Até então, eu só imaginava, e questionava, porém quando deparei com a fonte das respostas e do conhecimento que me explicasse estas realidades fiquei deslumbrada. A necessidade do conhecimento sobre a realidade educacional dos afrodescendentes e das ações para implantação da Lei 10.639 justificou a realização de uma pesquisa de iniciação científica, e esta me levou à continuação neste Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em pedagogia.

O tema das Relações Étnicas e da História e Cultura dos Afrodescendentes no Estado do Ceará são pouco explorados na literatura sobre educação e pedagogia no estado do Ceará. As populações negras são invisibilizadas e parecem inexistentes na história social e cultural do estado. A cultura negra é apenas tratada como cultura popular ou cultura do povo, sem os créditos da cultura negra.

A preocupação sobre história e cultura negra foi tema da minha monografia de especialização em Cultura Folclórica Aplicada concluída no ano passado no IFCE.

As minhas andanças me levaram a conhecer comunidades de quilombos pelo estado do Ceará, em diversas regiões do estado. Participando de viagens com o Núcleo das Africanidades Cearenses, fui a vários quilombos, em especial os do Minador, Bom Sucesso em Novo Oriente e do Alto Alegre. Também estive no Quilombo do Boqueirão, lecionado um curso de 3 dias. No quilombo do Alto Alegre voltei sucessivas vezes e me identifiquei com esta comunidade. Ai também encontrei o antropólogo aposentado Dr. Francisco Alencar, que estudou esta localidade nos anos de 1950 e 1960 e tem memórias sobre este lugar relativo esta época.

Tenho o sentimento pessoal que a história do Quilombo de Alto Alegre faz parte da minha história pessoal, mesmo não tendo nascido lá. Também existe uma demanda das pessoas de lá que eu os ajude nesta escrita da história da comunidade. O sentimento de participação nesta história é ligado à minha ancestralidade, a minha família no Maranhão, onde vivemos num mundo rural semelhante em muitos sentidos à vida no Alto Alegre.

Para a educação no estado do Ceará a inclusão da história das comunidades de quilombo é uma necessidade.

Por todos estes motivos é que eu escolhi este tema de pesquisa e esta localidade de Alto Alegre para realizá-lo.

6- O local da pesquisa

Na disciplina de graduação de pedagogia sobre Cosmovisão Africana, nós visitamos no início deste ano esta comunidade e eu fui como mediadora da visita devido ao meu conhecimento anterior da localidade.

O caminho de Alto Alegre, saindo do bairro Benfica localizado na cidade de Fortaleza, vai pela Av. Perimetral e depois vira BR- 116, passando por bairros como Aerolândia onde se localiza a base aérea, Messejana um grande bairro periférico onde se encontra o Hospital do Coração.

Seguindo o longo trajeto da BR- 116 que é uma grande reta, ladeada de umas poucas árvores, vemos correndo estrada afora fábricas, indústrias, Volvo, Perdigão, a fabrica de biscoito Fortaleza, um intenso comércio.

A BR- 116 é muito movimentada e dá acesso a várias localidades, para praias e os município do interior. O caminho é bonito, com uma visão diversa e mais da metade do percurso de Fortaleza para Alto Alegre é pela BR-116 que também é via de acesso à rota do turismo praiano. É esta mesma estrada que leva ao quilombo, nos leva a várias praias, verdadeiros paraísos tropicais.

É uma região relativamente próxima do litoral, sendo que a serra avança, mas sem grandes elevações. Por esta razão a estrada BR- 116 é relativamente plana, mas com alguns trechos com serras na paisagem. Assim, ao longo do percurso visualizamos muitas mangueiras, coqueiros, cajueiros e alguns trechos com carnaubeiras, estas são típicas vegetações do Ceará. Foi assim que conheci o quilombo de Alto Alegre e é assim que a maioria das pessoas saindo de Fortaleza toma contacto com esta localidade. O quilombo de Alto Alegre fica no distrito de Queimada, pertencente ao município de Horizonte. E ele fica próximo de Fortaleza, a capital do Ceará, e aos municípios de Itaitinga, Pacajus e Aquiraz.

Apesar de já ter ido ao quilombo em outras ocasiões, neste momento de inicio da pesquisa pude observar ao longo da BR-116, que devido às chuvas a paisagem se encontra mais verde e mais bonita, ao longe a serra parece um tapete verde, se veem lagoas mais cheias e as árvores rasteiras, estas árvores geralmente são muito seca. Mas no período de chuva desabrocha num vivo verde. Também entremeando as vegetação rasteira há carnaubeiras, árvore da qual tudo se aproveita.

Ainda percorrendo a BR-116, passamos pelo Instituto Penal Paulo Sarassati, o maior presidio do Ceará, várias fábricas dentre elas há a de fazer tijolos, a Trole, a fábrica Santana têxtil, Vulcabrás e têxtil Vicunha que fica quase em frente à entrada de acesso a comunidade quilombola de Alto Alegre. A esquerda se encontra a fabrica Rigesa, uma fabrica de reciclagem de papelão.

Para ir para o Alto Alegre depois que saímos da BR -116 existem duas opções. Uma é escolhendo a entrada em frente a fabrica Rigesa, Ao sairmos do asfalto e entrar numa estrada de paralelepípedos. A outra é indo pelo cajueiro da Malhada. Neste entramos numa estrada de terra, ladeada de cajueiros. Assim passando o ginásio esportivo da comunidade, temos o canal do trabalhador, o mercantil e então chega - se a Rua Chagas Bentos onde se encontra a associação de moradores e mais a creche de educação infantil a qual atende às crianças quilombolas.

7- Quem sou eu: um esboço de autobiografia.

A autobiografia é uma forma de pesquisa muito atual, esta serve neste trabalho para explicar de que perspectiva eu falo e faço a pesquisa.

Ser uma mulher negra em Fortaleza, capital de um estado como Ceará, pode ser uma provação. Quase todo santo dia alguém me para na rua e em outros s lugares ou simplesmente chega perto de mim e diz: “você não é daqui”? “de onde você é”? ” E ainda,” você é baiana”?

Enquanto maranhense e negra no Ceará, muitas vezes escutei as perguntas que não eram só perguntas, mas sim afirmação: você não é daqui, em seguida já se fazia outra pergunta; você é baiana? Quando eu perguntava por que, a resposta era “no Ceará não temos negros”. Estes questionamentos me levaram a uma reflexão: só tem negra e negro no Ceará os que imigraram de outros estados brasileiros, como Bahia, Maranhão e Rio de Janeiro. Mas em especial parece que só Bahia tem negra (o). Em alguns momentos tinha medo ou raiva destas perguntas e não respondia, às vezes respondia sou daqui. E para algumas pessoas eu respondia educadamente: sou de Caxias Maranhão, vim morar em Fortaleza com minha irmã mais velha porque quero estudar, para ler e escrever bem.

Sou a oitava filha de uma família maranhense, minha mãe Jacira e meu Pai Eudino moravam no sertão chamado Bom Lugar, onde viviam da agricultura com suas quatro filhas e seus quatro filhos. Plantavam, colhiam, cuidavam das suas criações, tinham sempre um paiol cheio de sereias e algumas criações no quintal.

Eu não vivi neste tempo, pois ainda quando eu tinha apenas um ano e meio meu pai mudou para a cidade de Caxias do Maranhão, levando os nove filhos consigo. Assim vivi meus seis a sete anos nesta cidade. Meu pai, mesmo sendo um negro pobre, a pedido dos meus irmãos mais velhos arranjou uma professora para nos ensinar as primeiras letras, o que não durou muito, pois a professora queria namorar com meu pai, por isso os meus irmãos enciumados não quiseram mais estudar com ela. Depois de um tempo eu fui ter minhas primeiras aulas, mas devido meu pai viajar muito para trabalhar eu não fiquei muito tempo na escola, pois muitas vezes eu tinha que ir com ele ou ser levada para a casa de alguém da família. Eu imagino que fosse uma forma de proteção e compensação por ter sido retirada dos braços de minha querida mãe ainda pequenina. Com o tempo as condições financeiras ficaram um pouco complicadas e minhas irmãs saíram de casa para estudar e trabalhar, então um dia a minha irmã mais velha, Marilene resolveu levar-me para conhecer Fortaleza, eu gostei muito da cidade grande e decido que quero estudar, já entro na escola um pouco grandinha, mas

tinha fome das letras. Porém era e é complicado financeiramente estudar, os meios não favorecem, mas indo de um lado para o outro, ou melhor, de um estado a outro e de uma cidade à outra, fui crescendo e lutando para estudar. Tive que enfrentar uma dura batalha e sobrepujar vários obstáculos para concluir meus estudos desde o ensino fundamental até agora e nesta batalha passei por alguns lugares como: Fortaleza, São Paulo, Salvador, depois destas voltas retorno a Fortaleza, onde retorno a estudar, e sentir o peso da discriminação, pois começo a sentir as pessoas me olharem como se fosse um ser de outro mundo e o tempo todo perguntando de onde sou.

Percebo que ser negra no Ceará é ser inferiorizada, excluída de tudo, pela minha cor não posso ser “bonita”, “não posso ser bailarina”, não posso ser destaque de nada, ou seja, ser mulher negra e pobre é uma batalha triplica. Que dura batalha eu tive que enfrentar para sobreviver nesta selva de racismo e preconceitos! Porém sou negra, e ser mulher negra é...

Uma vez li, a filha perguntava a mãe: o que significa ser mulher africana?

Ao que a mãe respondeu:

“É ser forte.

É estar em paz consigo mesma.

Você deve ouvir sempre essa voz interior e não permitir que outros a sufoquem.

É medir as palavras; equilibrar cuidadosamente suas tarefas com seus dons; de certa forma é ser desprendida, servir a outros, sem deixar de conhecer e defender incansavelmente seus direitos”.

J. Nozipo Maraira Zenzele
Uma carta para minha filha, 1996, (p.59).

Mas ser mulher é também ser guerreira, forte, feminina, inteligente, é ser criativa para se defender e vencer com a ajuda das guerreiras maiores. Assim sendo mulher negra, terminando a graduação em Normal Superior, sendo professora e educadora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental resolvi reverter a situação, escrevendo sobre a história e contribuições do negro. Também sendo uma pessoa que passou e passa por algumas situações de discriminações raciais e preconceito. Da mesma forma também sou testemunhas destas situações de discriminações através de experiências educacionais e profissionais de 9 anos como professora da educação infantil e ensino fundamental em escolas privadas deste município, que tem como público filhos de assalariados, mas que se consideram ou se dizem classe média. Por estas razões me inquieta muito a situação presente e me estimula tratá-la na dissertação de mestrado.

As mesmas situações também se apresentaram em dois anos de professora estagiária de uma escola pública do município de Maracanaú, na sala de nível I, que visa

atender um público pobre. Excetos algumas crianças, muitas vêm de pais desempregados ou de outros que ganham menos de um salário mínimo. Essa vivência de situações de discriminação racial, que entristecem, me levou a refletir e aumenta o desejo de obter conhecimento, para depois compartilhá-lo com outras pessoas e buscar ou propor ajuda aos que sofrem discriminações.

Como estudante Universitária do Curso Normal Superior tive a oportunidade de cursar a disciplina de História, e por causa desta assisti duas palestras sobre meus antepassados, ou seja, os negros. Nestas se relatou sua vida antes da “escravidão”, antes de serem arrancados de sua pátria e arrastados para o Brasil, e da escravidão se falou sobre a importância do conhecimento deles para a formação do Brasil.

8- Sobre o método de pesquisa.

A metodologia, em torno da história oral, oralidade e memória, é inspirada no trabalho de Luitgarde Barros (2008). Neste trabalho de pesquisa a história oral é pensada em torno de uma população de depoentes do interior do Ceará, tal com a de Luitgarde. Na nossa pesquisa de início trabalharemos o contexto sócio econômico desta micro-região do estado no período de 1950 a 2000. A história regional é pensada por décadas vendo a dinâmica das transformações e serão verificados os fatos importantes como a produção de bens, as lutas políticas e modernização do transporte, da indústria, das comunicações e da eletrificação. Como também as festa populares, as igrejas e os eventos da municipalidade. A documentação escrita. Esta serve de base para pensar as informações vindas da oralidade. A nossa metodologia pressupõe o conhecimento da dinâmica econômica, política e social da região. Também recolhemos e datamos os documentos materiais, máquinas de costura, utensílios, imagens de santo e fotografias. Estes documentos patrimoniais refletem aspectos da cultura e complementa a documentação de outra natureza, como também serve de forma de suscitar as lembranças.

Quanto à documentação oral trabalharemos de três formas, uma com entrevistas semi estruturada, outra com depoimentos e a terceira participando de atividades que invade a noite a aparecem os contadores de caso. Vamos procurar ouvir os grupos de pessoas por grupos geracionais quando possível. Aquelas pessoas que viveram as décadas de 50, 60 e assim por diante. Paralelamente examinaremos a bibliografia sobre comunidades de remanescente de quilombo no Ceará e no nordeste para comparar os achados da pesquisa como nos aponta Maria dos Santos (2005). Do cruzamento destes documentos orais,

patrimoniais e escritos pretendemos compor a história oral desta comunidade nos seus dois núcleos que mais antigos. Entre os depoentes teremos os pesquisadores e pessoas que de alguma forma acompanharam as pesquisas de antropologia da década de 1960.

Vamos privilegiar a reconstrução do passado na dinâmica das décadas, mas consciente em ser uma construção do presente. Sabemos que estaremos trabalhando a oralidade nordestina como material etnográfico, como parte da cultura evidenciando a importância da Memória como preservação da identidade. A identidade social política, não fixa, importante para a territorialidade da comunidade de remanescente de quilombo. Teremos como em Luitgarde uma leitura do lugar privilegiando os significados da percepção, consciência, representação e memória como sobrevivências das imagens passadas (BERGSON, 1990). Embora os temas tenham esta formulação teórica estamos construindo outra mais ligada a oralidade e a cultura africana como veremos mais adiante.

As entrevistas foram realizadas com base nas indicações feitas pelos próprios membros da comunidade as quais seriam as pessoas com maiores conhecimento sobre os diversos aspectos da vida da comunidade e dos trabalhos fora dela.

Para cada entrevista tínhamos um roteiro de temas de maior interesse e fizemos uma conversa com questões abertas.

Todas as entrevistas foram gravadas, às vezes filmadas e todos os locais visitados forma sistemática fotografados como forma de documentação. Não realizamos propriamente um diário de trabalho de campo, mas registramos todas as atividades realizadas em notas anexas as visitas e entrevistas. O registro fotográfico e filmado constitui um grande acervo relativo às impressões da localidade e de seus habitantes. Consideramos a fotografia neste trabalho como registro.

No início da pesquisa o processo de aproximação com a comunidade foi facilitado pela identidade existente entre eu e os moradores locais, a conquista passo a passo numa sequência de visitas. O fato de ser negra e estar numa pesquisa universitária foram visto com euforia, mas também como um elemento de distanciamento. Nas visitas foram percebendo as proximidades de modos de vida e de interesses sociais.

Ter estabelecido amizade com a Leuda foi um fator importante, pois a família dela me acolheu e eles facilitaram o acesso a todas as pessoas da comunidade.

A trajetória da pesquisa ocorre em duas direções e de duas formas. A primeira das direções é relativa à convivência, ouvir e refletir sobre a vida local, sentir e ouvir os casos, as conversas e ir aos diversos locais citados nas conversas. Tomar amplo contato com a territorialidade e os hábitos de vida local. O outro processo é discutir os fatos quase que

quinzenalmente com os orientadores e reformular a cada mês a perspectiva de trabalho. Sempre aparecem novas questões, a cada dia descobrimos uma pergunta ou alguma coisa a compreender.

9- Organização do texto da dissertação

Esta dissertação esta organizada em seis capitulo assim realizados.

O capitulo 1 sobre as idéias de negros no Ceará. Apresentamos uma discussão sobre a problemática da população negra no Ceará. Partindo das dificuldades presentes em a população em geral reconhecer a existência de negra, damos um panorama geral dos caminhos deste debate chegando ate o reconhecimento das comunidades de quilombo no estado do Ceará.

O capitulo 2 , conceitos. Neste são examinados os conceitos para a realização do trabalho.

O capitulo 3 , Localização histórica, econômica e geográfica do município de Alto Alegre. Neste capitulo é estudada a historia da região do município de Horizonte. Levando em conta os dados da produção econômica da região para facilitar a compreensão da inserção da comunidade de Alto Alegre neste espaço geográfico. (tudo economia fica aqui).

O capitulo 4, Histórias e Narrativas dos membros do quilombo. Neste capitulo trabalhamos a construção da história pela oralidade tendo como base a memória coletiva

O capitulo 5, Quilombo de Alto Alegre e a educação. Neste tratamos das diversas ações e educativas, formais e informais que tem ocorrido em Alto Alegre e região.

O capitulo 6, Considerações finais. São apresentadas as considerações conclusivas sobrea pesquisa realizada.

AO POVO EM FORMA DE ARTE Quilombo 1978

Quilombos pesquisou suas raízes
E os momentos mais felizes
De uma raça singular
E veio pra mostrar essa pesquisa
Na ocasião precisa
Em forma de arte popular

Há mais de quarenta mil anos atrás
A arte negra já resplandecia
Mais tarde a Etiópia milenar
Sua cultura até o Egito estendia
Dai o legendário mundo grego
A todo negro de “Etiope” chamou
Depois vieram reinos suntuosos
De nível cultural superior
Que hoje são lembranças de um passado
Que a força da ambição exterminou

Em toda a cultura nacional
Na arte até mesmo na ciência
O modo africano de viver
Exerceu grande influência
E o negro brasileiro
Apesar de tempos infelizes
Lutou, viveu, morreu e se integrou

Sem abandonar suas raízes
Por isso o quilombo desfila
Devolvendo em seu estandarte
A história de suas origens
Ao povo em forma de arte

Música de Martinho da Vila.
Wilson Moreira / Nei Lopes, 1977_ ED. EMI.
Música do CD de Martinho da Vila:
sambas enredos de todos os tempos.

GALERIA DE FOTOS DOS DEPOENTES DA DISSERTAÇÃO

Nesta parte da introdução apresentamos um quadro de fotos apresentando as pessoas cujas falas constituem esta dissertação. E outras que contribuíram direto ou indiretamente.



Figura 1:
Dona Nazinha. Nome Maria Nazaré da Silva Alves. Nazinha minha mãe acolhedora. Foto: Marlene P. Santos, 2011.

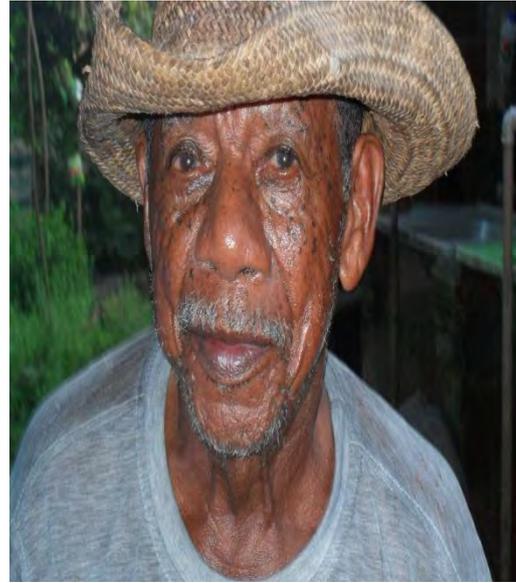


Figura 2:
Tio Cirino. Nome Cirino Augustinho da Silva, um dos mais idosos que sempre conta história do Cazua e as suas. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 3:
Tia Antônia: Nome Antônia Ramalho (esposa do Tio Cirino), faz artesanato. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 4:
Avó da Leuda (paterna): Nome Maria Joana, a senhora mais idosa da comunidade com 86 anos de idade. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 5:
Mãe Davel: Nome Maria Alves da Silva foi parteira durante muitos anos, assim tendo muitos filhos. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 6:
Edmundo: Raimundo Cicero Alves, meu pai acolhedor e contador de história das casas de farinha. Foto: Marlene P. Santos, 2010.



Figura 7:
Dona Sousa: Nome Maria de Sousa Belmino, conhecedora das plantas medicinais, faz xaropes, garrafadas e bonecas de pano. Foto: Marlene P. Santos, 2010.



Figura 8.
Nego do Neco: Nome Francisco Manuel da Silva, vice pres. da associação, uma espécie de relações públicas e guia da comunidade. Ele é quem sempre recebe os visitantes. Foto: Marlene P. Santos, 2010.



Figura 9:
Marlene e Leuda (de blusa branca):
Nome Francisca Edileuda da Silva. Leuda
filha da Nazinha, é professora e ajudou-
me na relação com as outras pessoas, é
amiga e se tornou minha irmã. Foto:
Daniele, 2011.



Figura 10:
Naldo: Nome Francisco Edinaldo da Silva
Alves, filho da Nazinha, líder e percussita
do grupo da comunidade. Foto: Marlene
P. Santos, 2012.



Figura 11:
Dona Celi: Nome Celestina, mãe de santo,
tinha uma casa de Umbanda. Foto:
Marlene P. Santos, 2011.



Figura12:
Lene: Nome Francisca Edilene da Silva
Alves, filha da Nazinha. Foto: Marlene P.
Santos, 2011.



Figura 13:
Tintim: Nome Francisco José de Meneses
 farmacêutico, e muitos o procuram
 quando doentes, pedindo indicação do
 medicamento.
 Foto: Marlene P. Santos, 2012.



Figura 14:
Zé Paulo: Nome José Nogueira,
 comerciante que começou vendendo
 farinha. Foto: Marlene P. Santos, 2012.



Figura 15:
Edina: Nome Francisca Edina da Silva
 Alves filha da Nazinha. Foto: Marlene P.
 Santos, 2011.



Figura 16:
Vô Vicente: Nome Manuel Vicente da
 Silva bisneto do Cazuzo, gosta de contar
 história ainda trab.de roça. Foto:
 Marlene p. Santos, 2012.



Figura 17:
Senhora mais idosa: Nome Maria Amélia Gadelha da Silva
Moradora mais idosa da comunidade do Quilombo da Base – 93 anos. Foto:



Figura 18:
Ana: Nome Tereza de Jesus da Silva.
Segunda pres. da Associação Quilombola (ARQUA). Foto: Marlene P. Santos, 2012.



Figura 19:
Bonequeiras: Nomes: Nomes Oneide, Audenisia (Tica), Toninha e Sousa.
Mulheres que fazem bonecas negras de pano. Foto: Marlene p. Santos, 2012.



Figura 20:
Prof. Haroldo: Nome Francisco Haroldo da Silva pres. da associação quilombola.
Foto: Marlene P. Santos, 2012.



Figura 21:
Direção da creche: Francisca Eliene de Medeiros Barbosa (diretora), Aurea Vieira Lima Filha (coordenadora). Foto: Marlene P. Santos, 2012.



Figura 22:
Primeira professora quilombola: Maria José Alves da Silva. Seu nome foi escolhida através da comunidade p/nomear a creche. Foto: acevo da comunidade.

CAPITULO I – AS IDÉIAS SOBRE OS NEGROS NO CEARÁ.

Em se detalhando os diversos aspectos da cultura do estado do Ceará encontramos em diversas formas a presença de Africanidades e Afrodescendências. Estas presenças poderiam ser exemplificadas de diferentes maneiras dentro da cultura material e imaterial do patrimônio cultural cearense. Alguns exemplos são ligados a toponímia do estado onde aparecem localidades com nomes de origens africanas como Mulungu, Mombaça que são designações de origem Banto encontradas na atualidade no Quênia. Na história da formação sócio econômica do estado já encontramos a referência a existência de populações quilombolas em 1600, sendo que na atualidade é reconhecida a existência de pelo menos 80 comunidades de remanescentes de quilombos. Diversas festas populares tradicionais do estado do Ceará são de origens africanas tais como os reisados e congadas, embora não sejam reconhecidas como tais na literatura sobre cultura do Ceará. Além da existência de Irmandades de Pretos em diversas cidades do estado, temos registro na literatura acadêmica da existência de outras formas de religiosidade de base africana, no presente e no passado. Os maracatus no carnaval da cidade de Fortaleza também são uma marca importante da memória da cultura africana nesse estado.

A dificuldade sobre a abordagem das culturas de base africana na cultura do estado é vista por nós como um problema ideológico, inserido nas relações sociais entre população subalterna sinalizada como afrodescendente e população dominante referida como eurodescendente. Existem procedimentos ideológicos de negação da existência da população afrodescendente no Ceará marcada pela afirmação persistente de que no estado não há negros.

A identificação e o tratamento afrodescendência na cultura cearense é um problema tanto para os sistemas de educação como para as questões políticas da identidade da população afrodescendente do estado do Ceará.

1.1 Afrodescendência na cultura cearense como necessidade

Em razão do ativismo dos movimentos negros intensificados na década de 1970 em diante aparece como problemática social brasileira a situação da população negra e a construção da identidade dos afrodescendentes. Os movimentos sociais negros já estavam presentes no Brasil desde a abolição do escravismo criminoso em 1888 (CUNHA JUNIOR, 1992), mas somente nestes últimos quarenta anos é que passaram para a pauta das preocupações nacionais e receberam resposta pelo estado brasileiro em 1995, como

consequência da grande passeata feita em Brasília em novembro deste ano. Neste período o estado brasileiro reconhece a importância da população africana e afrodescendente na formação do país, confirma a existência de racismo antinegro no Brasil e se compromete com a realização de políticas de ações afirmativas para o desenvolvimento sócio econômico desta população. Como consequência destas políticas de ações afirmativas é elaborada e aprovada a lei 10.639 / 2003 que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afrodescendente nos sistemas de ensino fundamental e meio. Em 2007 realizei um estudo para compreender como estava a implantação desta lei no Município de Maracanaú no estado do Ceará (SANTOS, 2007). A pesquisa pretendia recensear as práticas educativas e iniciativas para a implantação desta lei. No decorrer da pesquisa apareceram constantes contestações sobre a necessidade da lei e sobre a presença da população afrodescendente no estado. As afirmações por diretores de escolas e professores que no Ceará não tinha negros, que não existia cultura negra no Ceará eram veementes e reveladoras de diversos problemas de ordem política no campo das relações sociais e de poder.

Nesta pesquisa de 2007 (SANTOS, 2007) ficou demarcado que uma das dificuldades em reconhecer a existência de cultura afrodescendente no Ceará era resultado de uma construção ideológica que negava a história real do estado. Sustentava a negação da existência de população negra baseada nos fatos de que no Ceará não havia produção açucareira e que o estado teria abolido o escravismo 4 anos antes do restante do país e com isto teriam ido embora todos os negros (CUNHA JUNIOR, 2007).

A associação do escravismo à produção açucareira, e desta à existência de população negra nas regiões tem sido motivo de um erro conceitual na história brasileira. Num exame amplo do escravismo no Brasil vemos que em muitos estados a atividade econômica escravista esteve ligada a outras culturas que não a da cana, como a do cacau, algodão e coco (sobre tudo a fibra de coco). Ou então as atividades da pesca, da navegação, das atividades urbanas e a mineração. Exemplos importantes muito bem estudados são a economia da carne de charque no Rio Grande do Sul (GUTIEREZ, 2001), (CORSETTI, 1983) e da mineração nos estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Mato Grosso (GUIMARAES, 1996), (PAIVA, 1999), (MOURA, 2007).

Somente na estreita faixa de terra do nordeste brasileiro de solo de massapé o escravismo esteve ligado à produção açucareira de exportação. Entretanto nesta mesma região nordeste até 1888 o sertão era local de outras atividades, dentre elas, a pecuária do gado, esta pecuária do gado que na cultura brasileira não é identificada como uma atividade de produção

escravista de intensa mão de obra devido não estudarmos a cadeia produtiva do boi. Dai temos uma produção de couro e de carne de charque bastante intensiva em mão de obra.

Outro problema histórico brasileiro é não associarmos à cultura do boi as culturas africanas. A cultura do gado, do boi e das festas relativas ao boi no Brasil é referida de modo equivocado a Portugal e não à África. No entanto, recentes pesquisas têm demonstrado que as festas do boi são parte de festas africanas (UNITRON, 2009), (GALLY, 1987) como também o boi, os trabalhos em couro e a curtume foram transportados da África do Norte e Ocidental para o Brasil e Portugal. Neste sentido deduzimos que a abordagem da afrodescendência e da cultura cearense depende de uma revisão da história econômica do Ceará.

Dentre o material de referência da Especialização em Cultura Folclórica do IFET-Ceará, são poucas as referências sobre o patrimônio cultural afrodescendente. Persiste a idéia da fonte portuguesa e indígena das manifestações culturais cearenses tais como as danças populares a Congada e Reisado. Porém a literatura nacional sobre estas danças estas são referidas à cultura de base africana (RAMOS, 2000).

Temos que observar que está em curso no campo da pesquisa universitária uma ampla revisão sobre o patrimônio cultural afrodescendente no estado do Ceará. São trabalhos na sociologia, história e educação. Temos estudos relativos as presenças de comunidades de quilombo (DANTAS, 2009), (BEZERRA, 2002), (RATTS, 2001). Sobre a história das irmandades também estão sendo realizadas novas avaliações sobre a presença negra no estado (SOUZA, 2001), (COSTA, 2006). No campo das religiões de base africana está sendo realizado um número importante de estudos (LAPLANTINE, 1988), (HOLANDA, 2009), (BANDEIRA, 2009), (CRUZ, 2009), (MADEIRA, 2009). Com relação a educação são vários os exemplos dentre os quais podemos nomear (OLIVEIRA, 2005), (CONCEIÇÃO, 2001), (NUNES, 2007), (SILVA, 2007), (SILVA, 2009).

Por último devemos frisar que a agricultura da cana de açúcar teve também papel importante na economia do Ceará (SÁ, 1988), apenas essa produção de cana de açúcar não estava relacionada à grande exportação. O Ceará teve a produção de rapadura e de aguardente como principal produto.

1.2 A base conceitual para um novo enfoque sobre afrodescendência e cultura cearense

Muitas das dificuldades conceituais para levantamento dos acervos culturais de base africana no Brasil estão relacionadas à desinformação sobre o continente africano e sua história. Existe dificuldade em relacionar trabalho com tecnologias, mão de obra africana com

desenvolvimento econômico da colônia e do império no Brasil. A mão de obra africana ainda é em muito pensada na sociedade do Ceará como de pessoas vindas de sociedades primitivas sem um legado material de conhecimento tecnológico nas áreas da agricultura, mineração, manufatura, metalurgia, navegação, construção e comércio. Neste sentido as indústrias do couro e do charque constituem um repertório cultural (LIMA / CUNHA JUNIOR, 2000) de base africana que o nordeste brasileiro tem dificuldade em levantar. Repertório este que é básico para a compreensão do sertão como a civilização do gado no Ceará.

Outro problema também de fundo conceitual é que olhamos as culturas brasileiras como muito particulares e com ênfase na cultura indígena e cabocla. Inventamos explicações sem notarmos que em outros países como Uruguai, Cuba, Venezuela e Guiana o mesmo fato se repete. A reprodução semelhante é um indicativo da existência de base africana em comum. Assim o Candomblé, a Umbanda e a Capoeira não são particularidades da cultura brasileira na sua essência. Da mesma forma que o baião de dois e a rapadura, eles existem na Guiana. Mesmo o cristianismo possui raízes africanas na Etiópia, Sudão e Egito, que se difundiu em outros estados africanos anteriores a presença sistemática européia do período do escravismo criminoso nas Américas. Este também passa por fusões e modificações da influência ibérica (portuguesa e espanhola) e resulta num catolicismo de preto, que não é apenas particular à cultura brasileira, mas presente com fortes semelhanças em outros países da América hispânica.

A presença dos Mouros na península ibérica por sete séculos, não é referida no Brasil como uma presença africana. Dado uma divisão mental problemática e ideológica em África Negra e uma suposta África Branca, referimos as culturas mulçumanas como parte apenas dos territórios Árabes asiáticos. As culturas mulçumanas se formaram num imenso processo comercial de rotas que atravessaram o continente africano e asiático e influenciaram ambos continentes entre os séculos 6 e 15. Os Mouros, almorovitas são africanos arabizados das regiões do Marrocos, Mali, Argélia e Tunísia. Fundem populações Berberes com Tuaregues num processo histórico de séculos de rotas comerciais e expansão mulçumana (CUNHA JUNIOR, 2007 a). A relação da cultura Moura (Africana) com a cultura do Ceará e do Nordeste é um problema histórico e cultural a ser pesquisado. São formas de afrodescendência na cultura cearense ainda não percebidas como tais devido às limitações da interpretação das histórias africana e brasileira.

Um dos fortes problemas conceituais que persiste nas abordagens sobre a afrodescendência na cultura do Ceará está relacionado às limitações das idéias de raça biológica e raça social. Os denominados negros e brancos são vistos como grupos estanques e

de fenótipos fixos em formas ideológicas. Neste sentido, a mestiçagem é vista como a dissolução do grupo negro, portanto não a transformação deste em outro, mas no seu desaparecimento. Também se confunde a história cultural e sócio- econômica com a percepção biológica de raça e de mestiçagem. Então a negação da afrodescendência nos seus aspectos históricos é errônea e baseada na dissolução do negro como conceito da mestiçagem. Entretanto a mesma operação conceitual não é repetida com os sinalizados como brancos e nem com a cultura considerada européia (CUNHA JUNIOR, 2005).

Os conceitos de africanidades e afrodescendência utilizados por nós tem como sentido focalizar as relações sociais e a cultura como um produto das histórias sociológicas, fundindo um conceito de etnia afrodescendente (CUNHA JUNIOR, 2001). Conceito de etnia não de natureza antropológica, mas sim da histórica. Este conceito é baseado na história de africanos transportados para o Brasil, vivendo o escravismo criminoso. Como também de seus descendentes dos sistemas do escravismo criminoso e no capitalismo racista (CUNHA JUNIOR / RAMOS, 2007). Assim definimos racismo como parte de um sistema de dominação e não como o ódio entre grupos étnicos.

1.3 Preconceitos contra as religiões de base africana no Ceará

Nas formações urbanas das cidades brasileiras sempre vamos encontrando as marcas das africanidades dados pelas presenças de terreiros de Umbanda e Candomblé (ANJOS, 2006). Estes terreiros existem em quantidade significativa nas cidades do Ceará, principalmente em Fortaleza e Juazeiro do Norte (NUNES, 2007), (BANDEIRA, 2009). Devido aos preconceitos estes terreiros são negados a existência e muitos dos seus frequentadores têm vergonha de se declarem participantes das religiões da Umbanda e do Candomblé.

As religiões de origem africana são vistas como algo ruim, acusadas pelos cristãos de coisas como do diabo, e terreiros são falados como locais de prostituição e maus hábitos. Devido aos terreiros terem a imagem de Exu na entrada, o moralismo e desconhecimento os confundem com elementos diabólicos. A imagem do “diabo” (já que Exu não é de fato o diabo) causa medo e temor do que o povo chama de feitiçaria. As imagens dos valores do mundo cristão europeu são transferidas para a classificação das imagens do Candomblé e da Umbanda causando temor à população não esclarecida dos fatos e das finalidades desta religião.

A rejeição às imagens e valores africanos é forte mesmo nas escolas e outras instituições de ensino como faculdades. Esta rejeição implica em discriminações e generalização acerca das religiões às pessoas negras. Toda discriminação sobre a religião e a cultura de base africana recai também sobre a população negra como uma generalização social (SANTOS, 2007).

Outro problema que acompanha os preconceitos é com relação ao homossexualismo. Como as religiões de base africana não costumam discriminar os hábitos sociais nem a presença de homossexuais nos terreiros, isto leva os preconceituosos a imputar o homossexualismo como parte da religião. Ficam associadas duas práticas alvo de preconceitos nas as religiões do Candomblé e da Umbanda.

Os textos escolares discriminam quando não classificam o Candomblé e Umbanda como religiões, mas sim como “seitas” e “cultos”. Ficam com denominações que as diferenciam da categorização de outras religiões como o Cristianismo ou o Budismo.

Saudação, quilombola!
A luta continua povo negro...

Padê de Exu Libertador

(...)

Exu

Tu que és o senhor dos

Caminho da libertação do teu povo

Sabes daqueles que empunharam

Teus ferros em busca

Contra a injustiça e a opressão

Zumbi, Luiza Mahin, Luiz Gama,

Cosme, Isidoro, João Candido

Sabes que em cada coração de negro

Há um quilombo pulsando

Em cada barraco

Outros palmares crepita

Os fogos de Xangô iluminando nossa luta
atual e passada.

(...)

Abdias Nascimento, 2006.

*Jornal Zumbio

Informativo do Centro de Cultura Negra do Maranhão

12 Edição Especial_ Setembro 2006, p.8. (COLOCAR NA BIBLIOG.)

CAPITULO II – CONCEITOS E DEFINIÇÕES

2.1 Conceito de quilombo

Sobre o conceito de quilombo na a história do Brasil ele apresenta várias conotações, desde reunião de negros fugidos para o mato até o atual significado baseado na constituição brasileira (SANTOS, 1995). Os quilombos ganharam um estatuto novo na história política brasileira com o seu reconhecimento como Comunidades de Remanescentes de Quilombos na Constituição de 1988.

O conceito de quilombo foi muito nutrido pelos movimentos negros pela necessidade de auto- reconhecimento da negritude das populações negras e suas especificidades no âmbito do movimento social, se entendemos negritude como cultura e história de uma população numa perspectiva de qualificação social. Ser valorizado e respeitado socialmente foi sempre o desejo das populações negras no Brasil e expresso nos diversos movimentos negros.

Quando se pensa ou fala em quilombo, logo nos reportamos para um lugar no meio dos matos, para onde os negros escravizados fugiam, mas quilombo é mais do que espaço físico que nos leva a pensar e buscar subscrevermos um novo conceito a partir da educação e das relações étnico-raciais. Não só como local de fuga ou resistência, mas como busca espacial, é que por todo o país, agrupamentos negros rurais, suburbanos e urbanos, se construíram ao longo dos anos, formando um território que é social- histórico, através da manutenção e reprodução de um modo de vida culturalmente próprio.

Sobre as origens da palavra quilombo podemos encontrar algumas informações, sendo a mais conhecida a do professor Kabengele Munanga:

A palavra Kilombo é originária da língua banto umbundo, falada pelo povo ovimbundo, que se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África Central, mais especificamente na área formada pela atual República Democrática do Congo (antigo Zaire) e Angola. Apesar de ser um termo umbundo, constitui-se em um agrupamento militar composto pelos jaga ou imbangala (de Angola) e os lundos (do Zaire) no século XVII. (MUNANGA, 2004).

Nas definições vemos também que quilombo não pode ser reduzido a algo do passado:

Quilombo, ou melhor, reminiscência não é coisa do passado, está em movimento no processo histórico e apresentam problemas sócio-econômicos, jurídicos

contemporâneos. Precisam ser devidamente reconhecida na atualidade histórica e não estereotipada ou negada suas permanências que na lógica histórica foram adaptadas, revigoradas como todas as histórias em interação com os tempos, que sempre foram dinâmicas. O reconhecimento histórico é fundamental tanto para obtenção de direitos sociais como para o processo de construção de identidade. (DANTAS, 2009. p. 48).

Quilombo é uma palavra de origem africana, vem do quimbundo kilombo, com vários significados. Segundo Dantas, no uso africano, quilombo nos remete à região dos Reinos do Ndongo, do Congo, do Ovimbundu e Ngangela, espaço geográfico demarcado pelos Rios Zaire, Kimongo, Kenanza e seus afluentes, na África Central nos séculos XVI e XVII. (PARREIRA, 1997, apud DANTAS, 2009: p.64).

Segundo Rafael Sanzio dos Anjos (2006: p 46), “a palavra quilombo tem origem na língua banto e se aproxima de termos como habitação, acampamento, floresta e guerreiro. Na região central da bacia do Congo, significa “lugar para estar com Deus”. DOS ANJOS ressalta essa sacralidade na luta que os negros tiveram que empreender para manter-se nas terras que eles conquistaram:

Na Lei de Terras do Brasil, de 1850, os africanos e seus descendentes foram excluídos da categoria de brasileiros e classificados apenas como libertos. Mesmo que tivessem comprado, herdado ou recebido terra em doação, eram freqüentemente expulsos dos territórios escolhidos para viver. Assim, para o povo quilombola a terra sagrada e comunitária passou a ter outro significado: a luta para mantê-la, exatamente como faziam os seus ancestrais. (ANJOS, 2006.p.62).

Andrewes chama a atenção para o fato da Colômbia e o Brasil serem os únicos a terem uma lei, que mesmo de forma capenga, garante proteção às terras de comunidades negras e institui ensinos afros:

Na Colômbia, os ativistas negros orgulham-se de ter conseguido proteções constitucionais para as terras de propriedade dos negros (assim como a pesquisa e o ensino sobre a história e sobre a cultura afro-colombianas, obrigatórios por lei federal), mas teme que com o desenvolvimento econômico nas planícies florestais do Pacífico, as leis não sejam adequadamente cumpridas e as famílias negras percam as terras em que caçaram, mineraram e cultivaram durante gerações. (2007: p.224).

Na Constituição de 1988, o direito das comunidades de quilombo foi consolidado dentro do item comunidades rurais e comunidades tradicionais. A formulação de comunidades tradicionais foi baseada no conceito de patrimônio histórico e cultural.

A constituição da República Federativa do Brasil de 1988 reconhece dentro do conjunto das comunidades rurais tradicionais a existência de remanescentes de quilombos e

mocambos. Comunidades reconhecidas como quilombos são formas de enfrentamento à sociedade escravista das populações de africanos e seus descendentes. Trata-se de populações com especificidades históricas e culturais, mas inseridas dentro da categoria população negra. O reconhecimento dos remanescentes de quilombo indica uma história de movimentos sociais de luta pelo direito à terra e ao patrimônio cultural. Quilombos ou comunidades de quilombo fazem parte das reivindicações históricas, econômicas, políticas e sociais pautadas pelos movimentos negros. Os quilombos têm aspectos espaciais, temporais e culturais próprios. Constituem uma herança africana que ao longo de décadas realizam naturalmente no fazer de todos os dias transmissões de conhecimentos técnicos, científicos, religiosos e culturais de origem africana. No estado do Ceará, dada a formação ideológica de negação da presença negra na constituição histórica local, o reconhecimento da existência de comunidades de quilombos ou de comunidades negras rurais é muito recente, embora desde a origem do povoamento do estado se noticie a existência de quilombos (NOBRE, 1988). Hoje eles fazem parte, sobretudo do discurso social atual, já sendo reconhecidas mais de 80 comunidades.

Através da diversidade de processos, os negros africanos e seus descendentes construíram comunidades no meio rural brasileiro ao longo dos séculos. E com a Constituição Federal de 1988, por meio do artigo 68 das Disposições Transitórias, o estado brasileiro buscou reconhecer às comunidades remanescentes de quilombos o direito de propriedade das terras que ocupam:

Art.216. Inciso. S5-Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.
 Disposições Transitórias - Art. 68- Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras são reconhecidas a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (CONSTITUIÇÃO DO BRASIL, 1988).

O decreto 4.887/03 regulamentou os procedimentos para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por esses grupos. A publicação desse decreto institui também que a caracterização dessas comunidades como remanescentes de quilombos deve ser atestada mediante auto-definição dos membros das próprias comunidades.

Estes decretos reconhecem a denominação histórica de quilombos ou de mocambos como lugares de moradia de população negra, ou de origem africana. Portanto mocambo é tratado como sinônimo de quilombo.

Na prática a titulação das terras é o último passo de um processo em três etapas. Somente a titulação garante o direito à propriedade da terra. Na primeira etapa é necessário o auto-reconhecimento, ou a auto-definição da comunidade e a solicitação do reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares, órgão do ministério da Cultura. A ideia do reconhecimento é baseada no recolhimento e organização do patrimônio cultural da comunidade, sua memória coletiva e histórica. Obtido o reconhecimento na Fundação Cultural Palmares, a etapa seguinte consiste na solicitação da titulação no INCRA. O processo no INCRA depende de um laudo denominado de antropológico elaborado pelos antropólogos deste órgão. A dificuldade burocrática é a demora deste laudo visto o número reduzido de profissionais de antropologia. No caso do Ceará existe apenas um antropólogo para todo o estado, e uma demanda de mais de trinta localidades sendo necessário em média um mês para cada laudo.

Vemos então que para reconhecimento das suas terras, os remanescentes precisam se auto-definir como quilombolas, o que também significa perceberem-se como negros/as. Esta dificuldade é devido às informações controvertidas do que é ser negro, e às imposições e assimilação do racismo e o menosprezo que atinge a sua cultura. Os que foram dados a possibilidade de perceber a importância de sua cultura já se colocam de forma mais afirmativa e combativa perante a sociedade envolvente, inclusive assumindo sua negritude. Assim o desconhecimento explícito do texto do Artigo 216 da constituição de 1988 é relativizado pela prática de valorização de suas manifestações culturais, reconhecidas como patrimônio imaterial brasileiro.

O Ceará é um estado que construiu uma forte resistência da população em se definir como negra ou descendente de negros. Mesmo com o censo demográfico do IBGE indicando um alto índice de pretos e pardos (64%), permanecem as declarações de que no Ceará não há negros. O fato de se acreditar de forma ideológica que no Ceará não há negro implica que não teríamos cultura negra e nem comunidades de remanescentes de quilombos.

No passado o Instituto Histórico do Ceará foi uma das organizações que trabalhou a ideia que no estado não haveria negros visto que a produção escravista tinha sido fraca em comparação com a dos estados de Pernambuco e Bahia. A negação oficial da existência de negros no estado era dada pelas pesquisas vindas deste órgão e as suas afirmações não eram problematizadas.

A discussão sobre a população negra no Ceará tomou força a partir de 1980, com os movimentos negros e principalmente com o Movimento dos Agentes Pastorais Negros – APN, particularmente entre 1985 e 1995. RATTs lembra que foi um período de (re)nascimento do movimento negro:

... na década de 80 nasce o movimento negro no estado, o que desencadeia um processo de afirmação da presença negra nos bairros e favelas de Fortaleza e em vários municípios do interior através, principalmente, da formação de grupos. (RATTS, 2009, P.19).

Depois os movimentos negros passaram a enfatizar as revisões da história do Ceará para combater as afirmações errôneas realizadas pelos historiadores sobre a formação populacional cearense enquanto branca ou indígena. Nesta revisão foi produzido um número considerável de dados e indicadores acerca da existência de produção escravista e de concentração de trabalho escravo nas cidades e no campo.

Hoje com a influência desses debates e interferências já temos um movimento de comunidades negras rurais que em determinado tempo histórico se auto-identificam como comunidades de quilombo e passam a solicitar do estado e da federação direitos presentes na constituição de 1988, notadamente políticas de ação afirmativa. Assim encontramos cada vez mais comunidades negras cearenses identificando-se como negras e quilombolas.

O quilombo também pode ser visto como parte do movimento social rural. Mas nem sempre sua caracterização como tal é evidente, pois ele não luta em primeiro lugar pela reforma agrária. A posse da terra é uma questão importante, mas o combate ao racismo, a obtenção de respeito social na região é uma das lutas fundamentais das comunidades de quilombo. O racismo, os preconceitos e as discriminações marcam muito a vida das populações negras rurais.

Devemos ainda ver que quilombos apareceram em toda a América Latina com nomes diferentes. O nome mais comum nas Américas é o de Marrons ou Maroons como na Jamaica, na maioria das ilhas do Caribe e Guianas (BEZERRA, 2012). Palanques em Cuba e Panamá, também em Cuba usa o termo cimarrón.

2.2 A Evolução sobre as ideias de quilombos na história do Brasil

No período escravista quilombo ou mocambos tinham definição como os denominados ajuntamentos de negro, que era conjunto com mais de cinco casas ou malocas. Definições as eram dadas pela sociedade escravista como para justificar a repressão pelas autoridades (REIS / GOMES, 1996).

É provável que o antropólogo negro baiano Edson Carneiro tenha sido o primeiro estudioso sistemático da história do quilombo dos Palmares a escrever sobre o assunto em 1947. . “O quilombo dos Palmares: 1630 – 1695” (CARNEIRO, 1947) contou com uma

primeira edição muito festejada pelos movimentos negros que estavam em grande evidência no Rio de Janeiro e em São Paulo com importantes movimentos como o Teatro Experimental do Negro (NASCIMENTO, 1982), sendo reeditado em 1956 e 1958. Outro livro de importância e pouco conhecidos que passou despercebido do grande público foi o “Reino de Palmares” escrito por M. Freitas e publicado em 1954 pela biblioteca do Exército Brasileiro (FREITAS, 1954).

Nas universidades brasileiras foi a antropóloga Maria de Lourdes Bandeira uma das pesquisadoras pioneiras nos estudos sobre a identidade étnica das comunidades negras rurais tendo como base a geografia. A identidade dos grupos negros adquirem um enfoque de territorialidade, que configurou uma situação de autoridade e que demarca uma especificidade. As relações sociais passam a ser analisadas com um recorte racial, a base territorial como determinante é marcada pelo uso da terra. São incluídos os modos de produção e sistemas de trocas, relações sociais e políticas com as comunidades vizinhas e as formas de sociabilidade internas, as festas e expressões culturais bem como a memória social. Maria de Lourdes Bandeira reúne e conecta todos os fatores considerados hoje determinantes na compreensão das comunidades de quilombos. Realizou seu estudo pioneiro da territorialidade negra de Vila Bela em Mato Grosso (BANDEIRA, 1988).

A professora da Universidade Federal de Santa Catarina Ilka Boaventura Leite, através de um núcleo de pesquisas vem desde 1991 fazendo estudos sobre comunidades de quilombos no sul do país e tornou-se uma das principais referências para a discussão das identidades e cidadania das comunidades negras rurais e bairros urbanos (LEITE, 1991). O Núcleo de Estudo sobre Identidade e relações interétnicas (NUER) realiza um número importante de projetos, estudos e publicações que contribuiu decisivamente para as metodologias, enfoques teóricos e empíricos, sobre os laudos de reconhecimento das comunidades de quilombos (LEITE, 1996).

Os estudos geográficos voltados para quilombos exerceram a tarefa de determinar a grandeza numérica e as densidades das comunidades de quilombos nas diversas regiões do Brasil. Na geografia neste trabalho se destaca o professor da Universidade de Brasília Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (ANJOS, 2005), (ANJOS 2011).

A definição de quilombos ou de remanescentes de quilombos na atualidade é vinculada à dimensão territorial, ou seja, o território define a comunidade de quilombo. Os territórios para a definição das comunidades de quilombo pode ser retirada dos enfoques dados por Santos (1996) para espaço geográfico e território que por sua vez se apóia na definição de patrimônio cultural.

Desta maneira, com a produção humana há a produção do espaço. O trabalho manual foi sendo relegado a segundo plano e a maquinaria foi sendo cada vez mais usada até chegar a automação. A produção do espaço é resultado da ação do homem agindo sobre o próprio espaço, através de objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o também faz parte do rol das forças produtivas. (SANTOS, 1996, pagina 64).

Entre os seres humanos e a natureza existe uma relação que é cultural, política e técnica, assim o espaço geográfico é um espaço historicamente construído.

O território ganha sua importância na definição de configuração territorial. A configuração territorial é para Milton Santos (1996) uma totalidade que articula o espaço geográfico a um conjunto da sociedade. O território tem valor econômico não apenas pelas suas partes, mas pelo todo da sociedade que classifica, o torna institucional e atribui a ele valor social e econômico.

Na atualidade algumas definições conceituais de comunidades de quilombos ou de remanescentes de quilombos são produzidas como respostas à necessidade de solução de problemas estruturais, históricos, culturais e jurídicos dessas populações, havendo uma identidade de patrimônio cultural e de bens materiais e imateriais. Território, cultura, identidade e história são as categorias mais comumente presentes na discussão conceitual de quilombos como patrimônio histórico ou cultural.

O conceito de quilombo foi pensado no campo da identidade cultural, do território e da permanência histórica. O termo patrimônio cultural pode ser visto como material e imaterial, mas ambos ligados à produção da identidade e da territorialidade (LARAIA, 2004). Embora o pensamento nacional predominante no campo de patrimônio cultural tenha trabalhado por muito tempo com a idéia de monumentos e a idéia de patrimônio material visando à preservação, hoje essas noções foram ampliadas e formatam um conceito de patrimônio cultural fundamentado na referência aos processos culturais. Ressalta-se que a preocupação com a construção de um adequado conceito de patrimônio incide na discussão entre a nação, a identidade e a territorialidade nacionais. Assim, então, identidade e territorialidade são dois requisitos fundamentais para a referência cultural e esta, por sua vez, para os conceitos ampliados do que vem a ser o patrimônio cultural material e imaterial. Essa referência cultural tem forte vinculação com a relação de pertencimento no sentido de “nossa identidade” “nossa territorialidade”.

Atualmente, devido às novas percepções sobre comunidade negras rurais, e à definição de quilombos e remanescentes de quilombos temos visto que comunidades rurais e urbanas, que antes se viam como mestiços ou brancos estão se definindo como negras,

passando a ter uma consciência política e afetiva de cor negra, configurando-se como famílias negras. Este fato está muito presente na realidade recente do estado do Ceará. Desta forma podemos concluir que os negros enfrentaram um passado difícil, seu espírito de luta pela dignidade permanece, e cria uma nova perspectiva marcando um novo tempo para a vida em comunidades negras rurais como remanescentes de quilombos.

2.3 A identidade coletiva enquanto fator de conhecimento

A definição de identidade sofre na atualidade muitos ataques. Visto que a identidade tem determinado a existência de grupos sociais diferenciados e com direitos sociais diferenciados surge um campo político de disputa pela afirmação ou pela negação das identidades. Certamente as identidades não são fixas, são dinâmicas como a história. A identidade coletiva e individual como a Ciampa (2002) é um problema político e de direitos sociais.

A questão das políticas de identidade de grupo envolve a discussão sobre a autonomia (ou não), que se transforma para os indivíduos em indagações sociais sobre a autenticidade (ou não) de identidades políticas, talvez refletindo duas visões opostas, dependendo de se colocar a ênfase na igualdade – uma sociedade centrada no estado – ou na liberdade – uma sociedade composta por indivíduos. (pág. 134).

Desde o advento das Nações Unidas e da declaração dos direitos humanos a confirmação da identidade de um povo funciona como instrumento do direito de autonomia deste povo (NAÇÕES UNIDAS). Porém os direitos sociais das populações negras têm sido postos em discussão ou em contestação quando se afirma não existirem no cotidiano da sociedade identidades negras brasileiras. Questionar quem é negro, o que é o negro, mostra a dificuldade de reconhecimento da identidade negra (SANTOS, 2010). Para os movimentos negros e para as comunidades de quilombo a existência de uma identidade coletiva, cultural ou política é uma questão de sobrevivência. Da existência da identidade surgem os marcos de valores culturais e sociais comuns. Dela são reconhecidos os direitos sociais e civis.

A identidade tem sido discutida ao longo da história do conhecimento humano por diversas correntes de pensamento. Uma dela é a corrente da psicologia social em particular a vertente da psicologia sócio-histórica (SILVA, 2000), (CIAMPA, 2002). A identidade tem a ver com o psiquismo humano e com as formas de vida através da história e da formação da sociedade. A identidade implica na fixação do indivíduo e dos grupos de indivíduos ao meio físico.

Silva (2000, p 85) ressalta a importância das relações de poder, de cultura e das relações sociais na formação da identidade, na sua fixação ou na sua desestabilização. No presente temos os movimentos contrários às comunidades de quilombo forçando a desestabilização da identidade quilombola. Os argumentos sobre a mestiçagem também são formas de contestação da existência de uma identidade quilombola. Na fixação da identidade social do grupo Silva afirma que:

é necessário criar laços imaginários que permitam ligar pessoas que sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum sentimento de terem qualquer coisa em comum.

Não se trata apenas, portanto, de convivência em uma sociedade, mas do estabelecimento de laços comuns. Dentre estas ligações à própria luta elaborada como movimento social reforça os elos de identidade. No caso dos quilombos a identidade é reconhecida sobre tudo pelo apelo a história oral à memória coletiva (SANTOS, 2010).

Outra forma de abordar a identidade e sua formação é através do reconhecimento do patrimônio histórico e cultural. O patrimônio histórico e o direito a valorização desta leva a se reconhecer as identidades individual e coletiva (NOUGUEIRA, 2008).

Podemos pensar em definir comunidades de quilombo e remanescente de quilombo como um território de identidade coletiva de uma população afrodescendentes demarcada pela história social desta comunidade. Sendo que os laços de identidade são descritos pela memória coletiva e pelas transformações da cultura do grupo social. Para tal podemos fazer uso tanto da definição de patrimônio cultural como da história social comum nestas comunidades. Desta maneira a identificação e reconhecimento das comunidades de quilombos poderia ter forte apelo à história coletiva aos laços de identidade entre os membros e uso comum do território.

Quilombos e comunidades de quilombos ou de remanescentes de quilombos são movimentos sociais rurais que se enquadram na nomenclatura dos movimentos sociais dos anos de 1980. Embora já existentes desde épocas muito anteriores estes movimentos sociais somente recebem visibilidade com a constituinte dentro da ótica dos movimentos negros. E vista à teoria dos movimentos sociais podemos classificá-los como movimentos sociais rurais de luta pela terra (LEITE, 2004, página 83).

2.4 Ancestralidade

Meus ancestrais

“Trazidos em navios negreiros
 Muitos morreram de banzo antes de aqui chegar
 A boca secava de sede,
 Caíram no samba para a dor passar
 Criaram uma luta nas matas e debaixo do nariz do feitor
 Dançavam pra disfarçar,
 Batuque, São Bento Grande, Santa Maria,
 São Bento Pequeno, lúna, Cavalaria.
 É bom e tenho o prazer de dizer que sou Afro-Brasileiro
 Nossa cultura se expande pelo mundo inteiro
 Tem até europeu tocando berimbau e pandeiro
 Do mundo do açúcar a computadores
 Toca-disco, fax celular,
 Rádio de pilha, desemprego
 Me mande um e-mail pra gente se comunicar
 Do mundo do açúcar a computadores
 Toca-disco, fax, celular,
 Rádio de pilha, desemprego
 Me mande um e-mail para gente se aquilombar
 Hei, black broder
 Levante lute
 Na moral
 Hei, black broder
 Se ligue e lute na moral.
 E ai Domingos Jorge Velho qual é a sua?
 O quilombo permanece vivo, aluta continua
 Na ditadura grandes mestres foram exilados
 Seu Rui Barbosa cadê os livros de História que foram queimados?
 Na minha cidade 21 de abril é feriado
 E 20 de novembro mal é lembrado

Mas mesmo assim trago sorriso no rosto tenho o samba no pé
 Sou bamba de capoeira e acredito no meu candomblé
 Aróbobóyie Oxumarê
 Patacuri Ogum Comorodé ode
 Kabiésilé Kawó
 Tem muito mais não tenho preconceito!
 Pelo contrário tenho orgulho estampado no peito
 Somos miscigenados por inteiro
 Salve o povo índio branco afro-brasileiro.

Música: Black Brode. Autores:
 Mestre Negoativo/Alexandro Cardoso - Berimbrown

A ancestralidade é um valor das sociedades africanas tradicionais de grande importância para a cosmovisão africana e que aparece também no Brasil através das religiões como o candomblé e a umbanda. Graças ao conceito de ancestralidade podemos aprender uma forma de pensar a história e a organização social africana. A cosmovisão africana tem como um de seus elementos de importância a ancestralidade, sendo esta um *assunto* amplo nas culturas africanas, pois existe um aspecto ancestral individual, da família, havendo outro relacionado a comunidade. A ancestralidade está ligada à identidade dos lugares, das pessoas e das comunidades (CUNHA JUNIOR, 2009). As comunidades nas culturas de base africana explicam a sua história de origem e a sua continuidade pela ancestralidade. As religiões de origem africana são consideradas como de culto dos ancestrais. Apresentam os ancestrais divinizados presentes nos mitos de criação da humanidade ou das nações africanas como os seres mais antigos. Recebem denominações como Inquices, Vodun e Orixás e são cultuados em cerimônias diversas. Mas também existem homenagens e cultos aos ancestrais mais recentes ligados aos antepassados das famílias, cultuados pelos membros das famílias.

As sociedades africanas e as religiões de base africana acreditam que os seres humanos vivem em ciclos de vida e voltam através das gerações ao convívio na terra. A ancestralidade, no entanto é ligada as pessoas e aos bens materiais por eles criados. A localidade e as transformações imposta pelos grupos populacionais também constituem parte da ancestralidade. A transmissão dos conhecimentos nas sociedades de culturas de base africana é comandada pela oralidade e tem sempre íntima relação com a ancestralidade. O

podemos definir como a territorialidade, relativo ao espaço geográfico habitado, num período histórico é parte da ancestralidade.

Também ligado à ancestralidade estão às representações sociais definidas como festas e danças. Tanto as festas como as danças são elos de sociabilidade e de expressão das energias que comandam as dinâmicas das vidas nas sociedades de base africanas. Devido a estas razões a palavra, a ancestralidade, as festas, as danças e os locais das comunidades são elementos essenciais para conhecermos as culturas de base africanas. Desta compreensão é que estas figuram nesta monografia. As representações das danças nos terreiros de candomblés são parte da compreensão e da representação da ancestralidade que tem como outra forma de apresentação dos mitos, provérbios e versos sobre os orixás.

A ancestralidade, suas expressões e formas de uso tratadas nesta dissertação estão baseadas no texto “O terreiro e a cidade” de Muniz Sodré (SODRE, 1988). Então é parte da história das populações negras, traduz os conceitos ligados a religiosidade e também a identidade. O quilombo pode ser pensando como uma terra ancestral, devido a existência de uma cultura de base africana, como um lugar habitado por uma população por gerações a fio e de onde saem todas as referências de vida de seus habitantes, em íntima relação com a natureza e com valores subjetivos no campo espiritual.

2.5 Palavra e Oralidade com base na literatura dos africanos e afrodescendentes

Nesta parte do trabalho abordamos a palavra e o entendimento da oralidade nas sociedades tradicionais nas culturas africanas e na afrodescendentes no Brasil. Embora esta oralidade tenha muitas abordagens na história oral, são raros os trabalhos que tratam deste tema com base nas referências bibliográficas africanas e afrodescendentes. No meu curso de especialização em Cultura Folclórica Aplicada temos que diversos fenômenos culturais têm como base e forma de transmissão dos conhecimentos a cultura da oralidade (SANTOS, 2010). Principalmente no relativo às festas populares brasileiras e na área de contação de histórias e contos populares. Então a oralidade é um fato importante e ainda presente. Na sociedade contemporânea temos o fenômeno da supervalorização da escrita, sendo em boa parte a transmissão da cultura dependente da escola e, portanto da cultura escrita. Nas culturas de base africana a transmissão do conhecimento tem por base e por forma a oralidade. A oralidade baseada no princípio da palavra nas sociedades africanas é analisada (HAMPATE BÁ, 1982). Na oralidade africana destacamos a importância da palavra falada, o som dos tambores e instrumentos musicais, além da teatralização e dos movimentos corporais. Esta

oralidade africana é retomada no contexto brasileiro e faz parte da cultura brasileira de diversas formas e por diversos fatores. Assim este trabalho tem como base a oralidade do contexto africano e afro-brasileiro. Insere-se no campo da poética oral de base africana ainda pouco conhecida na literatura acadêmica no Brasil, mas muito praticada entre os grupos de terreiros tradicionais e também é encontrada nas danças de tradição africana. A análise destes contextos da oralidade afrodescendente está ganhando nova dimensão no contexto da cultura do Ceará devido as pesquisas universitárias sobre as referências negras e africanas na formação cultural do estado e no cotidiano da nossa população.

As culturas de base africana perfazem uma boa parte das culturas do nordeste brasileiro, trazendo consigo esta oralidade. Os Orikis, que são versos de saudações, estão presentes nos terreiros de candomblés e são um bom referencial da oralidade que se estende para diversas praticas culturais.

A oralidade tem nos últimos tempos sofrido uma relativa valorização no campo do conhecimento, através da história oral. A memória e a história tem sido motivo de pesquisa e de produção de conhecimento científico (ALBERTI, 2004), (BURKE, 1992), (THOMPSON, 1992).

A importância da palavra e da oralidade nas sociedades africanas tradicionais pode ser avaliada pelo número imenso de provérbios e contos que fazem parte do cotidiano da vida africana. A oralidade é uma forma educativa sistematizada nas famílias e na educação informal, na qual os adultos são responsáveis pela socialização das crianças e jovens de uma localidade (KENYATTA, 1934). Esta sistemática da oralidade nas sociedades tradicionais, no mundo rural africano, é bem descrito no romance de Chinua Achebe (ACHEBE, 1983). Neste romance como também em outros de autores africanos preocupados com a tradição e a transmissão do conhecimento nas sociedades africanas, os personagens, repetidas vezes, usam provérbios e contos na transmissão de uma idéia ou conceitos da sociedade.

Como nos mostra Eduardo de Oliveira (2003) os valores sociais africanos estão ligados à ancestralidade, à família e à comunidade. Tanto ancestralidade como comunidade são valores com força na territorialidade e na formação histórica e cultural de uma localidade. Nestas comunidades a palavra é parte do sagrado e tem a força da criação. Traduz a existência daquilo sobre o que se fala e produz energias que dão significado material ou espiritual ao que foi falado. As Palavras são próprias das pessoas e dos tambores. Os tambores falam para a compreensão humana e para além desta. Constituem formas de comunicação entre as gerações presentes e os antepassados.

Assim, as sociedades africanas apresentam oralistas ilustres responsáveis pela forma de tratamento métrico da oralidade e pelos conhecimentos das histórias das comunidades africanas. Estes oralistas são denominados de griots. São contadores oficiais das histórias das nações, povos e sociedades africanas. Os griots vêm de famílias africanas, associadas a cantorias e música instrumental. O griot é um oralista que representa a importância da oralidade (KOUROUMA, 1970). Nas sociedades africanas não existe uma separação formal entre os conhecimentos religiosos e os demais. Estes sempre são integrados. Esta separação entre o religioso e o profano fica bem mais demarcada na cultura brasileira.

A oralidade de base africana é manifesta na cultura brasileira como mostra Luiz Carlos Santos no seu texto sobre Sons e Saberes (SANTOS, 1999). As narrativas orais fazem parte da forma das populações negras contarem as suas histórias e também é parte do patrimônio cultura das comunidades tradicionais brasileiras. A oralidade constitui uma forma de preservação do passado e, portanto um dos constituintes das lembranças coletivas e dos elementos desta memória coletiva de base africana que possibilita o acesso à história pela oralidade.

Hampate Bá mostra a forma que um grande Doma ou oralista usa a palavra:

“Oh, Alma de meu Mestre Tiemablem Samaké!
 Oh Almas dos velhos ferreiros e dos velhos tecelões;
 Primeiros ancestrais iniciadores vindos do Leste!
 Oh, Jigi, grande carneiro que por primeiro soprou
 Na trombeta do Komo,
 Vindo sobre o Jeliba (Níger)!
 Acercai-vos e escutaime.
 Em concordância com vossos dizeres
 Vou contar aos meus ouvintes
 Como as coisas aconteceram,
 Desde vós, no passado, até nós, no presente,
 Para que as palavras sejam preciosamente guardadas
 E fielmente transmitidas
 Aos homens de amanhã
 Que serão nossos filhos
 E os filhos de nossos filhos
 Segurai firme, ó ancestrais, as rédeas de minha língua!
 Guiai o brotar das minhas palavras
 A fim de que possam seguir a respeitar
 Sua ordem natural”.

2.6 Memórias de negros quilombolas com base na literatura sobre comunidades negras

Muitos trabalhos sobre comunidades tradicionais e comunidades de quilombos trabalham o problema da memória sempre como parte da cultura. No entanto as especificidades desta memória dentro de cada cultura não são tratadas. A maioria dos

trabalhos de pesquisa parte das referências dos problemas conceituais sobre os temas da memória e da história em sociedades europeias (BERGSON,1985), (HALBWARCH, 1990). Sendo que o primeiro autor trata a memória como um processo mental do indivíduo, e com pouca relação com os fatos sociais, e o segundo ao contrário, pensamos a memória como uma construção coletiva e representativa das estruturas sociais, sendo as lembranças uma reconstrução do passado no presente. A memória coletiva é um fato social, distinto da memória histórica que se apóia nos fatos institucionais. Temos como principal referência brasileira os estudos de Ecléa Bosi sobre a memória de velhos imigrantes (BOSI,1979). Importante notarmos que ela particulariza este acesso a memória com as especificidades de geração, memórias de velhos, e a de grupo cultural, ou seja, de imigrantes italianos na cidade de São Paulo. Ela nos apresenta um caminho para pensarmos na existência de uma memória de negros quilombolas.

Nesta dissertação estamos estudando a memória coletiva de comunidades negras, que têm como particularidade na cultura negra. Estamos tomando as definições já reelaboradas na literatura sobre populações negra e comunidades de quilombo. Quando nos referimos a memória de negros geralmente aparece a pergunta, o que ela tem de particular? Esta memória difere de outras memórias. Acreditamos que sim devido a relação entre oralidade, memória e cultura. Cada grupo social tem a sua forma de trabalho da memória dado pelos tipos de fatos sociais que tem maior importância nestas comunidades. Um exemplo marcante é no relativo a memória de grupos urbanos negros com relação ao samba e ao carnaval. A memória aparece nos relatos guiada pelas composições dos sambistas (VARGENS, 2001). Portanto a memória coletiva de populações negras devido a base cultural processada será neste estudo denominada como memória de negros quilombolas.

Estamos trabalhando com a hipótese de que as memórias coletivas e mesmo a individual sejam produto da cultura realizada numa determinada sociedade, num determinado período histórico. Acreditamos que o enfoque sobre os fatos (materiais ou imateriais) que são importantes ou não para os indivíduos guardam uma relação íntima com a cultura. Sendo assim, a memória é em parte resultado do patrimônio cultural e histórico de uma localidade. Os bens culturais de uma rua compõem o acervo cultural ou repertórios culturais dos seus habitantes e frequentadores. Este patrimônio de bens culturais e históricos é parte das operações da memória e constitui também uma das áreas de formação das identidades coletivas. Quem morou a infância toda numa determinada rua ou num determinado bairro tem impressões e lembranças comuns a outros moradores do mesmo período e adquirem valores sobre estes fatos de forma muito semelhantes. Este conjunto de lembranças são fatos

registrados na memória que tem opera sobre a idéia de pertencimento ou não a determinada realidade social, econômica, política e cultural condicionada pelo bairro ou pela rua.

Embora a mobilidade entre áreas diversas possa ser grande numa sociedade e mesmo que os sistemas de informação sejam amplos, ainda a vida de uma maioria de pessoas é condicionada pelas áreas das localidades de vida. Cada localidade teria nos seus habitantes as suas formas de cultura coletiva e produz as suas identidades como também as suas memórias coletivas. Portanto as memórias são um produto dos grupos sociais. No caso das populações vivendo em áreas de maioria negra temos a formação de uma memória negra, relacionada à cultura negra local e correlacionada a identidade negra. Estas memórias de negras e negros são portanto resultado da vivência em territórios de maioria negra. Para a pesquisa afrodescendente temos admitido e comprovado este processo em diversos trabalhos (SOUSA, 2010), (SILVA, 2011), (LIMA, 2001).

Concluimos que existe uma forte ligação entre os elementos dos patrimônios culturais, materiais e imateriais, com a memória e as identidades coletivas dos grupos sociais, no caso os grupos sociais afrodescendentes. São processo sociais (históricos e culturais) particulares, específicos e irreprodutíveis em outras condições.

Dentro dos parâmetros do conhecimento africano esta relação entre memória e patrimônio cultural é forte, assim temos que a memória coletiva é um reflexo em grande parte da existência de bens patrimoniais, sendo também a memória coletiva um patrimônio cultural.

2.7 Território e territorialidade

No caso das comunidades de quilombo os conceitos de território e territorialidade têm uma grande importância jurídica na atualidade devido aos laudos antropológicos para titulação das terras terem como referência o território em estudo e a abrangência do raio de ação das atividades da população definido pela sua territorialidade.

Em relação à pesquisa sobre a história com base na oralidade e a memória coletiva, os conceitos de território e territorialidade são elementos importantes de delimitação das identidades e do patrimônio histórico e cultural.

O conceito de localidade e de lugar podem ser tomados inicialmente como designação geográfica e como uma relação primeira das relações sócio-espacial. O lugar tem vínculo com o cotidiano como uma noção intuitiva das relações entre as pessoas e o espaço geográfico. Que lugar você mora? Em que lugar você nasceu. Para Antonio Arantes (ARANTES, 1994) embora sendo uma noção intuitiva, o lugar carrega uma dimensão

simbólica relacionada ao espaço geográfico e ao território. O lugar surge da relação entre o ser humano ou a coletividade e o espaço geográfico. O lugar pode ser definido como uma porção geográfica que se distingue de outro a partir de elementos físicos e simbólicos.

O território tem uma definição técnica. Podemos definir o território por um conjunto inter-relacionado de atributos ou dimensões. Sendo o primeiro de dimensão física. O território é dado pela topografia e nela os seus atributos físicos territoriais. Neste conta a noção de fronteira ou de limite do espaço geográfico. Segundo a menção populacional, o grupo social ou a população que ocupa um espaço físico. No caso dos quilombos procura-se esta dimensão pela rede de parentesco determinados pelos laços de família. A dimensão econômica se dá pelas formas de exploração econômicas realizadas em um espaço geográfico, o que é plantado e criado ou extraído de um lugar num período de tempo. Podemos considerar uma terceira abordagem a dimensão político-social-organizacional que estão relacionadas com as noções de propriedade e de uso formal dos bens materiais de uma localidade. A quarta dimensão é a simbólica e envolvem as práticas realizadas num espaço físico, as dimensões das religiões, das festas e dos favores familiares como cemitérios e lugares de adoração. Esta dimensão simbólica é produto das identidades coletivas e das representações sociais da população em um espaço físico. A dimensão simbólica é imbricada na dimensão cultural. Os territórios são conceituados do ponto de vista da construção histórica realizada pela população interna e externa a um dado espaço geográfico. A população externa também ajuda na determinação das diversas fronteiras de um dado território. O território é uma noção dinâmica, esta em constante mudança segundo as mutações da sociedade e de seus valores (BECKER, 1993).

Os territórios não são iguais, eles são particulares, têm a sua personalidade individual, portanto os territórios podem ser identificados pelas diferenças entre uma conformação sócio-espacial e outras circundantes.

A territorialidade é uma noção abstrata sobre territórios, reflete uma idéia de dialética sócio-espacial. Trata-se de uma interpretação de valores sobre o que está sendo realizado ou pensado sobre determinado território. Tem um sentido de solidariedade orgânica entre os indivíduos num espaço geográfico. A territorialidade é uma noção semelhante à de nacionalidade, aquilo que nos faz brasileiro é, sobretudo um sentimento de pertencimento ao Brasil. A territorialidade quilombola é aquilo que a faz sentir-se população quilombola. Dimensiona o espaço (abstrato) entre os que estão dentro e os que estão fora, mesmo que por razões diversas utilizem o mesmo território. A territorialidade regula relações como o uso

comum de um rio ou lagoa entre comunidades diferente e de origens diversas, mas com sentimentos também diversos de pertencimento à localidade (ANJOS, 2011).

No caso do Quilombo Alto Alegre a noção de território está bem estabelecida. Eles consideram-se moradores de um lugar que vai até um determinado rio. Quanto à territorialidade sempre a aparece a dúvida, visto que outros nós consideramos externos eles por vezes afirmam existir relação de parentesco.

2.8 Patrimônio cultural material e imaterial

Quando trabalhamos dentro de grupos sociais de cultura específica como é caso das comunidades de quilombo, grupos tradicionais ou em bairros de maioria afrodescendente, os conceitos de repertórios culturais ou de patrimônio cultural são de utilidade como nos mostra Maria Batista Lima (LIMA, 2001) no seu estudo sobre o quilombo em Sergipe. O patrimônio cultural é parte da história da população, determina marcadores que auxiliam na produção da história local. O patrimônio cultural também é referencia na constituição da memória e da identidade do grupo social, e desta forma é de interesse definir este conceito para este trabalho de pesquisa, tendo em mente que o reconhecimento da comunidade é em parte a identificação do patrimônio cultural material e imaterial.

Devido às disputas políticas e aos processos de dominação entre os grupos sociais ou mesmo em razão das especulações imobiliárias e avanços do capitalismo, alguns patrimônios culturais estão ameaçados de extinção. Para proteção destes acervos culturais é que as Nações Unidas se preocupou com a definição de patrimônio cultural e formulou a seguinte proposição, tendo em vista principalmente os bens imateriais (UNESCO, 2003), (UNESCO, 2006):

Patrimônio cultural imaterial são práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2006).

O patrimônio cultural é exemplificado da seguinte forma:

a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial;

b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais.

A noção de patrimônio cultural é dinâmica, implica na identificação das construções de valores, símbolos, signos, modos de vida e instrumentos materiais presentes nas adaptações dos seres humanos na ocupação de um determinado território. Os bens materiais e imateriais são apresentados em íntima relação e produzidos no suprimento das necessidades de realização da vida nos seus diversos aspectos. A idéia de patrimônio cultural pode ser sintetizada como um legado entre as gerações e dado um conjunto de bens construídos, reconhecidos por uma sociedade, como representativos de sua história e da sua produção social, é o testemunho da presença das pessoas em determinado espaço geográfico (SANTANA, 2009, p. 35).

A memória social e os elementos associados a ela também se inserem no acerto dos repertórios culturais denominados de modo geral como patrimônio cultural. Neste sentido a escrita da história oral depende da identificação e do recolhimento do patrimônio cultural.

Da forma como tem sido concebido pelos organismos internacionais e pelo Ministério da Cultura, através do Setor de Referências Culturais do IPHAN, o conceito de patrimônio material e imaterial possui fortíssima consistência, baseada na idéia de processo cultural. Este fica caracterizado pelas práticas culturais e pelos objetos pelo meio dos quais os grupos sociais se representam. Através destas práticas e objetos os grupos culturais elaboram a sua identidade e produzem a sua territorialidade. Este conceito de patrimônio cultural é importante para identificação das comunidades de quilombo, para seu estudo e, principalmente, para fins jurídicos do seu reconhecimento no âmbito da Fundação Cultural Palmares e nos processos de titulação a cargo do INCRA. É importante destacar que o reconhecimento é diferente da titulação, mas ambas as etapas são obrigatórias para as comunidades obterem a posse das terras.

2.9 Bairro rural negro

A comunidade de Alto Alegre difere das comunidades de quilombos essencialmente rurais, distantes dos centros urbanos. Não apresenta exatamente a paisagem de

uma comunidade rural. Isto levou a procurar um conceito que permitisse a classificação desta realidade diferente de outras comunidades de quilombos.

As visitas a diversos quilombos no estado do Ceará nos permite constatar uma variedade de formas de organização no espaço geográfico destas comunidades. Esta diversidade de organização espacial tem como diferença a densidade demográfica do lugar, a topografia, os tipos de formas de trabalho, a distância do meio urbano mais próximo, a formas de transporte disponíveis para acesso a cidade ou a estrada mais próxima. Tal como Queiroz (QUEIROZ, 1973) na sua observação e definição dos bairros rurais paulista, podemos partir da proposta da existência de diversas formas elementares de agrupamento e de vida cultural no meio rural. No entanto como afirma a pesquisadora paulista Queiroz a definição mesmo que vaga de bairros rurais surge de documentação antiga que nomeia um grupo rural que parece ser a menor aglomeração que se poderia deparar em localidades hermas. O bairro constitui uma divisão da administração da freguesia, sendo este último termo destinado a vilas. Na freguesia existe uma paróquia e um núcleo de habitação. Também na documentação passada o bairro rural poderia comportas uma dispersão de habitação e o sentimento de pertencimento a uma localidade impunha a denominação de bairro, mas com a classificação de rural. O bairro rural implica em aglomeração sem presença dos serviços e estrutura dos bairros urbanos.

No caso da classificação dos bairros rurais paulista a autora está focando também a cultura dos habitantes denominada por ela de caipira paulista. Elenca na formação desta cultura a presença de tropeiros e caipiras formando uma civilização cabocla. Na sua definição encontram-se os elementos trazidos dos trabalhos de Antonio Candido relativos a folclore como distintivo cultural (CANDIDO, 1971). Conhecendo as localidades estudadas e as sua história parte significativa do que está descrito se refere às comunidades negras rurais, sendo que a palavra negra é evitada pelo autor que a trata sempre como cultura popular, cultura de caipiras e caboclos do interior paulista, marcando sempre uma distinção entre estes e os trabalhadores rurais imigrantes europeus e seus descendentes. Então é possível conceituar os bairros rurais, pelo seu povoamento, tipo de distribuição espacial e cultura, ou melhor, pelo seu patrimônio cultural distinto de outras comunidades rurais, mas também distinto das comunidades urbanas.

Para a comunidade do quilombo de Alto Alegre temos que estas têm uma densidade habitacional diferente da maioria dos quilombos das regiões de serra do Ceará, como exemplo Serra do Juá, no município de Caucaia, próximo a Fortaleza, ou do Minador e Bom Sucesso, no município de Oriente, distante 400 km de Fortaleza. O quilombo de Alto

Alegre apresenta uma definição de ruas formando um tipo semelhante ao do bairro urbano, mas com diversos constituintes da zona rural, como os tipos de casas parecendo chácaras e às vezes sem uma delimitação precisa dos quintais das casas e com grande comunicação espacial. São quintais com plantações de mandioca, macaxeira, abóbora, banana e mamão, paisagem típica de localidades rurais.

Devido às estas características, e também por causa da proximidade da cidade de Novo Horizonte, e a existência de igrejas, creche, escola próxima e pequenos negócios, além da cooperativa de trabalho com sede e a Associação Quilombola, vamos conceituar esta comunidade de quilombo como um bairro rural. Devemos lembrar que as definições de quilombos urbano em contraposição ao rural já vêm sendo utilizadas, sendo exemplos os da comunidade do Gelo no Recife (COSTA, 2006) e da Família Silva no Rio Grande do Sul (CORREA, 2010).

2.10 A pesquisa participante

Sendo pesquisadora negra e tendo vivenciado diversas formas da cultura de base africana me considero uma participante da pesquisa no sentido da pesquisa afrodescendente. Assim a metodologia utilizada foi a afrodescendente de pesquisa. Nela os pesquisados interagem com sujeitos. Somos sujeitos de nossas pesquisas em consonância com os pesquisados que também são sujeitos, num entrelaçamento entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado. Nela existe uma quebra de paradigmas em relação às demais, porque o pesquisador (a) interpreta os dados mergulhado na realidade e é partícipe dela.

Tem como ponto importante o conhecimento prévio do pesquisador com o campo de pesquisa, a familiaridade com as pessoas que são entrevistadas, além de compreender os valores imanescentes à cultura local. Trata-se de uma comunidade negra inserida nos problemas sociais das populações negras, em parte vivenciadas também por mim. Consiste numa pesquisa onde estou dentro de um território de cultura e história afrodescendente, que tem muitas particularidades comuns a outros territórios onde vivi e cresci. Tem como base o conhecimento do patrimônio cultural de bairros e comunidades negras rurais e significa estar de dentro da porteira, ou seja, deter permanência e inserção natural no universo da pesquisa, mantendo a mesma visão de mundo (VIDEIRA, 2010) (SOUZA, 2010), (; SOUZA, 2005). O pesquisador não vai aprender sobre uma cultura ou modo de vida que não lhe é familiar, do qual ele não comunga anteriormente à pesquisa os problemas e valores sociais. Na afrodescendência os pesquisadores não trabalham respeitando a “cultura do outro”.

Trabalhamos dentro da nossa própria cultura e com problemas que afetam a nossa própria existência. (CUNHA JÚNIOR, 2010).

Guiamos-nos dessa forma porque o enfoque afrodescendente nos oportuniza a uma condição de não ser pernicioso, distante e acrítico. Na metodologia de pesquisa afrodescendente, diferente da etnografia não há a necessidade de o pesquisador criar vínculo com o local, aprender sobre ele e interpretar com uma visão de fora da porteira. Ela nos proporciona a ver “desde dentro” de nossa existência, sem necessidades de decodificação, nesse sentido corroboro com (SOUZA 2005).

Não somos atores externos, nem guiados por formação antropológica, e etnográfica, não investigamos como observadores e sim numa relação sujeito/sujeito porque atentamos para a produção da consciência história social considerando a historicidade da experiência. Tratamos com situações sociais, políticas, econômicas e culturais da população afrodescendente. As categorias memória, as identidades são importantes porque expressam a capacidade de expressão e de reação dos grupos sociais em luta, seja pela hegemonia da sociedade ou pelos direitos sociais.

CAPITULO 3 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA CIDADE ONDE ESTA O QUILOMBO

Neste capítulo vamos trabalhar a localização geográfica de Alto Alegre e a história do lugar, como também com os ciclos econômicos da localidade.

A geografia e a história do município constituem uma base para a história social e econômica dentro da qual se situa a história desta comunidade de quilombo.

Alto Alegre faz parte do distrito de Queimadas e este é parte do município de Horizonte como já mencionamos anteriormente.

A cidade de Horizonte esta repartida em quatro distritos, Sede, Dourados, Aningas e Queimadas, ficando neste ultimo o quilombo de Alto Alegre. Importante destacarmos que para os habitantes de Alto Alegre, a sua localidade é percebida como distinta a de Queimadas. Ou seja, como Alto Alegre e Queimadas são duas localidades distintas. Eles dizem constantemente nos depoimentos “La em Queimadas”. Existe uma diferença entre a percepção oficial e a da população.

Para o município do Horizonte e região existem fases marcantes sobre a evolução do município. Uma fase é antes da construção da rodovia BR-116 na região. A rodovia abre um movimento de grande integração e dinamismo nos anos de 1960. Uma modificação importante é a construção na década de 1990 do canal do trabalhador na região. Os governos estaduais do Ceará e municipais de Horizonte fizeram de 1985 um grande investimento na industrialização da região trazendo um numero importante de indústrias para o município, que para de economia agrária para uma economia industrial. Estes movimentos têm um impacto importante na comunidade de Quilombo de Alto Alegre, devido a diversos fatores. A valorização das terras e a diminuição da área utilizável para as plantações e para criação. Também tem efeito sobre a sobrevivência pela agricultura o aumento vegetativo da população.

O canal do trabalhador e o canal da Integração repercutem nesta diminuição de terras. Segundo Nego do Neco (vide pagina 25), o pai dele não quis entrar em confronto com a prefeitura e vendeu uma vasta área de agricultura por um preço muito pequeno, para a construção do canal da Integração. O que se constata hoje é que mesmo havendo uma agricultura de subsistência, a área de plantação não propicia a alimentação da população por completo, sendo muitos produtos alimentares comprados fora da localidade. Em 1960 os produtos da alimentação adquiridos fora eram poucos. A base alimentar era quase totalmente

mantido pela produção interna. A figura 23 apresenta uma fotografia do canal do trabalhador na área de Alto Alegre e a figura 24 do canal da integração.



Figura 23. Fotografia do canal do trabalhador. Foto: Marlene P. Santos, 2012.



Figura 24: Fotografia do canal da Integração. Foto: Marlene P. Santos, 2011.

Na produção de subsistência e comercial da População de Alto Alegre o destaque é a plantação de mandioca e o fabrico de farinha. Esta indústria da mandioca também teve o mesmo ciclo em toda a região. Um período a produção de mandioca e transformação em farinha é para o consumo interno. Isto muda por volta de 1960, sendo que auge da produção de mandioca e de farinha acontece nos anos de 1980 a 1998. Naquela época onde as casas de farinha tinham uma importância em Alto Alegre, e nessa era que temos um personagem da história local, senhor José Nogueira, conhecido como Zé Paulo, que enriquece transportando a farinha da região em lombo de mula até a estrada principal e depois levando em ônibus da Empresa São Benedito até a grande Fortaleza para comercializar o produto. O senhor Zé Paulo é na atualidade um comerciante bem sucedido do setor de cimento, tendo três depósitos em Fortaleza. O depoimento dele será analisado mais adiante.

A fotografia da figura 25 abaixo mostra a casa de farinha de Alto Alegre.



Figura 25. Casa de Farinha de Alto Alegre. Foto: Marlene P. Santos, 2011.

Na produção da economia local tivemos outros produtos, a castanha de caju e o caju, o gado, e a carnaúba. Ainda hoje, durante o período da colheita do caju, pais e filhos saem de casa as 4 ou 5 horas da manhã e para colher as castanhas de cajueiro.

Na atualidade a farinha tem baixa produção embora a mandioca seja produzida, tendo que a Maniva é comercializada, sendo vendida para empresas de outros estados segundo depoimento do taxista Wilson que já foi motorista de caminhão e transportava o produto para outros estados. A maniva é caule da planta que serve de ração animal. Este mesmo caule é plantado para se ter a mandioca.

3.1 O lugar espaço e o lugar tempo do distrito de queimadas.

Para fazer à história coletiva de um grupo social, no caso a comunidade de quilombo de Alto Alegre, é necessário termos as referências gerais que as localize um dado território num tempo e num espaço geográfico específico. Como relação a esta relação de tempo e espaço que vamos estabelecer a referência da nossa pesquisa a região do município de Horizonte no período de 1995 a 2010

A geografia em todos seus aspectos é dinâmica, tudo sofre mudanças, é alterada pela apropriação humana da natureza e recebe distribuição jurídica mutável. O que vemos na atualidade em Alto Alegre nos aspectos geográficos e jurídicos nem sempre foi assim, e mesmo as denominações e percepções dos habitantes nem sempre foram as mesmas. Na atualidade a localidade de Alto Alegre faz parte do distrito de Queimadas, no município de Horizonte como podemos ver no mapa da figura 26.

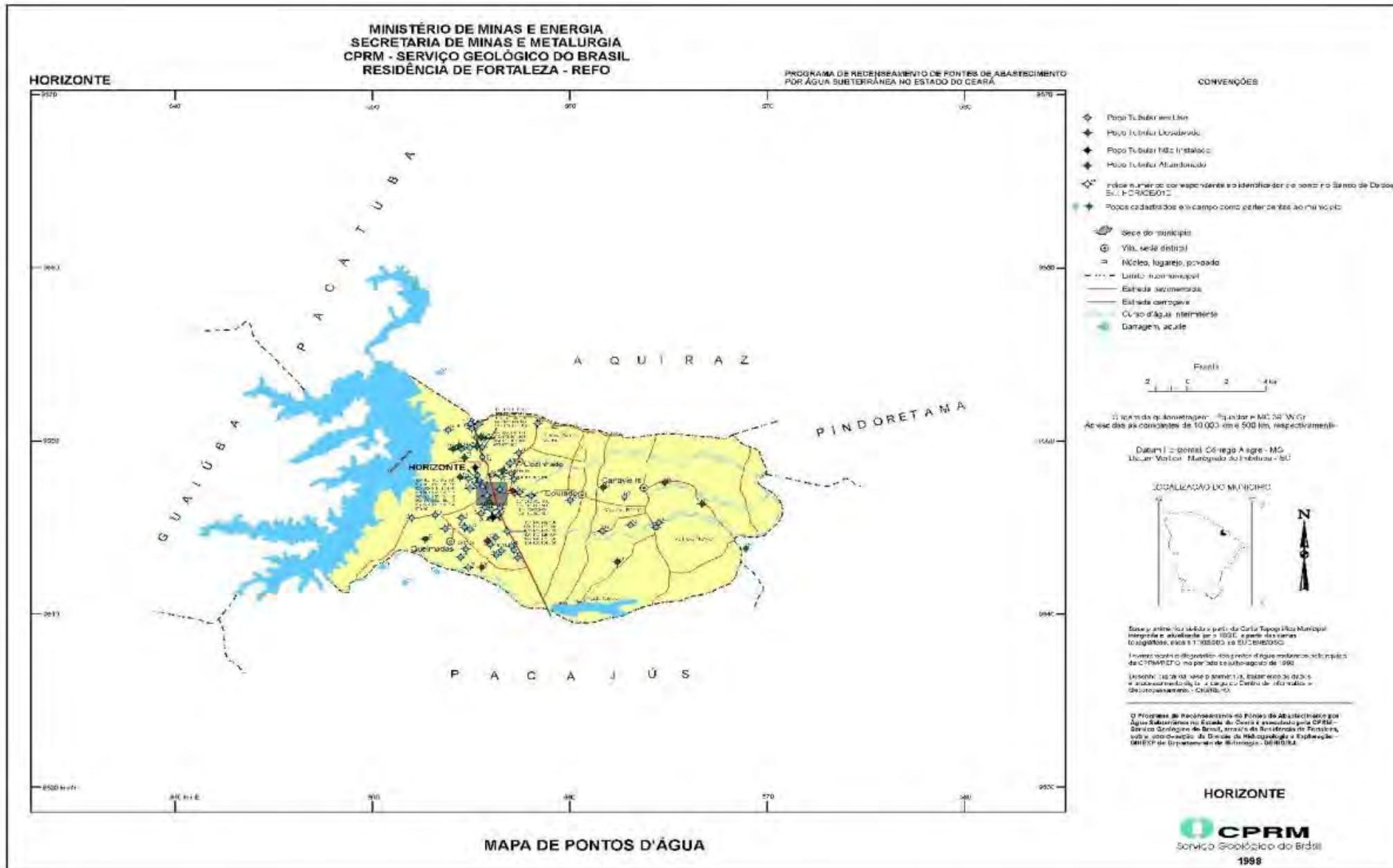


Figura 26 – Mapa da região do município de Horizonte.

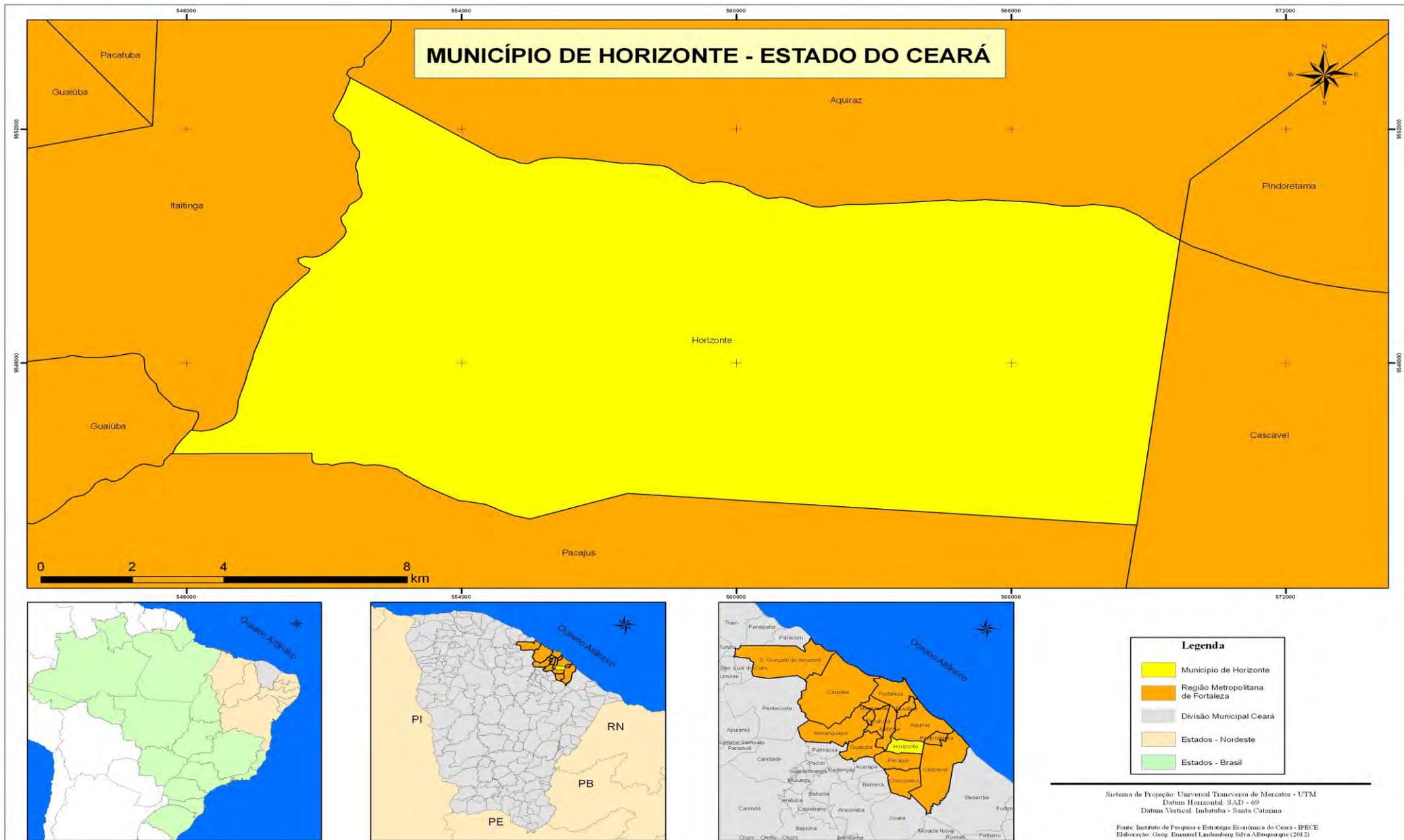


Figura 27 – Mapa do município de Horizonte – Estado do Ceará.



Figura 28– Mapa do município de Horizonte – Estado do Ceará e divisão distrital.

Neste mapa temos alguns grandes marcadores que são a cidade de Horizonte, com uma população de aproximadamente 50 mil habitantes segundo o censo do IBGE de 2007 e localizada próxima de uma grande represa de água, construída em 1980, e a rodovia Br-116 que cruza a cidade, implantada entre 1960 e 1970. Do mesmo mapa vemos que o município de Horizonte faz divisa com os municípios de Itaitinga, Aquiraz, Pacajus, Cascavel e Guaiuba. Os acidentes geográficos mais importantes são: o Rio Pacoti e o Riacho Mal Cozinhado.

Segundo as informações dadas pela prefeitura de Horizonte, a cidade é um centro urbano de industrialização recente, constituído nos últimos 20 anos, parte da Mesorregião metropolitana de Fortaleza, ficando distante 40 km desta cidade. No passado a região foi considerada agrária e dependente da produção de caju. A referência inicial toponímica de Horizonte era Olho d'Água do Venâncio.

Juntamente com a referência de Olho d'Água do Venâncio constam as origens no século passado dos denominados fundadores do povoado, Manoel Luiz da Silva, João Raimundo e Manuel Conrado Ribeiro que adquiriram as terras do então proprietário José Eufrásio de Oliveira. Inicialmente a localidade estava associada aos municípios de Aquiraz até 1933, sendo que de 1935 em diante fica pertencente ao município de Pacajus e em 1965 obtém a autonomia em relação a este. Assim sendo vamos apresentar também as histórias de Pacajus e de Aquiraz para localização do nosso espaço, de interesse do ponto de vista da geografia legal.

Horizonte hoje se apresenta como uma cidade integrada à macrorregião metropolitana de Fortaleza, segundo o site da prefeitura. Estando a uma altitude de 68 metros e distante do mar apenas 50 quilômetros, tem a referência de 4 graus de latitude e 38 graus de longitude.

A cidade de Horizonte é considerada um dos pólos indústrias do estado do Ceará com indústrias de pequeno e médio porte voltadas para alimentos, vestuário, calçados e bebidas. O município é considerado de grande crescimento econômico e destaca com relação a outros municípios do Ceará, com relação ao padrão de qualidade de vida, principalmente no que diz respeito a assistência à infância e à educação. O município tem recebido prêmios nacionais e internacionais de organismos como a UNICEF e Fundação Abrinq.

A cidade de Pacajus tem a sua origem em 1890, sendo no início um aldeamento indígena denominado Monte Mor e depois renomeado como Guarani. Em 1920 a localidade pertenceu ao município de Pacatuba sendo restaurada a autonomia em 1935. A denominação de Pacajus foi adotada em 1943.

No entanto, a história da localidade remonta ao início de 1700 onde colonos portugueses disputavam a região com povos indígenas. A região fica compreendida entre o rio Açu, a Serra do Apodi e o Baixo Jaguaribe. O mapa da figura 29 apresenta a região. Os municípios limítrofes são: Horizonte, Chorozinho, Cascavel, Guaiuba e Acarape.



Mapa do Ceará localizando Pacajus.

Figura 29- Localização geográfica de Pacajus.

Aquiraz ao lado de Fortaleza definiram a dinâmica econômica da região e formação dos centros urbanos. As raízes do reduto de povoamento de Aquiraz remetem a 1711 em virtude da existência do rio Pacoti como via de comunicação com o interior e do porto de Iguape, podendo nele atracarem os barcos de carne e de farinha. Nesta data o Ceará é parte do estado de Pernambuco. A economia da região esteve ligada à pesca e à produção de cana de açúcar para a produção de rapadura. Os engenhos foram no passado parte da paisagem da região. Na figura 30 temos a localização da cidade de Aquiraz no mapa da região.



Mapa do Ceará localizando Aquiraz.

Figura 30 – Localização geográfica de Aquiraz.

Quanto à presença da população negra nesta região as origens são historicamente ainda pouca definidas. Sabe-se devido às citações esparsas na literatura que as populações negras afluíram para a região de diversas formas. Os dados sobre população negra em todo o estado do Ceará sempre apresenta indefinições, devido à ideia de ausência de um escravismo intensivo. No entanto o Ceará teve populações negras não escravizadas e na condição de escravas (os) e como populações livres fugitivas de outras regiões ou como libertos. Na região de Aquiraz a população escravizada esta relacionada às indústrias do couro e do charque, tendo também em alguns períodos plantações de cana para produção de rapadura e de aguardente.

As comunidades de remanescentes de quilombos são freqüentes em diversos dos municípios vizinhos a Horizonte. Justamente ao lado da comunidade de Alto Alegre existe a comunidade da Base na cidade vizinha Pacajus, distante 4 km. também se apresenta a comunidade de quilombo de Lagoa dos Ramos no município de Aquiraz. A presença de população negra na região existe como referência desde a época do início do povoamento por portugueses no início do século XVIII.

3.2 Alto Alegre

Através do levantamento geográfico por satélite podemos ter a imagem da figura 31 como vista de Alto Alegre. Nós podemos então ver um bairro rural com arruamentos e também com a presença de grandes áreas de hortas e cultivo de alimentos.



Figura 31. Vista geográfica de Alto Alegre.

As principais referências do registro da existência da comunidade de Alto Alegre foi feita nos anos de 1960, por uma equipe de antropólogos da UFC, como nos afirma professor Alencar Francisco Alencar em depoimento concedido para este trabalho. Segundo ele estava sendo organizado um gabinete de Antropologia na UFC, nos idos 1960, antes do golpe militar de 1964. Neste gabinete de antropologia existia o ideal da procura das comunidades indígenas da região. Uma vez em visita nesta localidade, como por um acaso encontraram a comunidade negra do Alto Alegre. Os antropólogos tinham um guia. Ao tomarem uma das estradas o guia disse que não fossem naquela direção, pois ali existia um povo escuro como o pneu do Jipe que eles viajavam. Pelo interesse antropológico foram até a comunidade e estabeleceram com o tempo relações de amizade e familiaridade. Nós presenciamos a volta do professor Alencar à localidade quase passada 40 anos. Para surpresa o mesmo foi reconhecido por uma das senhoras que se lembrava dele da sua infância.

O professor Alencar nos relata que a produção agrícola de Alto Alegre beira uma agricultura de subsistência, sendo a mandioca o produto mais importante da agricultura e presente em todos os quintais e roçados. Também plantam feijão, macaxeira, milho e abóbora.

Das conversas com o professor Alencar, deduzimos que no passado havia mais gado na localidade e jumentos.

O caju sempre foi cultivado nas diversas formas, tendo importância também econômica. Na atualidade temos a novidade da produção de mel em Alto Alegre e a instalação de pequena fábrica para seu processamento.

Nos depoimentos internos à população de Alto Alegre nenhum dos depoentes fala em conflitos de terras. No entanto, os depoentes externos mencionam a existência de um período de conflito, mas é um assunto que ninguém quer dar detalhes. Nós não encontramos outras referências em jornais ou outro tipo de documento.

A história mítica narrada pelos habitantes de Alto Alegre é que a origem deles vem da Família do Cazuza, um africano que supostamente chegou ao Brasil depois das leis que proibiam o transporte de africanos para cá e fuge de um dos navios ancorados na Barra do Ceará, história essa que examinaremos mais adiante.

Do ponto de vista dos documentos e da legalização da posse das terras as mudanças ocorrem depois da constituição da Associação de Remanescentes de Quilombo de Alto Alegre e Adjacências - ARQUA.

3.3 A importância do reconhecimento como comunidade de quilombo

Esta importância foi abordada numa entrevista com Leuda que é líder na comunidade e formada em pedagogia, tendo sido também responsável para educação infantil na creche de Alto Alegre.

Agora são vinte duas horas, conversei com a Leuda, assim segue nosso diálogo:

Meu nome é Francisca Edileuda da Silva, nasci na comunidade de Alto alegre, sou formada em pedagogia, sou professora, mas por enquanto não estou exercendo essa função.

Vou falar um pouco sobre a nossa comunidade, reconhecimento e o que nos levou a receber o título de comunidade quilombola. Foi então desde 2005 por intermédio da primeira dama do município no período dona Vania Dutra, e do então secretário dos direitos humanos Mário Mamede e com a entrada do Lula na presidência, houve uma abertura e o Mário Mamede lembrou que a gente aqui tem alguma coisa a ver com os afrodescendentes.

Então a partir daí veio lá de Brasília, o pessoal da Fundação Palmares e passaram dois dias aqui conversando com a gente, assim passado alguns dias veio o nosso certificado como sendo comunidade remanescente de quilombo.

Os fatos são que já havia sido criada a Associação e membros da Universidade Federal do Ceará, estes já haviam visitado a comunidade e feitos vários levantamentos, como número de habitantes e interesses econômicos, graças a este material inicial foi que o Dr. Ivair Augusto dos Santos, do ministério de Justiça e da secretaria de direitos humanos veio visitar o Ceará, e foi levado pelo professor Henrique Cunha Junior da UFC a conhecer a comunidade de Alto Alegre. Desta maneira foi dado realce a necessidade do reconhecimento da comunidade pelo governo federal que tinha como secretário de Direitos Humanos o senhor Mario Mamede.

Questionei em que medida o reconhecimento foi importante para a comunidade e quais eram as mudanças.

Através desse reconhecimento teve várias oportunidades como: capacitação para as mulheres, que algumas estão sem trabalhar, capacitação de corte e costura que ajudou bastante muitas mulheres para arranjar emprego e a facilidade de algumas coisas que vieram pra cá, qualquer coisa para a comunidade agora se tornou muito mais fácil de conseguir, a facilidade é maior, mas ainda temos muito a conquistar.

Insisti sobre os tipos de conquistas:

Uma conquista que a gente vem desde 2005, é a construção da nossa sede; centro cultural onde se localizará a sede da associação quilombola (grifo meu), hoje é um grande sonho para todos nós. Hoje temos aí nossa casa de cultura, falta só ser inaugurada, estamos esperando nosso prefeito para ser inaugurada nossa casa de cultura, nosso sonho conquistado pela gente, porque hoje nossa sede está numa casa alugada. A gente com certeza indo para nossa casa própria será muito melhor pra

gente trabalhar, recada cada vez mais recurso e gente trabalhar e capacitar mais pessoas.

Também perguntei sobre se o reconhecimento influenciou na questão da afirmação da identidade como quilombola, pois sabíamos de antemão que nem todos se entendiam como remanescentes de quilombo durante o período de reconhecimento. O reconhecimento opera sobre a idéia de ser negro e funciona como reforço deste fato, não sempre aceito por todos diante da forma como isto se dá neste estado.

Já estava identificado de algum modo como negros, mas como quilombolas já têm mais essa consciência de ser quilombola, mas ainda faltam alguns que têm preconceitos com eles mesmos, de ser negro por causa das outras pessoas e as coisas que dizem e o medo, isto faz as pessoas se revoltarem, mas hoje algumas pessoas já estão se reconhecendo até mesmo na escola, com a lei 10.639 veio para cada vez melhorar e as crianças já estão cada vez mais conscientes do seu verdadeiro papel.

Perguntei para Leuda como era para ela ser quilombola?

Ser quilombola é ser reconhecido, é você mesmo se auto reconhecer e os antecedentes foram escravos e que eles lutaram para ter liberdade, os quilombos fazem parte e têm um pedacinho de liberdade, a gente percebe o quanto ele cresceu. E para realmente a gente conquistar o que nós temos hoje é graças aos nossos antepassados, que lutaram, batalharam para que a gente tivesse a oportunidade que temos hoje, então ser quilombola pra min é ser reconhecido pelos nossos trabalhos, pelos os nossos valores, pelo o que nós somos e principalmente pela a nossa força de valor, valorizar aquilo que nós temos: a nossa cultura, nossa arte, nossos sonhos e nossos ideais.

Perguntei como estes valores vêm sendo ensinado para as crianças e para os jovens?

Nós estamos trabalhando para que cada vez mais essa cultura, que estamos ainda resgatando, que muitas coisas se perdeu, e estamos repassando para os jovens através de projetos. E nós tivemos o projeto Ritmo dos Tambores, no qual os jovens aprenderam a tocar os tambores, alguns ritmos africanos e algumas músicas, danças, também através do dia da consciência negra, que é o vinte de novembro e que está sendo muito trabalhado nas escolas. Desde 2006 que a gente vem trabalhando dentro das escolas com a questão do dia vinte de novembro, alias só fica no vinte de novembro, mas nós estamos trabalhando para que cada vez isso fique mais presente na nossa comunidade. Seja a cada dia mais constante.

Sobre o surgimento da associação dos quilombolas quem nos dá detalhes e explicações é o professor Haroldo que foi um dos seus presidentes.

Esse movimento deu origem a essas comunidades, então quando criou-se a comunidade quilombola de Alto Alegre criaram as adjacências, que é Alto da Boa Vista, Vila Nova, Cajueiro da Malhada e Alto do Estrela. Que não todas essas comunidades têm quilombolas daqui, da gema. Saíram daqui e foram mais para lá. No Cajueiro da Malhada que nós temos a tia Angelita que tem seus oitenta e poucos

anos. Uma negrinha daquelas bem pretinha que chega é roxa (risos) maravilhosa ela. No Alto do Estrela também, quer dizer, adjacência, porque, as comunidades vizinhas, por estar muito próximo e fazia parte do distrito de Queimado, então ficou como adjacência e o Alto da Boa Vista, nós temos com 158 famílias cadastradas aqui. Outras famílias querem vir, mas, eu que não tô cadastrando mais, porque, já temos muitos cadastros. E no Alto Alegre nós temos 158 famílias cadastradas. Sendo que 91 se considerou quilombola no projeto de pesquisa feito pelo IPHAN, no Alto Alegre, aqui dentro do Alto Alegre, foi em 2008. O IPHAN fez essa pesquisa e 91 famílias se considerou quilombola e as outras alguns não queriam ser quilombolas, porque, tinham medo de perder seu quintalzinho, sua casa com quintal, porque diziam, que pra se dizer quilombolas ia tomar as terras deles coisa que isso nunca passou na cabeça de ninguém tomar terra de ninguém. A gente tá atrás de resgatar as nossas que levaram. Se Deus quiser até o final de abril, nós estamos recebendo o título da terra quilombola. (riso e emoção) Se Deus quiser

E Alto Alegre dessas 158, 91 famílias quilombolas temos parece que 23 são negras, mas, não se declarou quilombola e o restante são os intrusos que vieram, casou com quilombolas, ficou quilombola também. Ou então, arranjou um cantinho aqui dentro do quilombo e se estalou, como o Rafael que é o comerciante. Tem o Geovane eles têm o comercio grande dentro da comunidade aqui, eles abastecem toda a adjacência ai do Alto Alegre, eles não são quilombola, mas, se estalaram aqui, maram e gostam da comunidade, pelo menos o Rafael, ele gosta da comunidade, ele é sócio da comunidade, ele se diz quilombola, diz ele, - “oh! Quilombola não é só ser negro não, é gostar de tá na comunidade, e morar na comunidade, fazer com que a comunidade se desenvolva, economicamente”. E graças a Deus essa foi uma das maiores vantagens, porque aqui quando a gente queria comer uma coisinha fresca se a gente não pegasse no quintal, cê tinha que ir para Pacajus, ou, pro Horizonte pra comprar. Porque, aqui a gente encontrava um botequim pra vender farinha, feijão e rapadura. As outras coisas a gente não tinha. E eles vieram se estalaram montaram seus negócios aqui dentro, começaram pequeninim. Hoje já expandiu, tá grande o comércio. Mas, eles começaram também lá de baixo, chegou o casal se estalou, e tão o que, com quase 20 anos que chegaram e que moram na comunidade. E desenvolvendo economicamente essa comunidade, por isso que hoje, não temos a dificuldade de comer uma carne de gado, uma carne de porco, um frango fresquinho, pão da padaria fresquinho, porque temos padaria aqui na região. Eles nos fornece tudo que nós precisamos, sem precisar sair da comunidade, então, foi um avanço muito grande, a comunidade aqui era muito carente, muito mesmo. Ninguém queria ser negro com medo, era muito discriminado pelo pessoal do distrito de Queimados que é era os Nogueiras, porque aqui os negro do Alto Alegre ou os negros da Base, o único trabalho que tinha era trabalhar com os pessoal da Queimado, os Nogueiras. O trabalho era a agricultura, toda a agricultura da região era nas terras dos Nogueiras e era pros Nogueiras. Se plantava feijão, mandioca, milho. Tinha as casas de farinha, eram cinco casa de farinha nas Queimadas, as casas de farinha de primeiro mesmo de pobres, depois, ela passou a ser industrializadas e hoje, como os negros do Alto Alegre não querem mais serem escravos dos Nogueiras, acabou a agricultura nas queimadas. Que hoje ninguém, mais faz farinhada, hoje não tem mais safra de castanha grande, hoje não tem safra de feijão, porque, os mais novo do Alto Alegre não se sujeitaram aos Nogueiras. Porque hoje eles têm mais opções, tem as empresas, que elas fornecem um trabalho, mas, também fornecem melhorias para esses trabalhador. Eles não vão de pés, eles têm ônibus para ir e voltar. Elas são três horários de trabalho, ai nesses três horários. Eles vão e vem. Eles têm cesta-básica no final do mês. Quer dizer que é uma coisa que avançou e hoje ninguém quer trabalhar mais na agricultura. Os que estão velhos não aguentam mais, eles apenas faz alguma coisa ainda porque não gostam de ficar parados. Plantam só para eles, no fundinho do quintal.

Quando perguntei sobre como exatamente começou a associação quilombola de Alto Alegre, tivemos a seguinte explanação:

Nosso movimento aqui na comunidade tem sido árdua, ne! Que quando eu comecei o movimento social dentro dessa comunidade, nós começamos com uma Associação dos moradores de Alto Alegre. Que essa associação foi criada por um senhor que comprou um sítio, né, o Dr. Silveira. Ele comprou um sítio aqui na comunidade e ele começou a fazer o movimento e a gente. Isso ocorreu em 1994, ele entrou aqui na comunidade em 90, e em 94 eu já tava aqui dentro também, porque, eu não sou daqui de Alto Alegre, Eu sou da comunidade quilombola da base, lá foi onde eu nasci e mim criei, vim para cá porque eu mim casei e aqui comecei a trabalhar na escola, que era escola Batista, e agora se chama Escola Olímpio Nogueira. A escola Batista era o centro Social Batista de Alto Alegre.

A história da construção da escola Batista será feita mais adiante, o fato que depois houve uma ruptura entre a Igreja, o centro Social Batista e a escola. O terreno tinha sido doado por um dos membros da comunidade, mas os interesses da comunidade não estavam em primeiro lugar prevalecendo os da igreja.

E os americanos junto com a Igreja Batista construíram, o tio Neco deu o terreno eles construíram, daí começou a movimentação do Alto Alegre juntamente com as suas melhorias, caiu um pouco a situação, porque, os crentes aqui da comunidade começou a querer as coisas só pra eles, e os pastores da igreja começou a empatar a comunidade utilizar o centro social, que foi construído em prol da comunidade e pela comunidade, eles não gastaram um centavo pagando ninguém. Tudo foi construído pela comunidade.

E enquanto tava nas mãos daqueles que tinha o interesse de ajudar a comunidade foi ótimo, depois, eles foram se afastando e foram ficando os próprios aqui da região: de Pacajus, por exemplo, que a central aqui é Pacajus. E foi se afastando, ficou só a escola. Quando foi no dia 31 de dezembro de 1996, o então prefeito Nezinho de Pacajus tinha construído a escola no período de 95, quando foi em dezembro de 96 ele entregou a escola para a comunidade e saindo da escola batista para a escola Olímpio de Nogueira. Daí foi que eu recomencei a trabalhar na comunidade de Alto Alegre pelo Horizonte.

...A história do Cazuzá começou em 2000 (dois mil), quando o então Mario Mamede veio ser secretário no município de Horizonte, e ele já tinha ouvido falar dos movimentos que o Prof. Henrique Cunha tinha feito junto à primeira Dama Vânia Dutra, e ele se interessou pela história e continuou e pesquisou o que era quilombola, depois ele veio para a comunidade, fizemos o movimento e daí surgiu a associação e quando foi em 2005 (dois mil e cinco) recebemos o título da Fundação Palmares, o registro a certidão de nascimento da ARQUA. E nós temos aqui um quadro aqui na parede.

Daí abriu-se as portas para melhoria da comunidade. O posto de saúde que, chama-se hoje o posto de Queimada, porque Queimada é o distrito dessa comunidade Alto Alegre e adjacência. E o posto era no centro das Queimadas, hoje nós temos o posto das Queimadas, mas, é dentro da comunidade quilombola. Foi recurso direcionado aos quilombolas. Então, porque não, esse recurso ser construído o posto dentro da comunidade quilombola. Nós temos três escolas dentro da comunidade. Duas de ensino fundamental 1 e 2, e um é infantil que pega criança de três a seis anos. E as escolas pega criança do primeiro ano ao nono ano.

A institucionalização como movimento social de comunidade de quilombos permitiu a população de Alto Alegre o acesso às políticas públicas dirigidas aos quilombos, e também conseguirem maior atenção das autoridades municipais atraídas pela maior facilidade de obtenção de verbas para o município devido à existência de uma comunidade de quilombo reconhecida pela Fundação Palmares, sendo que na pauta política ainda figura a necessidade da titulação das terras pelo INCRA.

CAPITULO IV: AS NARRATIVAS DA POPULAÇÃO DE ALTO ALEGRE E DOS SEUS VIZINHOS

As narrativas são formas de contar o passado e o cotidiano como lembranças, casos e acasos. Muito do que é falado é motivado pelo acaso devido ter encontrado alguma coisa que lembra um fato ou alguém. As histórias sobre os fatos começam com uma hesitação de quem não tem muito a falar ou que não lembra mais de muita coisa. Com o tempo e com a convivência com as conversas as histórias foram se compondo, as entrevistas foram semi-estruturadas e algumas temáticas foram elaboradas, como no caso das entrevistas sobre a Umbanda em Alto Alegre ou sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade na sua medicina tradicional ou nos seus temperos.

4.1 Os tempos de origens e de trabalho na farinha

As histórias enquanto comunidade de quilombo são recentes, nas conversas fica claro que sentiam diferenças devido à cor com relação às outras pessoas e outras comunidades. Mas eram apenas morenos escuros, pretos, ou pretos bem pretos, pretos da cor puxada. O sentido de comunidade de quilombo ainda não foi totalmente assimilado, algumas pessoas não sabem como definir, mas se dá ênfase devido às vantagens obtidas.

“Hoje o Alto Alegre virou Queimadas e Queimadas virou Alto Alegre.”
(fala da dona Davel)

Queimada é a região da localidade onde moravam as famílias abastadas e donas de quase tudo, as terras, a vida política, os lucros, e os empregos. As várias fábricas de farinha, como são chamadas as “casas de farinha” também estavam nesta vila, que no passado era considerada mais desenvolvida que Alto Alegre. Com o tempo e com os investimentos devido hoje ser comunidade de quilombo houve uma inversão. Hoje segundo a fala de algumas pessoas, “Queimadas está meio no abandono”. Parte das famílias proprietárias se mudaram e Alto Alegre tem maior desenvolvimento. Queimada é a sede do distrito e Alto Alegre um bairro rural.

A comunidade em si nunca teve terras suficientes para a manutenção da atividade agrícola rentável. As gerações passadas como veremos mais adiante plantavam e ainda plantam nas terras de outros, no sistema da “a meia”, sistema onde quem planta faz todo o investimento e emprega todo o trabalho, dividindo o trabalho com os membros da família. Os resultados obtidos da colheita são repartidos pela metade com o dono da terra. Se a safra é

fraca ou perdida devido à seca, os prejuízos são apenas de quem planta. Nos últimos 20 anos as terras de uso agrícola sofreram uma grande redução devido as construções dos canais da integração e dos trabalhadores, estes roubaram grande extensões da comunidade.

Pelos relatos o território do distrito de Queimadas tinha três atores, os do Alto Alegre, os caboclos, que se confundiam com os índios e descendentes, talvez também negros não muito escuros e os brancos representados pela família dos Nogueiras, donos de tudo.

Seu Cirino é uma das pessoa mais velhas com 82 anos:

Nasci em 24 de maio de 1929, tenho 82 anos, graças a Deus. Trabalho todos os dias, trabalho e gosto, tenho prazer de trabalhar, mas pelo gosto do pessoal eu não andava só não.

Seu Cirino representa o passado é das pessoas que vivem da agricultura, tem uma pequena plantação em casa, mas possui a sua roça distante dali, plantando de a meia, e obrigado a andar muito, para ir e vir do trabalho, causando uma grande preocupação para os familiares quando sai para ir para a roça. Sendo que a esposa, dona Antônia Ramalho sempre manda os meninos, filhos e netos irem atrás dele.

Ele continua falando do seu cotidiano:

O meu menino às vezes vão encontrar comigo eu trabalho lá na Rigesa, perto da pista. (Rigesa é uma fabrica de reciclagem uns 4 ou 5 quilômetros de Alto Alegre) (A pista é o asfalto de BR-116). Eu tenho medo de andar de moto, vou e volta a pé, faz de conta que estou fazendo exercício físico para as pernas, vou todo dia, agora tenho um quinhão de terra pra li, tem macaxeira, feijão, hoje fui ali, faz dois dias que não ia para a Rigesa, mas amanhã também vou, tenho que terminar de rosar uma roça. (retiram o mato da área plantada).

Sem mesmo ser interrogado ele segue falando em tom pausado e solene:

Eu comecei trabalhar com seis anos de idade, já tava na roca ao lado do meu pai, trabalhava graças a Deus. Meu pai me contava o passado do velho, meu bisavô, o Cazusa. Ele veio da África, e soltaram ele como um animal, ele fugiu do porto da Barra do Ceará. Da Barra ele veio correndo até Pacajus, em Pacajus foi pego e amansaram ele. Pegaram ele a dente de cachorro, ele foi morar na aldeia num lugar em Pacajus, feito para os índios.

Assim todos os membros da comunidade repetem a mesma história que se tornou o mito de origem das famílias que compõem Alto Alegre. A aldeia indígena de Pacajus é parte da história local. O porto da Barra do Ceará ate Pacajus são mais de 60 quilômetros, mas é uma distância passível de um fugitivo ter percorrido em dois dias. A história da origem da comunidade se completa da seguinte maneira:

Depois de manso veio de lá para cá, caiu aqui em alto Alegre, na Gameleira, naquele tempo não era ainda do seu Horacio Domingos, é agora. No tempo se formou a gente mesmo. E da Gameleira veio depois pra Alto Alegre, casou com uma tia minha lá de Buriti, formou família que de fato é meu pai Raimundo Augustinho da Silva, ai ele morreu e passou o terreno pro papai, papai tomou de contar. Ai em 1920 apareceu o dono do terreno de Alto Alegre, sem ser dono, ai só podia morar quem pagasse.

Ai na conversa quando vai surgindo o conflito de terra a história fica curta e logo se passa para outro assunto. A pergunta foi feita: Quem era esse dono da terra?

Eram os Nogueiras, os Nogueiras da banda de Pacajus, os daqui das Queimadas não, os daqui eram por nós, eram os de Pacajus que vieram, ai meu pai, com licença da palavra de vocês, tinha duas bestas que vendeu, por vinte mires e compro esse mesmo terreno por vinte mires. E ficou o dono do terreno, tiraram os papeis do terreno e quando papai morreu deixou os papeis pro Neco, meu irmão, que entrego pro Nego do Neco, esses papeis.

Ficamos morando aqui, em Alto Alegre, que era só mata, aqui naquele tempo era mato. A noite a caba só andava com o lampião aceso na cabeça, ai para Pacajus, Horizonte, naquele tempo era Olho D'água, Cavalaria era uma mata só, a entrada era só uma brechinha, graça a Deus criemos com frutas do mato.

Sobre a família o seu Cirino, ele disse o nome dos dez irmãos assim denominados: Chico Raimundo, o mais velho, Maria Joana, que também era madrinha de um dos filhos, tratada como “comadre Angola”. Maria de Nazaré, Marisinha, Maria, Manoel, chamado de Mané Doca, Neco, Zezé, “compadre” Vicente, Cacau e o próprio Cirino Augusto da Silva. Nas menções das populações de 30 a 40 anos a denominação de compadre ou comadre era de grande importância e tinha um sentido religioso de dar os filhos para serem batizados por alguém de muita amizade.



Figura 32. Fotografia do seu Cirino e família em 197? Foto: arquivo da Tia Antônia, (não lembra exatamente o ano).



Figura 33. Fotografia do seu Cirino e família recente. Ele com os filhos, netos e bisnetos. Foto: arquivo da Tia Antônia.

Quando foi perguntado sobre quais fatos teriam sido mais importantes na sua vida seu Cirino respondeu que foi ter sobrevivido e ter constituído uma raiz que vem até hoje. Quando a sobrevivência ele narra história de dificuldades alimentares, de problemas de seca, onde eles tinham que comer calango e manipeba. A manipeba tinha que ser lavada em nove águas para tirar a parte venenosa da planta e dela fazer um tipo de beiju.

Assim narrando as dificuldades ele nos fala:

Nós ia pra roça com a mãe e o meu pai ia pra Queimadas trabalhar. quando não vinha a mãe soltava nós, vinha procurar almoço e o almoço que a gente encontrava era maracujá, maracujá de capoeira. E a gente enchia os baldes, quando chegava em casa a mãe botava no fogo com bastante água e sal, quando ta bom ele papoca, ai mamãe só tirava botava na quenga, naquele tempo era quenga, não era prato, era quenga de coco da praia. (quenga do coco é a casca, com as quais se faziam cuias).

Ai aquele mais velho e mais novinho a mamãe botava cinco, outro quatro, dois ou três maracujás na quenga, a gente comia e bebia água e se deitava um pouquinho, quando era uma hora a gente ia pro roçado de novo. Quando dava sete horas da noite, papai chegava com dois litros de feijão, dois de farinha, uma banda de rapadura e uma posta de café em caroço. Então mamãe botava aquele feijão no fogo, a gente comia aquele feijão botava farinha dentro e fazia aquele chibé, aquele caldo e sai na rede de caldo um chamando para comer, ai a gente bebia aquele caldo e ta hoje estamos vivendo bem graças a Deus.

Nas conversas com os informantes ficou claro que o trabalho nas Queimadas era nas fábricas de farinha e mesmo as plantações para os homens e nos trabalhos domésticos para as mulheres, mas que geralmente não havia pagamento em dinheiro, era em comida, retirada da venda dos donos da terra. No passado era grande o número de mulheres de Alto Alegre que trabalhavam para os Nogueiras em Queimadas, hoje o número é pequeno, visto que existe a opção do trabalho nas fábricas e em outras famílias de classe média de Horizonte. Pelo visto a troca de trabalho por comida foi muito praticada até 1980.

Seu Cirino conta:

Uma coisa é que as compras, o feijão que papai trazia é porque nas Queimadas, naquele tempo não havia dinheiro, trabalhava pela, pelas mercadorias, damos graças a Deus, o Raimundo Nogueira nossos patrões.

Voltando a falar sobre o Cazuzá, muitas pessoas da região não acreditavam nesta história da fuga e da fundação de Alto Alegre. O seu Cirino nos conta:

Eles não acreditava não, eu conto a eles muitos não acreditam não que houve essas coisas, não acreditam nestas histórias, mas outros acreditam, tanto que a gente lá no sindicato, pois desde 1953 sou membro do sindicato, eu vou pra reunião e lá os caba mais novo do que eu se encosta a mim porque sabe que se encosta numa pessoa mais idoso feito eu, sabe que tem coisas pra contar, eles já me perguntam e fico contando a ele o que já passei, o que sofri na minha vida, na juventude.

As coisas continuam nas narrativas sobre as Queimadas e os Nogueiras:

O pagamento era em mercadorias, porque não tinha dinheiro neste tempo. As mercadorias entram feijão, farinha, rapadura e café em caroço.

Perguntei qual era o tipo de trabalho feito:

Trabalho de enxada, limpando plantando. Ai quando começou aparecer dinheiro as coisas começaram a melhorar também, eu mesmo fui um que ganhei três toes, mas não era dinheiro todo.

La na casa dos Raimundo Nogueira ainda tem aquelas duas arvores, ah! Não tem mais porque ele cortou, tinha dois pés de pau onde a gente passava com as caras, eu era o porteiro.

A casa de farinha antiga era perto da casa do Chico Velho e essa casa era de papai, foi quando casei, mas minha velha não quis ficar lá. Porque ando a gente fazia uma que a gente se mudava deixava pros filhos.

As histórias são muitas e as referencias aos Nogueiras são varias eles aparecem em muitas conversas e vários depoimentos de maneiras diversas, no entanto muito afirmam que a convivência era boa, e que os Nogueira eram bons patrões e os assistiam nas horas de dificuldades.

Mas houve briga com os Nogueiras e os negros por causa de terra?

Era sim senhora, com os caboclos, ainda hoje tem cruz lá em cima de um serrote que tem acolá, aqui morreu um dos Raimundo Nogueira, com bala no braço, morreu outro com bala nos quartos, outros levaram balas e, outras partes do corpo. Um bocado de caboclo morreram, ainda tem cruz lá no serrote.

A briga era entre os índios e os Nogueiras. A gente vivia tranquilo, só teve briga quando foi para comprar esse terreno, graça a Deus, eu tinha um dinheirinho pra comprar.

Esse terreno ai desta extrema dos Nogueiras até os Nogueiras pro outro lado tudo é terra que foi tomada dos pobres, era terras negros e foi tomada pelos Nogueiras. Eu andei três dias mais os homens do INCRA, mostrando tudo ai pra ele, é tanto que agora o INCRA vão cuidar de organizar as terras.

Do que quase não se fala existem traços de que houve vários momentos de disputas de terras e que as populações indígenas, de caboclos e negros foram perdendo seus espaços. Agora com o reconhecimento como comunidade de Quilombo existe uma pequena esperança em recuperar as terras, no entanto a população mais jovem não deseja ser agricultora pois o sofrimento passado que presenciaram dos pais foi muito grande com poucos frutos. Os silêncios, as negações, e as dúvidas representam os medos que ainda persistem de

perda de empregos e da existência de violência. Devemos lembrar que existe também uma questão de interesses políticos e de uma política de boa vizinhança.

Nas conversas fica evidente que o período melhor de vida com relação à produção foi o período da farinha, do qual o seu Edmundo, cujo nome é Raimundo, pai da Leuda, professora das crianças na creche, é quem nos fala. Quando chegamos à casa do seu Raimundo, fotos abaixo figura 34, ele estava armazenando feijão em garrafas de plástico de refrigerante.



Figura 34. Casa de seu Edmundo (Raimundo Cicero Alves) e dona Nazinha. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 35. Dona Nazinha debulhando feijão. Foto: Marlene P. Santos, 2011.

Dona Nazinha era quem debulhava o feijão verde. Para início da conversa perguntamos de onde era aquele feijão, do quintal deles ou da roça?

Da minha roça.

E como são as roças hoje? Segui perguntando.

Sim os mais velhos ainda plantam, eu mesmo tenho roça e acabei de chegar de lá.

Tem diferença o que se planta hoje do que se plantava antigamente?

Ah antigamente a gente plantava muita mandioca para fazer farinha, era muita farinhadas, hoje a gente tem que comprar quilinho de farinha na bodega. Agora acabaram todas as casas de farinhas, eu queria que a gente ainda tivesse a nossa casa de farinha. Um vereador disse que ia ajudar a gente para ter de novo a casa de farinha, mas não deu certo, só tem os restos da casa lá dos Nogueiras.

A produção de mandioca e farinha foi muito grande no passado ainda recente, hoje muito pequena. Os quintais ainda têm plantação de mandioca. Mas hoje se vende a maniva, o talo e a mandioca para produção de ração bovina. No tempo das farinhadas propiciou grandes vendas e criou uma riqueza personificada pelas histórias do seu Zé Paulo.



Figura 36. A casa de farinha em Alto Alegre. Foto: Marlene P. Santos, 2010.

Seu Edmundo conta a história do Zé Paulo:

Zé Paulo ia vender farinha em Fortaleza, esta saía de Alto Alegre com dez jumentos carregados de farinha, assim enricou, criou os filhos, fez fortuna e hoje tem casas em Fortaleza, e um depósito de material de construção.

Isto nos revela a importância que atingiram as casas de farinha, as farinhadas e o seu comércio. Nos fomos procurar o seu Zé Paulo em Horizonte, e foi difícil encontrá-lo, porque fui procurar no lugar errado e Zé Paulo era apelido, e também porque seus negócios são mais amplos que uma casa de material de construção.

O entusiasmo do seu Edmundo faz com ele continue falado sobre a farinha e as farinhadas:

Antigamente nos tinha as casa de farinha era muito importante, tinha movimento, era alegre e a gente não comprava farinha, hoje a gente tem que compra, porque até planto mandioca, mas se acabou as casas de farinha. Tinha muito movimento, nós não parava, nós passava de inverno a verão trabalhando para os Nogueiras.

As casas de farinha eram dos Nogueiras, e nos trabalhava pra eles, hoje em dia quanto a gente passa e olha por ali, se vendo lá acabou tudo, deserto total, só os restos das casa, vendo lá parece um cemitério, você olha é mesmo que um cemitério, foi tudo por água abaixo, morreu todo aquele movimento.

Mas hoje em dia tem as firmas, os que podem vão tudo trabalhar nas firmas. Tem muito os da Base que vem trabalhar nas firmas, mas eu gosto é de ir para minha roça.

Na figura 37 temos uma das casas de farinha de Queimadas que ainda funciona.



Figura 37. Casa de farinha nas Queimadas. Fotos: Marlene P. Santos, 2012.

Percebemos que as casas de farinha foram um núcleo de emprego remunerado, já da época do dinheiro, que eles também tinham casa de farinha, mas o “*ouro branco extraído por mãos negras ficava com os donos da terra*”. Os lucros maiores e o monopólio da produção estavam com os Nogueiras. Também nos revela que era um espaço de trabalho comunitário, da participação de várias pessoas em tarefas diferentes. As casas de farinha permanecem vivas na memória dos mais velhos.

4.2 Falando com a mãe de todos

Hoje quando uma mulher vai dar a luz em Alto Alegre ela corre para a maternidade em Horizonte e o médico é quem faz o parto. No passado, há cerca de 20 anos atrás, quando uma mulher ia dar a luz chamavam a parteira, mãe Davel, que sem bisturi, nem anestésico e com os conhecimentos próprios, pegava as crianças, as trazia ao mundo. Ela tem 82 anos, chama-se Maria Alves da Silva. Ela é casada com Francisco Domingos da Silva, chamado pela esposa de Besouro, com a idade de 81 anos, ela nasceu em 20 de Novembro de 1930, e estão casados na igreja católica há 53 anos, tendo também casado na igreja evangélica em 1983, ou seja, há 30 anos. A religião batista chegou em Alto Alegre por este período e construiu uma igreja sendo que não havia igreja católica no Alto Alegre até 2004. Parte da população é católica praticante, ou evangélica, existindo pouco e se falando pouco da Umbanda e do Candomblé.

Nas primeiras palavras mãe Davel adianta que ela não se lembra de muita coisa:

Tem gente que tem memória boa e tem gente que a memória acaba, o Francisco tem memória desde tempo que ele era menino, às vezes a gente ta deitado ai qual ele começa contar coisas do tempo antigo.

Ela segue falando de si e da sua profissão:

Veio tanta gente aqui que não tinha nem cadeira pra botar senta, uns ficaram andando por ali e outros mais velhos ficam me circulando, diziam que a avo sabe muita coisa, que senhora é parteira e sabe de muita coisa.

A figura 38 abaixo é uma fotografia de mãe Davel tirada por autor desconhecido.



Figura 38 – fotografia de mãe Davel a parteira. Foto: arquivo da comunidade.

Ela se refere às sucessivas entrevistas que tem dado, principalmente com o processo de reconhecimento da comunidade de quilombo a memória dos mais velhos tornou-se um documento importante, que infelizmente não é disponibilizado pelos órgãos governamentais que enviam seus antropólogos para fazerem os laudos de reconhecimento.

Já acostumada às entrevistas ela vai dizendo o que as pessoas perguntam e quais são as suas respostas:

Eles perguntavam como é que fazia um parto da primeira barriga, se eu tinha preparo e como costurava quando termina? Eu digo:

Deus é quem costura, não sou eu não. E graças a Deus não é o primeiro não.

Eu fiz muitos partos aqui em Alto Alegre, as mulheres de primeiro não queriam saber de hospital não, paria tudo era em casa.

Fiz partos, desde esta menina (Lena) da cumade Nazinha, não sei se ela teve algum no hospital, mas por aqui pela redondeza tem cada lapa de negro e de homens já feito, de menino e tudo foi eu que peguei.

Sabemos que a comadre Nazinha teve sete filhos, desses só dois nasceram no hospital, Naldo e Edvaldo, todos os outros nasceram em casa e hoje têm quatro vivos. A mais velha é a Edina com 36 anos de idade e o mais novo é Naldo com 30 anos de idade. Lene

nasceu com ajuda de mãe Davel e quer ter filhos ainda com a parteira, e diz para a senhora que ela não pode morrer antes que os filhos dela nasçam para ela os pegar. Do lado de Alto Alegre e da Base ela é a parteira mais conhecida e respeitada.

No passar do tempo às pessoas trazem os filhos de pessoas conhecidas em grupo para a mãe Davel ver o resultado dos seus partos:

É da cumade Raimunda, as meninas delas eu tenho conhecimento, só no dia que inteirou um ano, que fizeram algo aqui dentro da cozinha, encheu, e me mostraram, olha essa aqui é da Raimunda, essa aqui também é da Raimunda, e fora as laponas de homens que passaram, todos da Raimunda.

O mesmo se passa como os filhos dos vizinhos que ela vê com mais frequência:

Os da cumada Maria Joana, do mesmo jeito, deles eu tenho conhecimento, cada lapa de caba que é um danado. Tens uns que tomam a benção, alguns passam ai eu nem conheço.

Para mãe Davel o Alto Alegre é seu torrão de terra. Uma das lembranças é da chegada do progresso com a energia elétrica. Que o seu Francisco seu marido é que nos conta.

Em 83 que chegou energia por aqui, até 83 não tinha energia, quem trouxe foi os americanos da Igreja Batista. As coisas que foram feitas, como energia não foi pelo prefeito não, foi os americanos. Eles criaram uma associação junto com a comunidade, foi feito um mutirão, e eles buscaram trazer energia para cá. Na associação tinha lanche pra gente, merenda e roupa.

As religiões evangélicas financiadas pelas matrizes americanas durante a ditadura militar tiveram uma ampla expansão missionária em todo o Brasil. Alguns membros da cúpula militar brasileira também eram protestantes e a política social americana pelo mundo sempre utilizou-se do braço das igrejas. Por esta razão muitas comunidades rurais e urbanas foram convertidas às religiões protestantes. Em Alto Alegre acontece o mesmo fenômeno, que é seguido de diversas ajudas sociais. Um dos membros da comunidade faz uma doação de terreno e assim se constrói a igreja nesta localidade. A população tinha outras religiões nesta época, predominando a cristã como pudemos apurar. Mãe Davel também se converte neste período e se casa outra vez na igreja Batista com seu marido, que pelo depoimento dela já estava nesta igreja.

Quando começaram foi embaixo de uma mangueira que tinha ali. Faziam comida, quando dava fê as meninas ficavam no muro, sobrava comida e ai as menina davam pra gente, dava mingau, mas não dava as coisas na presença de todo mundo, porque as vezes não chegava para dá pra todos não. Dava roupa e um bocado de coisas.

O Francisco era de dentro, desde que começaram isto ai (a associação), ele começou a fazer parte e ele já e a de dentro.

Seu Francisco fala desse momento com muito entusiasmo:

Quem deu a vida a Alto Alegre foi os americanos, trouxe a energia.

Entre os benefícios oferecidos pelos americanos batistas estava a existência de uma escola em convênio com a prefeitura. Esta escola funcionou por quatro anos, mas com a mudança do pastor deixou de funcionar. O que ocorreu é que o pastor transferiu tudo para as Queimadas.

Os trabalhos de parteiras tiveram algum apoio da municipalidade de Pacajus, durante curto período. Além de mãe Davel receber um curso, ela recebe produtos necessários para a enfermagem dos partos. Assim ela nos conta:

Agora eu fiz um curso em Pacajus, mas quando eu fui fazer o curso eu já pegava menino. Fiz o curso para tirar as coisas que ia precisar: álcool, algodão, gazes e mercúrio.

As políticas do município e do estado em Alto Alegre sempre foram muito fracas. Mesmo a existência de educação básica é uma conquista dos últimos 10 anos, e ainda assim com deficiências de continuidade e de meios disponíveis, como veremos mais adiante. Nas conversas sobre as histórias de dificuldades vividas pela população do lugar e sobre a procura de assistência médica fora, foi dito que na década de 1960 esta foi conseguida para um dos membros da comunidade devido à amizade com os antropólogos da UFC, pois um deles era médico.

Mesmo mãe Davel narra o saldo das dificuldades.

Meus meninos (falando dos filhos dela) eram de três quilos em meio, ainda tive um que pesou quatro quilos, foi esse que fui ter na maternidade e fizeram cesária, era um menino medonho. Os outros pari tudo em casa, com a parteira veia que morava aqui. Tive onze filhos, nove em casa e dois na maternidade, desses sete se criaram, os outros morreram.

A mortalidade infantil narrada é triste, de doze apenas sete se criaram. Mas esta mortalidade era vista com certa normalidade, devido às dificuldades de vida. Isso não ocorreu apenas com ela, sempre as falas dizem de quantos tiveram e quantos se criaram.

Os partos difíceis assistidos por mãe Davel foram muitos e apenas a coragem e Deus serviu como solução para os problemas. Quando as crianças nasciam de face ou pelos pés eram partos difíceis.

Antes da mãe Davel houve outra parteira, a sua avó, que a assistiu no parto dos seus filhos, era mãe Maria, chamada por ela de cumade Maria do Cego.

Outra revelação é que mãe antes dos partos mãe Davel recorria às rezas:

Eu rezava, rezava na barriga para deslocar a placenta.

Rezava o rosário de Nossa Senhora, e só tem uma Nossa Senhora.

4.3 Dona Sousa e a Medicina de base africana

Os conhecimentos da tradição cultural de base africana no passado foram fundamentais para as populações devido à ausência de assistência médica e estão sendo perdidos por vários motivos, sendo o principal a existência de hospitais e médicos do sistema público de saúde e também pelas campanhas das igrejas evangélicas contra a cultura negra, tida como credence e confundida com a bruxaria européia (NOGUEIRA, 2004). Entretanto como vamos ver nesta parte deste capítulo algumas coisas ainda existem e têm importância para a população de Alto Alegre e para comunidade vizinha da Base. O título de medicina de base africana vem do livro de Maria Camargo (CAMARGO, 1998) onde está classificada a maioria destas plantas como de medicinais e de ritual afro-brasileiro.

Quando perguntamos sobre a existência da tradição da cura pelas ervas medicinais varias pessoas nos indicaram dona Sousa e quem nos acompanhou a sua casa foi a Lena. Seu nome é Maria de Sousa Belmino, têm 51 anos de idade, aprendeu com o seu pai a manipulação das ervas medicinais, hoje manipula medicamentos variados como: xarope, lambedor (espécie de xarope), mel de plantas. Também ensina como fazer chás para vários tipos de mal estar; chás para dor de barriga, para cólicas menstruais, regular o fluxo menstrual, gripe, banhos para aliviar dores de cabeça, para curar resfriado, dentre outros.

A mesma não tem sucessora visto que o filho não se interessa pelas plantas e ela não conseguiu ninguém para transmitir os conhecimentos. A mesma afirma que está disposta a transmitir os conhecimentos a quem se interessar bastando para conseguir o aprendizado vir passar uns dias em sua casa e acompanhar o preparo dos produtos de cura.

A nossa conversa com ela foi andando pelo quintal da casa e ela mostrando as várias plantas, fazendo comentários sobre a forma de preparo dos chás e lambedores e contra quais males se utilizam. Para efeito de registro optamos por fotografar as plantas e também fazer uma tabela sobre elas, procurando outras informações na literatura, tais como o nome científico das plantas apontadas. As visitas à casa da dona Sousa aconteceram em três ocasiões, sendo que algumas plantas vistas na primeira ocasião não estavam disponíveis nas

visitas subsequentes, sendo assim nem todas as plantas citadas por ela foram catalogadas e fotografadas.

A nossa conversa começa com ela falando das plantas que mais utiliza:

Raiz de pega-pinto, algodão, alfavaca, mastruz, babosa, urucu, anador, colônia e outras.

Sobre como aprendeu a lidar com as plantas ela nos diz:

Era o papai que fazia remédio, toda vez que ele ia fazer, eu fica ali curiando, então ele disse: é assim minha filha eu vou lhe ensinar, que é pra quando eu morrer você ficar no meu canto fazendo medicamento, assim eu fiqueii.

Da mesma forma que ia mostrando as plantas também se propunha a ensinar os usos:

vou mostra uma receita de lambedor (uma espécie de xarope)

Há um intervalo de silencio e em seguida vem a receita.

Bota o agrião, alfavaca e a babosa, tira a casca de cima e bota só o miolo, junta tudo, bota no fogo, quando ele secar , abaixar mais a água, você pega, coa, ai bota o açúcar, deixa apurar, esse é um lambedor. E ele serve pra tosse, pra garganta, pra inflamação, serve pra tudo.

Outro lambedor, pode usar outras plantas, como o agrião, alfavaca, urucum, babosa e mastruz; descasca do urucum e lava os outros todos, podo no fogo pra cozinhar, depois do fogo coar tudo, bota açúcar e bota de novo no fogo pra apurar, ai fica o lambedor.

Dona Sousa continua na sua explicação a falar de outros tipos de remédios que prepara.

Faço a garrafada, faço do mesmo jeito, uso o cabelo do milho que serve pro estômago, serve pra gastrite, também é bom a malva santa, com tudo isso faz a garrafada. Mas quem não quer tomar a garrafada, é só pegar umas duas folhinhas de malva santa, passar no liquidificador e toma.

Na fotografia da figura numero 39 temos as plantas usadas na garrafada.



Figura 39. Dona Sousa mostrando as ervas que usa para garrafada. Foto Marlene P. Santos, 2011.

Perguntei se existia durante o preparo dos medicamentos alguma reza ou evocação.

Não, é só mesmo o preparo com as ervas, pois eu já sei que é bom mesmo; eu me curo com isso ai também.

Quisemos também saber se todas as ervas que utilizava estavam ali plantadas no seu quintal.

Tem alfavaca, terramicina, meracilina, tudo é bom pra inflamação. E têm anador, vassourinha, romã.

Além desta têm pião-roxo, comigo ninguém-pode.

Pego no mato, pego vassourinha, quebra-pedra, pepaconha, também arranco chanana, carrapicho, mas também tenho outras plantas que não mostro pra todo mundo não, por causa dos oi rum (olhos), sabe a arruda fica escondida neste lugar porque não é todo mundo que pode ver arruda, porque tem gente que tem oi rum, e arruda é contra inveja; mas vou te mostra.

Então andamos até o fundo do quintal, onde Sousa me mostra um cantinho reservado, espécie de cercadinho, com varetas e pedaços de madeira. A foto da figura número 40 mostra o cercadinho. Lá dentro só cabem umas duas pessoas, entramos e ela vai me mostrando e dizendo para que serve cada uma das ervas, essas são:



**Figura 40.. Fotografia do cercadinho plantas do fundo do quintal.
Foto: Marlene P. Santos, 2011.**

Arruda, serve para dor, quando tá com dor de cólica, a gente tira três palminhas dessas bota num copo, verve a água e faz abafado (infusão) e toma, a dor vai embora.

-Agrião, -Manjerição – serve pra dor de ouvido. –Malva risco. -Malva-santa – serve pra dor de estômago, faz chá ou passa no liquidificador e toma. - Anador,

Segue um quadro das fotos de uma parte das plantas existentes no quintal da Dona Sousa.



Figura 41: Agrião _ as suas folhas são usadas para fazer lambedor e como condimento. Medicinal e alimentício. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 42: Alfavaca _ é usada para fazer chá p/ renite, sinusite, etc, também é utilizada em banhos. Medicinal e religioso. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 43: Anador _ das se faz chá para dor de cabeça e outras dores. Medicinal. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 44: Babosa _ serve para inflamação, hemorróida, gastrite, para vários males e pode ser usada de diversas formas. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 45: Boldo- das folhas se faz chás que é indicado para azia, má digestão e prisão de ventre.

Foto: Marlene P. Santos, 2011.

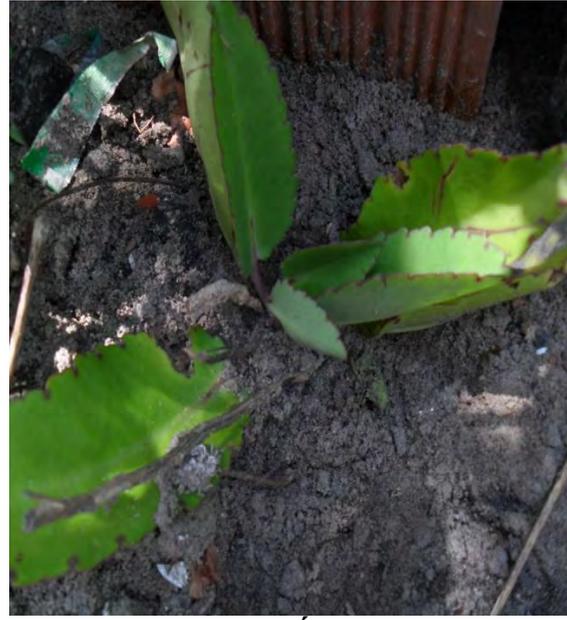


Figura 46: Corama- É indicada para inflamação no útero.

Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 47: Cidreira - O chá relaxa o sistema nervoso, ajuda no alívio da cólica (dor de barriga).

Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 48: Linhaça-

Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 49: Malva – É indicada para dor no estômago. O lambedor feito da folha e é indicado para tosse e dor de garganta.

Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 50: Mastruz – É indicada para inflamação no pulmão, machucados e contusões.

Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 51 – Meracilina – O chá é usado como anti-inflamatório.

Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 52: Noni – Medicinal.

Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 53: Pata de vaca – É indicado para diabetes.
Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 54: Pião roxo – O ramo é utilizado para benzer e o leite da fruta serve para cicatrizar feridas.
Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 55: Pitanga - Da fruta se faz o suco e das folhas se faz chás e banhos.
Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 56: Romã - Á casca do fruto é indicada para inflamação na garganta, rouquidão.
Foto: Marlene P. Santos, 2011.

Também queríamos saber se as pessoas procuram muito Dona Sousa para fazer remédios e para quais doenças.

Procuram, vem muito as mulheres pedir garrafada pra inflamação.

Elas chegam, assim: tia a senhora pode fazer uma garrafada pra mim, ai lá se vai eu pros matos arrancar as raízes, e bota no fogo pra fazer pra elas.

Me procuram muito também atrás de remédio pra dor de barriga, pra isso é bom o boldo, que aqui têm.

Alfavaca serve pra tudo, chá, pra gripe, dor, e também pra banho, se tiver gripado ou dor de cabeça, é só fazer o cozimento da alfavaca e depois de esfria tomar o banho que passa.

Nossa memória passeia pelas coisas da infância no Maranhão diante de uma planta.

Bem, a senhora me mostrou muitas plantas, mas têm uma que me deixou muito curiosa, gostaria de saber como ela chegou aqui, de onde veio, para que serve, pois só vi esta planta até agora somente no estado do Maranhão, onde eu nasci. E lá nós chamamos de vinagreira.

A resposta dela à nossa interrogação:

Ah, esta eu achei lá no mato, pra bandas do córrego, ai conheci e eu gosto de comer isso aqui, que bem azedinho; mais é bom"; eu boto no feijão, boto na carne, na galinha, com tudo é bom isso aqui.

Questionada sobre o nome da planta.

- É vinagre.

A Lena, minha acompanhante daquele dia, interfere na conversa afirmando que quando era pequena e achava aquela folha, ela a chamava de azedinho, por que parece limão, é bem azedinho, ela até ficou com água na boca quando viu a Sousa comendo. Lena disse:

eu comia era muito essas folhinhas de azedinha.

Vinagreira me lembra da deliciosa culinária do meu saudoso Maranhão, uma desta delícia é o arroz feito com a folha da vinagreira (arroz de cuchá). E com o sabor na memória a lembrança me leva a outras busca; vinagreira em algum país da África. Então conversando com uma amiga de Guine Bissau, após lhe explicar e mostrar fotos da planta ela afirma que em Guine há a mesma planta que se chama Badjque (bandqui).

A fotografia da figura numero 57 mostra o pé de vinagreira.



Figura 57. Pé de vinagreira. Foto: Marlene P. Santos, 2011.

Perguntei desde quando dona Sousa se dedica ao preparo de remédios de plantas.

Eu acho que faz muito tempo, eu lá vou me lembra, estou com quantos anos?

Ela se faz a pergunta, ela mesma responde dizendo:

Já estou com cinquenta anos de vida, e foi desde que o papai (Manuel Raimundo) morreu. Papai morreu no dia 11 de fevereiro, mas não lembro o ano.

Também perguntei sobre a relação da religião com o trabalho sobre as plantas.

Sou é católica, mas a igreja não se importa por ela faz os remédios.

Já encerando a caminhada pelo quintal, ela ia mostrando as suas plantas, porém quando já estávamos parando, ela aponta outras plantas e disse as indicações, e essas plantas são:

Língua de vaca é bom para diabete; Cajá- a casca do pé de cajá é boa para diabete também; Jatobá - é bom para gripe, aquele fui eu que plantei, se tiver com tosse e catarro preso no peito, bota a casca de jatobá no lambedor. Toma o lambedor e já afrouxa tudo o catarro.

Durante os passeios pelo quintal da dona Sousa eu fui anotado um conjunto de plantas que procuramos organizar no quadro abaixo.

Tabela 1. Lista de espécies de plantas medicinais e uso religioso utilizadas no quilombo de Alto Alegre no município de Horizonte, CE, Brasil.

Família	Nome científico	Nome popular	Indicação	Observação
<i>Acanthaceae</i>	<i>Justicia pectoralis</i>	anador	medicinal	
		agrião	medicinal	
<i>Rutaceae</i>	<i>Ruta graveolens Linné</i>	arruda	medicinal e religioso	Dor de cólica, melhora o fluxo sanguíneo, é abortiva e combate o quebranto
<i>Labiatae</i>	<i>Ocimum urticifolium Roth</i>	alfavaca	medicinal	
	<i>Plectranthus barbatus Andr.</i>	boldo	medicinal	Dor no estômago e na barriga
<i>Liliaceae</i>	<i>Aloes sp.</i>	babosa	medicinal	Várias coisas, inflamação, hemorroida.
<i>Zingiberaceae</i>		colônia	medicinal	Dor de cabeça, banho.
<i>Chenopodiaceae</i>	<i>Chenopodium ambrosioides Linné</i>	mastruz	medicinal	Inflamação
		malva santa	medicinal	Dor de estômago
		malva risco	medicinal	
<i>Nyctaginaceae</i>	<i>Boerhavia hirsuta Linné</i>	pega-pinto		
<i>Labiatae</i>	<i>Ocimum americanum L.</i>	manjerição	medicinal	Dor de ouvido
		meracilina	medicinal	
		terramicina	medicinal	
<i>Euphorbiaceae</i>	<i>Phyllanthus niruri L.</i>	quebra-pedra	medicinal	
		pepaconha	medicinal	
		chanana	medicinal	
<i>punicaceae</i>		romã	medicinal	Tosse, dor na gargante
<i>Bixaceae</i>	<i>Bixa orellana L.</i>	urucum	medicinal e alimentício	Faz lambedor e usa c/ tempero (colorau)
<i>Scrophulariaceae</i>	<i>Scoparia dulcis Linné</i>	vassourinha	medicinal e religioso	Lambedor e usa p/benzer

		jatoba	medicinal	Serve p/tosse e gripe.
<i>Malvaceae</i>	<i>Gossypiumsp.</i>	algodão	medicinal	
<i>Leg.Faboideae</i>	<i>Desmodiumsp.</i>	carrapicho		
<i>Euphorbiaceae</i>	<i>Jatropha gossypifolia L.</i>	pinhão-roxo	medicinal e religioso	Banho e rezar
		Pata-de-vaca ou língua-de-vaca	medicinal	Chá p/diabete

4.4 Preto Santo, Santo preto: São Benedito

*Vou louvar São Benedito
 Nosso Santo Padroeiro
 Que protege os crioulos
 Todo povo que é coureiro
 Lê lê lê meu santo
 Lê lê lê á
 Protege os crioulos
 Todo povo que é coureiro*

Euclides Talabim.

Era 25 de setembro de 2010, dia do festejo do padroeiro do quilombo de Alto Alegre. Trata-se de um santo filho de Africanos escravizados na Itália que foram incorporados pela Igreja católica na idade média. A sua história revela parte do escravismo europeu, que por certo é desconhecida no Brasil. Escravismo europeu que tinha na Idade média como principal fonte de escravizados os países nórdicos, considerados como povos bárbaros, não cristãos. Mas que também apresentava asiáticos e africanos. As santas e santos negros no catolicismo europeu são vários principalmente a influência do cristianismo ortodoxo do Egito e da Etiópia, mas São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, depois tida como Nossa Senhora da Aparecida, são os únicos santos negros que chegam ao Brasil (OLIVEIRA, 2006)referencia sobre os santos negros, são Elesbão.

Foi muito bom saber da festa de São Benedito em Alto Alegre, pois é uma festa que relembra a infância no Maranhão devido à mesma devoção. Então mergulho nas minhas memórias e vejo na infância as noites estreladas, coloridas, alegres com muitas falas e risos, cheiros de bolos, pipocas e outras comidas, noites estas nas quais lembro de que minha irmã Marilene me levava ao festejo de São Benedito no largo de São Sebastião em Caxias Maranhão, até então em nenhum outro lugar eu tinha presenciado o festejo de São Benedito, ainda mais padroeiro de uma comunidade quilombola.

Coincidência ou destino, eu não sei, mas lá estava eu animadíssima para conhecer a história de como tudo começou com relação a esta festa que também apresentava outra tradição maranhense que foi o Tambor de Crioula. O grupo Tambor de Crioula das Marias de Fortaleza foi participar das festividades e eu com elas.

A festa teve início com um cortejo animado por percursionistas que saiu da sede da Associação Quilombola indo até a igreja de São Benedito. A igreja é uma construção recente.

Fui a esta festa em Alto Alegre com o grupo Tambores das Marias, para junto com a comunidade fazer o cortejo percussivo pelas ruas até chegar à igreja. Estava ali como pesquisadora também para saber como se dá este festejo de São Benedito e como começou sua história como padroeiro do quilombo.

O cortejo tinha afrente um pelotão de mais ou menos vinte e cinco pessoas do quilombo de Alto Alegre, chegando à igreja concentramos todos no terreiro, ou seja, do fora para o hasteamento da bandeira em homenagem a São Benedito, enquanto a bandeira foi subindo no mastro o grupo Afro Alegre e Caravana Cultural tocavam o hino da comunidade. Em seguida houve a missa, durante a qual aconteceu um casamento. A igreja estava cheia, com muita gente, alguns estavam assistindo à missa do lado de fora através das portas e janelas abertas.

Após a missa eu entrei para conhecer o interior da igreja, fui observando suas imagens e fotografando, há uma imagem grande de São Benedito, uma de Santa Barbara, uma de Nossa Senhora Aparecida e outras imagens de outros santos.

Minha amiga Lena que conta sobre o festejo:

O festejo de São Benedito começou a ser comemorado no período que o quilombo foi reconhecido, aqui não tinha capela, mas depois uma pessoa doou a terra para a construção da capela, porém com a condição que a mesma tinha que ser dedicada a São Benedito, e assim foi feito. Foi por causa de uma promessa que a pessoa doou a terra, e tinha que ser São Benedito, assim ele se tornou nosso padroeiro.



Figura 58. Fotografia da imagem de São Benedito na igreja de Alto Alegre. Foto: Marlene P. Santos, 2010.

A movimentação em torno da igreja foi muito grande e as comemorações com muita bebida grátis e venda de comidas, tudo animando pelo ritmo dos tambores. As apresentações do grupo de visitantes do tambor de Crioula era com as mulheres vestindo saias rodadas muito coloridas e blusas brancas.

Forma se um círculo, a coureira que está dançando com o Santo cumprimenta os tambores, depois vai dançando em cada uma das coureiras, estas beijam o pé do Santo, as coureiras dançam cada uma com São Benedito, este sai e continua o tambor, então ninguém segura as mulheres na roda, os homens tocam, o tambor grande, o meia e o crivador, um canta e todos responde.



Figura 59. Cena de dança dos membros do tambor de crioula das Marias. Foto: autor desconhecido, 2010.

A música é alegre e o som do tambor contagiante, eu senti o tambor batendo junto com as batidas do meu coração, ou o meu coração tocando com o tambor. Então há uma música que fala essa história que liga os lugares e pessoas, pois percebo neste festejo muito da cultura do Maranhão no quilombo, eis a música:

(...) Maranhão sou eu, Maranhão sou eu
Praça de Gonsalves Dias, Maranhão sou eu (...).
Domínio público, (Mestre Leonardo).

Também havia fora duas barracas vendendo comidas, representando os dois partidos que são azul e vermelho, o azul é da comunidade quilombola e o outro é de Queimadas; houve apresentação do grupo de capoeira, este é da comunidade e tem como professor o Gildasio.

Foi um festejo muito alegre, falei com várias pessoas, alguns me parabenizaram pela dança, acharam linda, estava cansada, mas fiquei entusiasmada com a perspectiva da volta ao quilombo para saber e conhecer sua história da porteira pra dentro.

4.5 Procurando Zé Paulo: O homem que enricou transportando farinha em lombo de mulas

A farinha teve em alto Alegre e Queimadas um período de grande produção propiciando riqueza. Tornou-se o ouro branco para os comerciantes da região e a figura símbolo deste período é o senhor Zé Paulo, citado em muitas conversas com as pessoas mais velhas. Dizem dele que saía com até 10 mulas de Alto Alegre carregadas de farinha para ser vendida em Fortaleza e que com isto fez fortuna. Dizem também os mesmos informantes que ele vive em Horizonte e que tem um depósito de material de construção.

Entrevistar o senhor Zé Paulo foi um dos objetivos desde o começo da pesquisa. Entretanto encontrá-lo foi difícil. Procuramos de início nos diversos depósitos de material de Horizonte e nada. Mesmo os comerciantes da cidade não o conhecem e nem mesmo ouviram falar dele. Certo é que era alguém que tinha depósito de material de construção.

Também houve quem mencionasse que o depósito era em Fortaleza, mas onde. A procura inicial foi infrutífera e parecia mais tratar-se de uma figura lendária que real.

Quem primeiro mencionou sobre o Zé Paulo foi seu Raimundo.

Ah! Quando a gente trabalhava fazendo farinha era muito bom, a gente tinha o que comer, tinha um trocadinho e tinha serviço. Tinha até o seu Zé Paulo que ganhou a vida vendendo farinha. Ele ia com uns dez jumentos com carga de farinha vender em Fortaleza, enricou vendendo farinha e com isso ele comprou um depósito de construção. Hoje é rico e ajeitou a vida dos filhos também.

Voltei a Alto Alegre, perguntei em vários lugares e nem sinal de Zé Paulo.

Perguntei sobre alguém que se chama Zé Paulo, e que ia vender farinha em Fortaleza e enriqueceu e que hoje tem um depósito de construção em Horizonte e outro em Messejana.

Passei a procurar em Messejana, sendo que em todos os depósitos de construção que perguntávamos nunca tinham ouvido falar da tal história do vendedor de farinha de Alto Alegre. Quase tinha desistido, quando por um acaso num curso de pedagogia que lecionava em Fortaleza houve uma aluna que trabalha em Horizonte que se interessou em ajudar a procurar o senhor Zé Paulo.

A aluna se propôs a ajudar em 21 de janeiro deste ano 2012 e sete dias depois tinha a resposta.

Professora perguntei a dona Vânia, esposa do ex-prefeito e ela me disse que têm um depósito perto da prefeitura que pertence ao filho dele, me explicou mais ou menos como chegar ao local.

Voltei à Horizonte animada pensando encontrar facilmente o local, mas nada. Percorri a rua indicada, mas não encontrei o estabelecimento. Fui a depósito Maria Marques, conversei com as pessoas e não era aquele o local. Agora a idéia era desistir. Calor, fome, grandes caminhadas e tudo em vão. Porém antes de sair, uma das pessoas lembrou-se de um depósito.

Ah! Têm o depósito do Silvano na entrada das Queimadas.

Como chegar lá? Recebida a informação retornei à estrada.

Quando finalmente cheguei em frente ao depósito, que na verdade é uma distribuidora de cimento, estava fechado. Não se tratava de um comércio de material de construção e sim de uma distribuidora de cimento. Foi igualmente difícil encontrar o senhor Silvano dono da distribuidora.

Mas, estava parcialmente esclarecido o problema da busca ao senhor Zé Paulo através das informações colhidas através do senhor Silvano.

O senhor Silvano, é filho de Zé Paulo, possui depósito de cimento em Horizonte, Pacajus e Fortaleza. O senhor Silvano foi o melhor vendedor de cimento de 2011 no Ceará. O senhor Zé Paulo já mora em Fortaleza há muito tempo, hoje está bem, mas quando começou quem lhe deu a mão foi o finado Hélio, marido da dona Joilza, esta é diretora do colégio Raimundo Nogueira em Queimadas. Quem narrou a história foi dona Neiva, esposa de um dos empregados do senhor Silvano.

Por fim encontrei e conversei com o senhor Silvano. José Nogueira de Azevedo é o personagem conhecido por Zé Paulo. Sendo que o filho nos narrou a história do pai:

Meu pai morava em Queimadas perto do açude, era tropeiro, começou como empregado puxando animal e fazia açude. Mais tarde passou a vender farinha, levava de dois a três sacos nos gavetões dos ônibus, saía de Alto Alegre e ia vender em Fortaleza. Transportava a carga de Alto Alegre em jumentos até a beira da estrada. Passado mais algum tempo, levava a carga de farinha em jumentos, começou com uns três, depois dizem que já ia com dez jumentos com cargas. Então fez seu pé de meia e passa para o comércio do cimento, adquire seu primeiro depósito em Horizonte, que se localizava na Av. Castelo Branco n 5226, esquina com a Rua Francisco Pereira Azevedo. Também ajudou na construção da BR 116.

O filho Silvano tem três depósitos dois em Horizonte e um Pacajus.

Daí tive a possibilidade de entrevistar o senhor Zé Paulo. Solicitei de início que ele falasse da sua vida.

Meu nome mesmo é José Nogueira, mas conhecido como Zé Paulo, nasci nas Queimadas, depois das Queimadas um pouco, hoje lá não é mais Queimadas é vizinho a Base que vizinho ao Alto Alegre. Nasci na roça como chama outro,

plantando roça, plantando feijão mais meu pai, eu tanto plantava como pagava, quando a condição dava eu pagava, quando não tinha eu mesmo fazia. Eu limpava, plantava, arrancava mandioca, conduzia uma casa de farinha, na época era nos jumentos, leva cargas da roça pra casa de farinha, da casa de farinha pra roça.

Sobre a casa de farinha perguntei de quem era, se dele o do pai.

A casa era alugada e a gente pagava uma taxa, um arrendamento, a gente pagava em farinha, eu não lembro mais porcentagem, mas se pagava tantos por centos por cada carga, na época se chamava era carga, não era peso, agora tudo é peso, quando não era carga era alqueiro.

Quanto à venda da farinha e os locais de venda ele nos disse que:

Vendia lá mesmo, vênia uma parte, guardava outra pra vender no inverno e vendia pra apurar dinheiro, vendia pra ter dinheiro pras despesas da farinhada e pra outras coisas que a gente precisasse, pra quando fosse fazer farinha de novo.

Ou seja, concluímos que havia um comércio de farinha nas Queimadas, que atravessadores iam buscar a farinha e que parte ele vendia lá a outra em Fortaleza, tendo começado os negócios na década de 1960.

Comecei em 60, nesta época já vendia farinha em Fortaleza, o transporte era trabalhoso, nesta época era muito difícil, eu trazia em gavetões de ônibus, ônibus da empresa São Benedito, nesta época já era São Benedito e é até hoje. Trazia dez sacos, tinha dia de eu dar quatro viagens, ia e voltava, ia e voltava, cansei de dar quatro viagens; não podia trazer muita numa gaveta.

Com o transporte da farinha para Fortaleza ele foi estabelecendo o negócio de comércio.

Na época vendia nos mercantilzinhos de Fortaleza, nas bodegas, na época tinha mercantil e bodega, vendia no subúrbio, nesse tempo vendia pelo subúrbio, era Messejana, Cidade Dos Funcionários, Jardim das Oliveiras e Parque Santa Maria ali eu comercializava.

Interroguei sobre a história que seu Raimundo nos contara:

Raimundo me contou que o senhor ia com dez jumentos vender farinha em Fortaleza, me fale dessa história.

Pra cá eu não trazia em jumento, eu fazia era juntava na roça pra trazer pra pista pra colocar no ônibus, eu juntava um, dois ou três jumentos pra trazer pra pista, outros em outras épocas levaram em jumentos, mas eu não, não foi do meu tempo, era do tempo dos mais velhos, no tempo dos meus pais e meus avós, eu não conheço a vida deles, mas eles não eram do ramo não.

Passamos então a conversar sobre o trabalho na casa de farinha e quem os realizava.

Alguns negros, alguns ajudavam a gente lá na farinhada, uma média de pessoas que trabalhavam na farinhada era, seria quatro pra arrancar e transportar, mais um

forneiro, um da presa, mais seis pra raspar seria doze, então numa faixa de quatorze trabalhando e o pagamento era em dinheiro.

Queríamos saber da época deste trabalho na farinhada de quem ele lembrava.

Eu lembro que tinha o Pedro Gadelha da família Gadelha de Alto Alegre, Herci, Prear, tinha o Luís Soares, Manuel Augustinho, esses que eu falei já estão todos mortos.

Questionei sobre os seus contatos na atualidade com pessoas daquela época.

Não me lembro de mais nenhum, a gente sempre se encontra com eles lá, são um povo isolado, apartado, mas a gente se encontra, conversa, têm o Manuel Caboclo, a gente até dançamos uns forró junto, tinha muito forró, tinha samba também pro lá em Alto alegre. E dançava todo mundo junto.

Também perguntei sobre a composição da população e sobre a existência de índios e negros, como era.

Na minha época nunca alcancei índios, eu até acredito que tenha tido, se houve não foi no meu tempo, sempre teve muitos morenos, têm gente que chama de negros, mas eu chamo de moreno. A família de Alto Alegre normalmente foi de pretos, não tinha nenhum branco não.

Depois de uma pausa segue respondendo:

Eles trabalhavam pro brancos, pro meus tios os Nogueiras, tem muitos Nogueiras, é tão grande que ninguém conhece tudo, uma família muito grande que eu nem conheço tudo, agora dizem que a família Nogueira é um só. Têm os Nogueiras de Pacajus, de Alto Alegre, Horizonte, Morada Nova, Jaguaribe, e têm Nogueira por todo quanto é canto.

Perguntei quem dos Nogueiras também tinha casa de farinha.

Tinha meu pai, meus tios, meus primos; é tinha meus tios, morreram e ficaram meus primos nas Queimadas e viviam da agricultura, e ainda vivem quase todos plantam.

Sobre a agricultura realizada pelos Nogueiras indaguei sobre quais produtos plantavam.

A força mesmo era a mandioca, milho, feijão, mas depois as terras foram enfraquecendo e o que ficou mesmo foi a mandioca, a mandioca sempre foi o principal.

Daí perguntei sobre a realização de fortuna através da mandioca e da farinha.

Não conheci, mas eu comecei, na verdade eu comecei foi a partir do comércio, o comércio é uma coisa e fazer farinha é outra, produzir farinha é outra coisa.

O comércio de farinha é um comércio normal como qualquer outro, tanto faz hoje como trabalho com cimento como também com a farinha, tá certo que a farinha vendia menos, eu passei por cimento é claro que foi melhor, tanto que eu fiquei.

Perguntei quando ele iniciou no comércio de cimento.

Comecei em 75, a gente tinha credito ai eu comprava e vendia, ai foi crescendo, crescendo.

Na conversa se fez um silêncio que interrompi perguntando se ele considerava que tinha enriquecido vendendo farinha como afirmava o seu Raimundo.

Bem, não foi bem assim, eu comecei vendendo a farinha, mas que na verdade o cimento foi o que deu lucro, a farinha deu pra sobreviver, e mesmo assim ele fala, mas não é bem assim como ele está dizendo não, pois eu não sou rico, eu sobrevivo, ganho pra sobreviver. Não tenha dúvida que tive uma melhora financeira até mesmo em relação aos meus irmãos mesmo, pois tenho ainda irmãos morando lá nas Queimadas, têm dois irmãos que moram lá e meus irmãos lá é o Edmilson e o Adércio e eles sempre trabalham. O Milton é primo, o Antônio é primo, o Carlos e o Dedé, eles moram lá em Queimadas.

Fomos à conversa para a o primeiro depósito de cimento.

O meu primeiro deposito foi na minha casa na cidade dos Funcionários, bairro de Fortaleza, meu primeiro depósito foi lá, depois mudei pra Av. Washington Soares, Seis Bocas, e das Seis Bocas pra cá pra Rua Paulina Rocha, bairro Castelão. E tem o de Horizonte que também é meu, em 80 eu estava aqui e meu filho ficou lá, mas ai eu passei pro Silvano e ele assumiu e ficou lá. Aqui eu só tenho esse, mas tem o do meu outro filho lá no José Walter (bairro de Fortaleza), o Silvano tem um em Horizonte e outro em Pacajus.

Seguimos para as histórias das comunidades de Alto Alegre e as suas lembranças também questionando sobre os conflitos de terra se ele se lembrava de alguma coisa.

Não, no meu tempo não, teve uma briga, mas, foi com outras famílias, a família de caboclo, não tinha nada a ver com o pessoal de Alto Alegre não, tinha a ver com os caboclos lá de Pacajus pra lá, dizem que até bala houve lá, mas também não foi do meu tempo, se era do meu tempo, eu era novo, não cheguei a tomar conhecimento.

Eu sei que teve até bala e participou dessa briga um primo da minha mãe, isso é tudo que eu sei, mas agora eu quero aproveitar pra perguntar uma coisa a moça. Você sabe-me dizer como é essa história da terra, dizem que os de Alto Alegre agora vão comprar as terras. E eu tenho ainda umas terras lá pro lado do açude?

Ele demonstra estar preocupado com a titulação de terras dos quilombos pelo INCRA e as possibilidades de desapropriações e de compras das terras que eram dos quilombolas e foram ocupadas pelo governo federal para restituição. Assim terminou a nossa entrevista com o senhor Zé Paulo, que nos apelidamos na nossa pesquisa como o homem do ouro branco, aquele que fez riqueza com a venda de farinha produzida por mãos negras.

4.6 A memória de um amigo de fora do quilombo: Conversando com seu Tintim

A história de Alto Alegre e do município de Horizonte sempre esteve ligada ao município vizinho de Pacajus. Seu Tintim é um farmacêutico natural e morador deste município e que conviveu desde a infância com pessoas dos quilombos de Alto Alegre e da Base. Francisco José Meneses conhecido por Tintim, nascido em Pacajus ha setenta e três anos traz na memória a história que ouviu das gerações anteriores e da sua sobre os negros de Alto Alegre e da Base.

A nossa conversa com seu Tintim começa perguntando da relação dele com as pessoas de Alto Alegre.

Sabe quantas pessoas da área dos quilombolas moraram em minha casa? Doze pessoas moravam em minha casa.

Indagado se as pessoas ainda estavam vivas.

Uma que morreu foi a comadre Nazaré, que era a mais velha deles, ela morreu com uns oitenta e cinco anos, ela passou talvez de quinze a vinte anos na minha casa, nós éramos estudantes, a minha família era estudantes e morava em Fortaleza e eles moravam lá; a comadre Nazaré, a Chichica, a Judite, muito deles moraram na minha casa, talvez umas doze pessoas.

O filho da comadre Nazaré é advogado, o único advogado na família é ele, é uma pessoa muito especial, presta serviço a sua família, a toda a comunidade dos quilombolas da Base e do Alto Alegre.

Perguntamos se ele sabia da história do início da população de Alto Alegre naquela área.

O início, assim a origem da história sinceramente eu não sei, mas eu era ligado a muitas pessoas de lá, a comadre Nazaré e Damião. A comadre Nazaré morou em minha casa, ela me contava muitas histórias de lá. Como eles apareceram ali eu não tenho ideia, eu nunca tive curiosidade de procurar saber de onde eles vieram, só sei que é uma comunidade muito unida, eles fazem parte de uma família só, são muito unidos, eles trabalham juntos, ali eles casam primos com primos, só faltam casar irmão com irmão, mas eles são umas pessoas especiais.

A comadre Nazaré, ela contava histórias interessantes da união deles, o que eu achava muito bonito, porque eles eram muito unidos, vivia entre os Nogueiras, um morava com a família Nogueira, outro morava com Carlos Nogueira filho da dona Carminha, o que eu sei é que ela contava era mais sobre a união deles, lá em casa todo mundo se admirava.

Sempre chegavam juntos um do outro, era uma família unida, eles viviam um para o outro, uma dificuldade que um sentia todos sentiam, a alegria que um sentia todos sentiam, isso ai é o que eu sei deles.

Quando a conversa evoluiu para sabermos como as pessoas ganhavam a vida para viver em Alto Alegre a exemplificação ficou marcada pelo trabalho doméstico das mulheres nas casas de famílias de Horizonte e de Pacajus.

As mulheres viviam nas casas desses que eu falei, umas viviam na casa do Milton Nogueira, outras na casa do Carlos, outras na casa da dona Carminha, lá em casa viviam duas pessoas; que era a comadre Nazaré e eu acho que a comadre Nazaré era a liderança maior de lá. E ela faleceu está com uns oito a dez anos, era uma pessoa que viveu com a gente, nos ajudou a nos formar, você vê que a gente morava lá em Fortaleza na Rua Rui Barbosa, a gente saía de manhã voltava a noite, quando chegava o jantar da gente estava pronto, todo separado, toda alimentação da gente era feita por ela, então foi uma pessoa muito importante na nossa vida, foi a comadre Nazare, meus pais moravam aqui em Pacajus, nós sozinhos morávamos em Fortaleza, aí a comadre Nazare que se encarregava de roupa suja, alimentação, de tudo.

Eu sou formado, sou farmacêutico, terminei em 1966, aí quando terminei, aí meus irmãos foram terminando e quando terminou todo mundo a casa ficou sem utilidade, porque eu vim pra cá para Pacajus, outro foi para Recife, outro foi pra Natal, outros dos meus irmãos casaram e foram morar só, aí a comadre Nazare voltou pra casa dela, mas ela só foi embora depois que formou a família toda.

Essa história se parece em parte com pessoas que conhecemos, como a história de muitos lugares e muitas mulheres negras onde a sua força e importância está ligada ao sucesso de tantas outras pessoas. Elas muitas vezes tiveram que criar os filhos dos outros para poder garantir o sustento dos seus, enquanto isso os seus próprios filhos ficavam só, ou aos cuidados das avós ou de membros da comunidade. A história de dona Nazaré narrada pelo seu Tintim é uma parte importante da história brasileira que poucos como ele reconhece a importância.

Entretanto percebemos que estamos em uma fase de mudança onde muitas conquistaram a alforria não somente das senzalas do passado, mas também das cozinhas e dos empregos domésticos no presente. Mas ainda resta uma realidade onde um número de mulheres afrodescendentes, tem dificuldades no mercado de trabalho e trabalham, nas cozinhas executando tarefas domésticas, criando os filhos dos outros, na sua maioria brancos, mas sempre com baixa remuneração e de maneira estafantes, lutando sem respeito, muitas vezes importunadas pelo machismo dos patrões.

Mudando a direção da conversa procuramos saber se o entrevistado acrescentava alguma informação nova sobre a história do Cazuzá ou da origem da comunidade de Alto Alegre, ou sobre algum dado a ser procurado nos cartórios. Assim foi que ele nos narrou os seguintes fatos.

Eu ouvi falar nele, a comadre Nazaré chegou a falar nele, não sei se era avô, sei que ele tinha um parentesco muito próximo com ela, mas o que ele fez, eu não sei.

Porque quando a gente soube alguma coisa do Cazuzá, quando ele apareceu, a gente sabe quando se formou o grupo quilombola ali do Alto Alegre e da Base.

Aqui em Pacajus o tabelião mais antigo está com apenas vinte anos aqui na cidade, o Assis Meneses foi tabelião aqui há cinquenta anos aqui em Pacajus, ele ainda é

vereador hoje aqui em Pacajus, ele sabe ou deve saber alguma coisa dos quilombolas.

Agora a igreja não adianta procurar, só se for pesquisar documentos, porque a igreja não tem assim um documento, uma pessoa antiga que saiba sobre os quilombolas, porque os padres aqui todos estão há pouco tempo. Mas tem os documentos no cartório do Assis Meneses, tem o cartório Miranda que fica na BR 116, tem outro cartório vizinho à loteria esportiva.

Um fato que a gente sabe dos quilombolas é que na década de 50 os Nogueiras trouxeram um avião e fizeram um campo de pouso ali em Alto Alegre na Base, e juntou muita gente, inclusive a família dos quilombolas, todos presentes para ver o avião pousar e na hora de pousar um dos participantes visitantes se aproximou demais do avião, foi atingido pela hélice do avião, é um dos fatos mais pitoresco.

Outro fato. E em 1922 quando o padre dom Eduardo Araripe, ele queria tomar aqui a terra dos caboclos, dos quilombolas, então ele foi impedido de fazer isso pelo meu avô, o meu avô impediu que o padre dom Eduardo Araripe tomasse a terra dos caboclos que eram os descendentes de índios daqui de Pacajus. Meu avô Teodorico Meneses, ele impediu do padre tomar as terras, o padre fez o seguinte:

Ele juntou os Nogueiras, os Nogueiras tinham algumas pessoas que gostavam de briga, amigos, pessoas de fora, eu não vou dizer que eram pistoleiros, mas eram amigos que eles traziam de fora para tomar a terra dos originários.

Nestas memórias existe outro registro do conflito de terras.

Os índios eram chamados de caboclos e os quilombolas, então meu avô juntou uma parte destes quilombolas e dos caboclos e foi enfrentar os Nogueiras, ali onde hoje é Vicunha (indústria têxtil), próximo a Vicunha, então ali houve uma luta armada e morreram quatro, três dos indígenas, dos descendentes dos índios e um dos pistoleiros dos Nogueiras. Ai como meu avô tinha entrado na justiça devida essa guerra, pois foi uma verdadeira guerra, coisa de cerca de cinquenta a sessenta homens lutando, uns de ramas, outros de foice, de enxada, eles fizeram essa briga envolveu esses quatro pessoas (grupos), três de um lado e um do outro, isso pra defender as terras. Ai a justiça fez um acordo, os quilombolas ficaram lá onde eles viviam, isso em 1922, então a origem deles é muito, muito antiga. E os caboclos ficaram aqui na área de Pacajus, 6 km de cada lado da igreja velha, que foi feita através dos índios; 6 km pra cada lado pertenceu aos caboclos aqui da cidade.

Ainda se referindo a antiguidade dos membros da Alto Alegre na localidade ele nos dá outra referência, tratando como fato pitoresco:

Outro fato pitoresco é que na época que minha mãe casou, um dos quilombolas veio mora aqui com a minha mãe, assim que minha mãe casou, por intermédio de um amigo trouxe a tia Raimunda pra mora lá em casa. E quando foi lá pra 1975 a 1980, meu irmão advogado foi tentar cuidar da aposentadoria dela, mas não tinha registro, não tinha documento nenhum, então meu irmão foi procurar a documentação dela lá em Aquiraz, mas não encontrou nada, ai foi conversar com ela, fazer uma entrevista com ela, e o que foi que ela disse?

-Raimundinho a única coisa que eu me lembro, é que eu menstruei nos três oitos. Ela não lembrava nada dos antepassados dela, só lembrava que tinha menstruado nos três oitos (supostamente 1888). Então o Raimundinho baseado que a menstruação da mulher ocorre entre os dozes e quinze anos, foi lá no Aquiraz e procurou 1874 e ela

tinha nascido em 1875, ai o Raimundinho tirou o documento dela lá da igreja, documento que se chama batistério, levou pra o juiz ai o juiz mandou aposenta lá. Nesta época ela já tinha mais de oitenta anos de idade e como todos os meus irmãos já tinha casado em 80, ai ela foi morar com os filhos dela, ela tinha cinco filhos, vivo só têm a comadre Maria que mora na Canavieira em Horizonte. A gente morava em Fortaleza, ela morava na casa de um, na casa de outro e terminou indo morar na Canavieira.

Esta informação leva à suposição de que os membros da comunidade de Alto Alegre já habitavam a região mesmo antes de abolição da escravatura em 1888.

Da conversa sobre a origem passamos ao tema da produção de farinha, sobre as casas de farinha e sobre o trabalho nestas casas:

Tinha, e para eles rodar a mandioca para ser serrada, era duas pessoas, era dois jovens cada um mais forte, rodava a bulandeira com a mão, coisa antiquíssima, todas as pessoas que trabalhavam nas casas de farinha eram negras ou pessoas morenas. Raspava toda a mandioca, passava na bulandeira ai era colocada no forno pra fazer a farinha. Até 1950 era mais ou menos desse jeito ai, e tinha muitas casas e farinha, tinha em Itaipaba, Pascal, Pauliceia e em Mangabeira que é a mais perto daqui.

Assim chegamos ao final de nossa conversa o senhor Tintim explicado como funcionava antigamente uma casa de farinha. Então perguntamos se ainda existe casa de farinha em Pacajus, ele disse que sim, mas é um pouco longe. Falei do meu desejo de conhecer lá, saber como funciona, então lhe agradei e falei que outro dia voltaria para ir conhecer a casa de farinha, então ele me perguntou:

Você quer conhecer uma casa de farinha?

Eu disse que sim, ele me olhou e disse:

espere um pouco que você já vai conhecer uma, já vou providenciar um carro pra você ir.

Então pediu a um dos seus funcionários da farmácia que fosse até a praça em frente e chamasse alguém.

Poucos minutos após eu seguia no táxi do Wilson 47 anos de idade, ele me levou a fazenda chamada Cavalaria a uns 30 km do centro de Pacajus, no trajeto íamos conversando, ele contou-me que:

Eu viajava levando cargas pra outros lugares, já fui muito pro Maranhão, vi muitos índios pra aquelas bandas do norte, mas aqui nunca vi nenhum, aqui têm muitos negros.

Neste caminho as perguntas foram sobre as casas de farinhas e o plantio de mandiocas. Ao que responde:

Aqui já teve muitas casas de farinhas, mas hoje só têm uma funcionando que é essa que vou lhe levar pra conhecer, a mandioca, hoje têm mais lucro vender, a mandioca dar mais lucro vender pra ração de gado do que fazer farinha. A Imatece compra maniva no metro e manda pra outros municípios, eu mesmo já levei muitas cargas daqui pra fora, Maranhão e outros lugares.

Chegando a casa de farinha, conheci Antônio Ferreira do Carmo apelidado por Simão, ele nasceu em Trairi Ceará, chegou a Pacajus em 1982.

Antônio é o responsável pela fazenda e a casa de farinha do Agenor, esta foi montada entre 1980 a 1981. Também ele confirma que ativa só tem esta casa de farinha, pois todas as outras das adjacências foram desativadas. Ele fala pouco, mas lhe pergunto quem trabalhava nas farinhadas, ou seja, fazendo farinha, segue sua explicação:

No campo os homens, arrancando e transportando a mandioca, antigamente era transportada no boi, hoje é no trator. Raspar as mandiocas é trabalho das mulheres, raspa a mão; São pagos a dinheiro, também trabalha por produção, recebe mandiocas descasca a quatro R\$ 4.00 por saco. Os dias de trabalho é de segunda a quinta- feira, mas antigamente em 82 a98 era de segunda-feira a sábado, hoje a produção diminuiu por causa das empresas que empregou os novos, eles não querem mais trabalhar na roça não.

Fomos andando pela casa de farinha, Antônio foi mostrando cada coisa: o forno, a prensa, a bulandeira e outros instrumentos, vejo que têm muitas máquinas modernas, mas antes toda a mão-de-obra era humana.

Paramos, ele me mostra os montes de mandiocas que têm para fazer farinha nesta semana, mostra o que é maniva, que é o caule do pé de mandioca, ai olha ao longe da fazenda e disse:

Olha moça em 1975 a 1982 na fazenda do Pedro Jorge trabalhavam umas oitentas pessoas, plantando, colendo e fazendo farinha, mas hoje o Pedro Jorge mora em Fortaleza, só resta por essas bandas essa casa aqui.



Figura 60. Fotografia de casa de farinha em Pacajus. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 61. Simão mostrando as mandiocas. Foto: Marlene P. Santos, 2011.



Figura 62. Monte de manivas. Foto: Marlene P. Santos, 2011.

4. 7. A umbanda em Alto Alegre: A casa da dona Celi

A Umbanda em Alto Alegre, a árvore do Maranhão e a casa da dona Celi formam o enredo desta parte do capítulo. Nas comunidades negras do Ceará e do Brasil um fenômeno recente é a mudança das famílias para as religiões evangélicas, havendo dificuldades em se falar de religiões de base africanas, de candomblé, umbanda e das práticas antigas como as benzedoiras e uso das plantas para banhos e tratamentos de doenças do físico e do espírito. Assim com reservas e restrições em Alto Alegre se aponta a dona Celi como a pessoa que conserva a tradição de Mãe de Santo. Por isso marcamos um dia para visitá-la e conhecê-la.

A casa da dona Celi fica afastada do centro da comunidade de Alto Alegre e para chegar lá rodamos um tanto de carro. Chegando às imediações da casa da paisagem se destaca uma árvore, denominada de Xixá, que chamou muito a minha atenção, pois é um espécime muito comum no Maranhão. A figura número 4.12 apresenta a fotografia desta árvore, Xixá, nas figuras apresentamos os detalhes da árvore, das suas flores e das suas sementes.

Fiquei impressionada com as coincidências da árvore que me remeteu ao Maranhão e que tem o mesmo nome popular lá e aqui. Perguntando pelo nome da árvore um dos meus acompanhantes afirmou que a denominavam de Xixá.



**Figura 63. Fotografia da árvore de Xixá na frente da casa de dona Celi.
Foto: Marlene P. Santos, 2011.**



Figura 64. Fotografia da árvore de xixá em detalhe. Foto: Marlene P. Santos.



Figura 65. Fotografia da semente verde de Xixá, foto: Marlene Santos, 2011.



Figura 66. Fotografia da semente do xixá. Foto: Marlene P. Santos, 2011.

Descemos do carro, paramos no terreiro da casa, a senhora veio ao nosso encontro, Nego fez as apresentações, dona Celi começou a nos mostrar suas plantas e

conversava. Nego falou da minha admiração pela árvore porque só a tinha visto, quando era bem criança, então ela:

ah! No Maranhão têm é muito.

Ai foi que eu fiquei curiosíssima, ela sendo nascida e criada em Alto Alegre Horizonte, como conhecia as coisas do Maranhão, fato que foi explicado no decorrer da nossa conversa. Apenas dissemos que queríamos ouvir a sua história e ela foi nos falando. A sequência das suas repostas transcrevemos segue sem a necessidade das perguntas:

Eu acho bom morar aqui. Nasci e me criei aqui. Quando eu vim ao mundo minha família já morava aqui. Hoje uma boa parte da minha família já não mora mais aqui, mora com Deus. Fui criada por outra família. Eu não sei do começo da história da comunidade. Não lembro. Eu trabalho de umbandista. Eu sei que meus pais me criaram eles foram fazer meu desenvolvimento no Maranhão. Joaquim Nogueira. Meu pai eu nunca conheci, conheci mãe, vó. Conheci esse que me criou. Minha mãe está com seis anos que faleceu. Era uma família branca. Ele tinha uma contrabanda lá. (no Maranhão) Foi na rua dos pretos velhos, era uma cidade grande. Eu tinha uns dezesseis anos. Agora estou com setenta dois. Eu quis ir acompanhar eles. Aí ele me deixou lá e só vim quando estava pronta. Aqui veio ter umbanda depois que cheguei aqui.

Agora eu não trabalho mais.

Tinha muita gente que vinha.

Eu era ama delas desde a hora que nasceram. Todas as quintas-feiras essa hora já estavam aqui. Toda vida que eu abria o centro eu lembrava delas.

Festa de Iemanjá eu fazia.

Minha mãe era minha ponta de mesa. Todo canto que eu ia. Trabalhava na canavieira. O último trabalho que fiz foi lá no Amapá. Fui pra fazer um trabalho pra um advogado ganhar a partida dele e ele ganhou. Vieram me buscar e eu fui.

Já tou cansada, comecei a trabalhar nesse trabalho eu tinha doze anos. Às vezes eu ainda faço alguma cura, alguma coisa. Mas trabalho mesmo não faço mais não. O último trabalho que chegou aqui foi semana passada duas mulheres da banda da canavieira, me trazendo o nome do marido dela, ou era junta num sei. Pra tirar ele da companhia dela pra ela gostar de outro. Minha filha eu num faço esse tipo de trabalho não. Esse tipo de coisa eu não faço não. Meu trabalho é cura. De vez em quando eu vou, boto uma velinha pra eles, mas trabalhar mesmo eu não estou mais não.

Trabalho de cura, passava pra passar remédio nas coisas. Era sempre assim. Vinha gente pra dormir na minha casa, só voltava quando estava bom.

Doenças as vezes era enfermidade no corpo, nas pernas, nos braços. Fazia aqueles trabalhos, elas ficavam boas. Meu trabalho não era cobrado. Você recompensa do jeito que puder. Eu nunca cheguei e disse assim: - Meu trabalho é tanto. Sempre trabalhei assim. Gente que cobra pra o trabalho quer dinheiro. E a umbanda não nasceu pra ser vendida. Ela não nasceu pra ela ser vendida. Até porque tem muitos que precisam de uma cura. Eu vou fazer essa cura, mas é tanto. Não pode! Não tá fazendo a cura. Está interessado no dinheiro da criatura.

Procuravam muito (as pessoas da comunidade). O povo da cor alva, da cor morena, pra mim era tudo uma coisa só. Hoje ainda procuram, mas eu digo que não estou

mais trabalhando. Eu parei de trabalhar. Meu centro está ali, está guardado. Até agora não tem ninguém pra trabalhar com isso. Só tem um que tem o centro dele lá. Que eu criei filho da minha irmã que tem o centro dele lá no Amapá.

Era ama, trabalhava lá. Eles me davam roupa, me dava sapato, o que eles quisessem. Elas nasciam e se criavam e eu cuidando delas. Só em Fortaleza eu fui ama durante doze anos. Na semana passada veio uma menina que eu era ama dela. „você não me conhece mais não minha mãe, eu num sou sua filha! Eu lá lembro, sua mãe é a branca,eu sou preta num pode. Cuidava delas, das coisas de casa. Me davam roupa, ajudava minha mãe. Quando eu fiquei grandona, lá pra os dezoito anos, eu voltei pra minha mãe.

Tem um outro terreiro, mas é lá na Malhada. Ainda tá funcionando. É uma amiga minha.

Eu utilizava era...contava com a ajuda de deus. Pedia a deus pra me dar força. Chegava delas loucas, saia pra fora só com a fê em deus. Fazia um chá mesmo de boldo, ou de colônia, banhava. Quando era preciso levar pra médico dizia logo, isso aqui não é pra mim. Eu dizia logo. Quando você chegar do médico venha aqui. Rezava nelas. Tinha hortelã, arruda.

Temos que o terreiro de dona Celi existe, mas não está mais plenamente funcionando, que ela foi feita no santo no Maranhão tendo voltado depois para Alto Alegre.

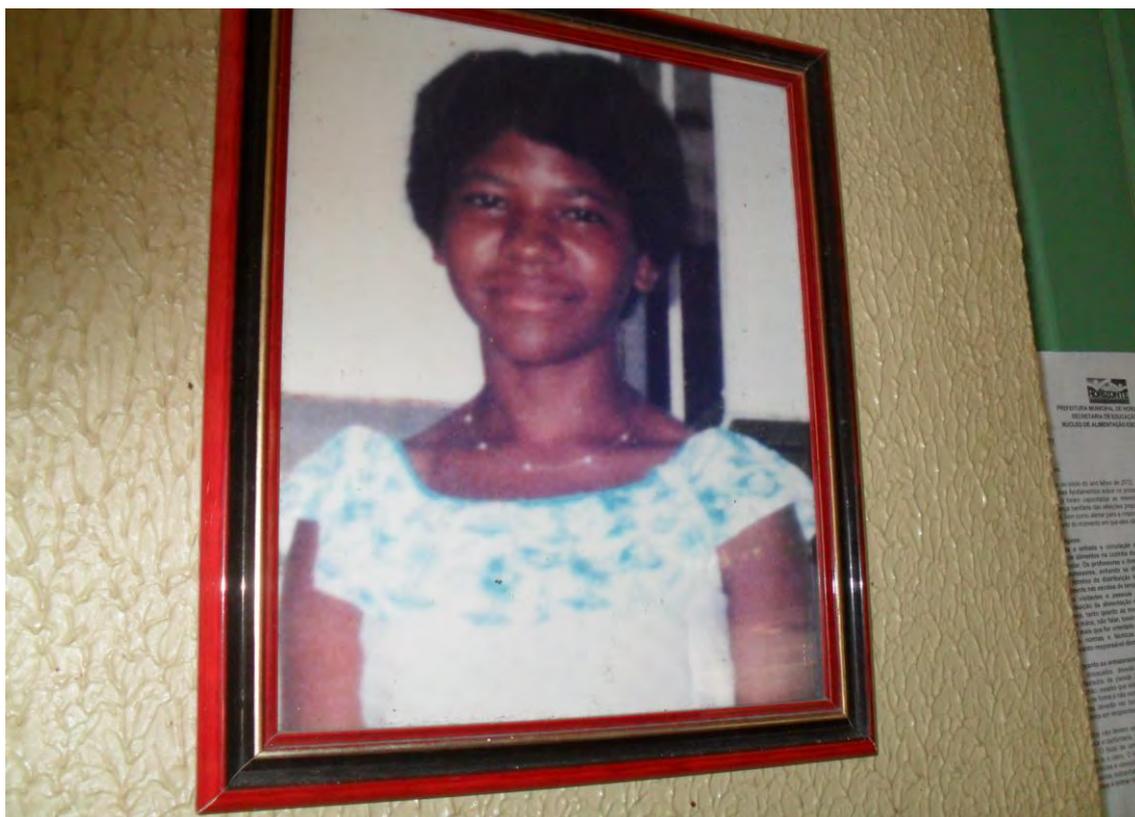
CAPITULO V – QUILOMBO DE ALTO ALEGRE E EDUCAÇÃO

A Educação foi durante um longo período histórico um desejo da população de Alto Alegre. As relações sociais eram agravadas pelo analfabetismo e pelo tipo de tratamento ruim dado aos analfabetos pelo estado e pela sociedade.

Apesar do desejo e da necessidade a história da Educação em Alto Alegre é curta e muito recente. Não havia instituição educacional em Alto Alegre até 1983, e o que tinham estava no distrito de Queimadas e tinha dependência com a prefeitura de Pacajus, que a via como uma unidade rural distante da sede do município. Em 1983 como já vimos no depoimento de mãe Davel, vieram os missionários americanos da Igreja Batista e organizaram uma escola que teve duração curta, esta funcionou por quatro anos e depois se transferiu para Queimadas.

Ir a escola em Queimadas implicava numa caminhada de 4 a 5 quilômetros. Antes desta escola em Queimadas as referências sobre a Educação são vagas, as pessoas estudavam, praticamente morando fora da comunidade e ficando em casas de patrões, amigos e parentes. As alfabetizações eram conseguidas com muito sacrifício e por vezes incompletas.

Hoje o quadro da educação no território quilombola de Alto Alegre é de significativa diferença com o passado e apresenta grande mudança com a emancipação do município de Horizonte com relação a Pacajus em 1996. Existem quatro unidades educacionais da prefeitura, sendo uma creche para crianças de 3 a 5 anos e três escolas de ensino fundamental e médio. A creche é denominada Maria José Alves da Silva, em homenagem à primeira professora da Comunidade, que era filha do lugar, cuja fotografia podemos ver na figura 5.1. Além da creche que abriga 160 crianças e agora tem uma nova designação da prefeitura, como Centro de Educação Infantil – CEI, existem as escolas Olimpio Nogueira, Fernando Augusto e José Bonifácio. A prefeitura faz uma avaliação do desempenho quanto à qualidade da educação das escolas e as classifica por cor sendo o vermelho a pior e verde a melhor. A escola Olimpio Nogueira é de categoria verde, ou seja, de boa qualidade em educação, e as demais passaram do rosa para a cor azul, relativa a uma qualidade média. Podemos pensar que na atualidade não existem sérios problemas na educação de Alto Alegre.



**Figura 67. Fotografia da Maria José Alves da Silva na creche.
Foto: arquivo da comunidade.**

Segundo o professor Haroldo tudo começou antes de 1996, com uma história de brincar de escola. A escola funcionava de forma informal, se faziam as brincadeiras com as crianças de “Brincar de Escola”. Nesta brincadeira os membros da comunidade que sabiam a cartilha do ABC, ensinavam aos demais.

Professor Haroldo é um dos três professores negros de Alto Alegre, mora na comunidade faz 20 anos, nasceu e viveu na Comunidade da Base. Juntamente com Diana, Edileuda, são as únicas pessoas com formação de ensino superior. No presente há mais três moradores cursando faculdade, a Edilene, Audinir e Sergiane.

Outro dado importante é que apenas seis dos professores das escolas de Alto Alegre moram na comunidade. A diretora e a coordenadora do Centro de Educação Infantil, Francisca Eliene de Menezes Babosa e Aurea Vieira Lima Filha, que sempre elas ainda chamam de creche, são duas delas, sendo que são pessoas brancas vindas de fora.

A creche foi criada oficialmente em 1996, e teve o terreno doado para a municipalidade pela família do senhor Chagas Bento. Antes da existência da creche, Leuda nos conta que as aulas começaram numa casa de farinha desativada que ficava no início da Rua Zé Pequeno, na casa do Tio Chagas. Ai havia uma professora negra da comunidade que

hoje dá o nome ao Centro de Educação Infantil, a denominada creche. Mas antes desta escola funcionar na casa de farinha desativada as aulas aconteciam debaixo do pé de mangueira na casa do Tio Neco, no final da Rua Zé Pequeno.

As atividades da Associação dos Moradores de Alto Alegre, iniciam com a questão da escola e do reconhecimento como comunidade de quilombo. Foi período de mudanças, tanto pela emancipação do município de Horizonte em relação a Pacajus, como pelo lado da comunidade procurar de forma legalizada através da associação os seus direitos de cidadania.

Com a instalação da creche é que a professora e atual diretora Francisca Eliane vem para a comunidade. Foi interessante o processo de escolha do nome para o estabelecimento de ensino. Fizeram uma eleição, duas famílias apresentaram os nomes e fizeram ampla campanha. Os nomes candidatos eram do seu Chagas Bento, doador do terreno para a escola e incentivador da educação infantil local, o da primeira professora negra do local Maria Jose Alves Silva. Foi uma intensa campanha entre as famílias Chagas e Silva. Tiveram uma urna aberta por dois dias e no final se contaram os votos. Notem que os nomes das demais escolas não tem relação com a comunidade. São de membros das famílias de políticos da região.

Também foram estudados os projetos pedagógicos e os programas desenvolvidos nestas escolas. Podemos dizer que embora exista um discurso sempre positivo e afirmativo do ser negro, da importância do quilombo, e também do combate ao racismo, pouco encontramos de efetivo com relação à comunidade e ao patrimônio cultural local, tanto de Alto Alegre como da população negra do Ceará. O município de Horizonte implantou o ensino de história e cultura africana e tem professores dedicados ao tema fazendo uma aula de duas horas semanais nas escolas de ensino fundamental e médio. No mais tudo funciona por projetos. Um deles é a preparação para a comemoração do dia 20 de novembro, dia da consciência negra que segundo o professor Haroldo é desenvolvido durante vários meses, havendo a culminância em novembro.

Neste projeto do dia da consciência negra figuram atividades educativas informais desenvolvidas em Alto Alegre, capoeira, maculelê e peças sobre a abolição da escravatura no Brasil.

As fotografias das figuras 69 a 72 foram cedidas por membros da comunidade e ilustram as atividades de comemoração do dia 20 de novembro nas escolas.



Figura 68. Fotografia da Capoeira e maculelê, foto: Marlene Pereira dos Santos, 2011.



Figura 69. Fotografia do Maculelê. Foto: arquivo da comunidade.



Figura 70. Fotografia da comemoração do 20 de novembro na Escola Olímpio Nogueira. Foto: arquivo da comunidade.



Figura 71. Comemoração do 20 de novembro na Escola Olímpio Nogueira. Foto: arquivo da comunidade.

As formações da juventude para o mercado profissional e para o aproveitamento dos recursos da localidade são uma necessidade educacional que não é proporcionada em Alto

Alegre. Recentemente aconteceu uma formação para as bonequeiras, isto é, costureiras de bonecas projeto este que hoje gera uma nova fonte de renda. A figura 5.6 mostra esta atividade de trabalho das bonecas na sede da Associação.



Figura 72. Curso de corte e costura das bonequeiras, foto cedida pela comunidade. Foto: arquivo da comunidade.



Figura 73. As bonequeiras fazendo bonecas, foto: Marlene P. Santos, 2012.

Ressaltamos que a educação não escolar vem ocorrendo de diversas formas e com grande êxito. Entre os membros na comunidade, muitas atividades e formas de conhecimento são demonstrado presentes durante a pesquisa.

Existe na organização da Associação exemplos marcantes de um aprendizado social, do conhecimento das relações políticas e das necessidades de promoção e de divulgação do quilombo de Alto Alegre. Os conhecimentos em termos de música, canto e precursão são outros exemplos da existência da educação informal.

As atividades de produção da farinha, comercialização e uso da farinha, como da construção das casas e de organização de vida do bairro são parte de um conhecimento obtido fora da escola e de grande importância para vida da comunidade.

Nas conversas informais estamos sempre diante de formas variadas de formação não escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa sobre o Alto Alegre e a comunidade do quilombo é um exercício de elaboração dos elos existentes entre a história do local e a memória dos seus habitantes.

A memória é parte da história e a história pode em certo sentido ser considerada parte da memória. A história, sobretudo oral é um campo do conhecimento importante para o estudo das comunidades de quilombo, como tivemos a possibilidade de constatar na nossa revisão bibliográfica para elaboração dessa dissertação de mestrado. A história oral conta com um eixo importante na atualidade que é definido como história africana e da afrodescendência. Trata-se de uma história oral formatada dentro das culturas de base africana e tendo como outro parâmetro a história das relações sociais entre as populações negras e os demais grupos sociais. Sempre lembrando que a definição de negro utilizada não é baseada necessariamente na cor da pele, mas sim nas relações sociais, culturais, políticas e econômicas.

Aqui neste estudo ficam sempre presentes as tensões que gera a diversidade dos grupos sociais. Os negros são herdeiros das ideias e das relações sociais do escravismo criminoso e vivem numa sociedade onde a exploração econômica, se utiliza de mecanismos sociais semelhantes ao do escravismo, com a desvalorização ideológica do ser negro, do trabalho dos negros e das culturas negras. A desqualificação social do ser negro é um processo de dominação, se expressa em Alto Alegre, nas entrelinhas das diversas conversas, com os de fora da comunidade e com os de dentro. Não se deu importância à população de Alto Alegre durante quase todo o século 20 e este e outros estudos demonstram que neste lugar já estavam desde pelo menos a época da abolição do escravismo criminoso no Brasil.

A memória é uma fonte do conhecimento apreendido pela pesquisa, mas que reflete o conhecimento contido na comunidade. A memória certifica a existências e a continuidade de conhecimentos que transmitem a presença do grupo social na localidade e nas relações com um amplo território de vivências e também de conflitos. A memória serve como atualização no presente das lembranças e torna-se um espelho da identidade social do grupo. A memória é um exercício afirmativo da identidade social. O quilombo tornou-se importante após reconhecimento do grupo e dependeu da memória.

Os direitos sociais, não foram ortogados apenas pela existência como seres humanos, e sim em consequência ao reconhecimento como comunidade de quilombo. Eles compraram as terras, mas não adquiriram os direitos plenos aos usos e frutos. Este direito foi

retirado por diversas formas, até mesmo o estado na construção de canais retirou parte deste direito, ao não atribuir remuneração satisfatória. Mas agora com reconhecimento como comunidade de quilombo vem a esperança da regularização das terras.

Lembrar e relembrar que o Cazuzá faz parte do mito de origem permite a inserção na história oficial e traduz existência de uma história oral que produz uma relativa união de propósitos de vida e que os transforma numa coletividade. Não é fundamental se o Cazuzá foi em detalhes o que se fala, mas sim o que representa: a parte da fundação de um ideal do grupo social, ser quilombo é ter origem na história, ter independência e liberdade, mesmo no sistema escravista. O Cazuzá e sua epopeia de fuga funda uma sociedade livre para seus descendentes. Portanto, podemos concluir que para esta comunidade, o Cazuzá representa mais que uma narrativa, e sim uma afirmação social que se opõe ao estigma do negro como ser da senzala nas representações encontradas na sociedade cearense. Assim entendemos e interpretamos neste estudo a referência feita nas diversas conversas ao Cazuzá e à sua família direta. Interessante que dão a entender que todos vem do ramo Cazuzá.

Mas sempre aparecem relações com grupos externos com pessoa que já deveriam estar na região.

O povoamento da localidade é um assunto mais complexo que esta pesquisa não conseguiu revelar. Temos um lugar de terras de negros e de índios, aonde famílias de brancos chegam e passam a disputar o poder político e a propriedade das terras e se tornam os donos de tudo. Os padrões sediados em Queimadas, mas ligados às famílias do poder político de Pacajus, que foi anterior sede do município onde estava inserido Horizonte, antes da formação do município em 1963. Uma espécie de coronelismo tardio foi vivido nas relações da população de Alto Alegre e a família dos Nogueiras. Mas os conflitos transformarem-se em segredos, estes são pouco explicitados e apenas escapam traços que os membros sempre preferem omitir.

O campo das relações religiosas da comunidade atravessa uma mudança significativa desde 1983 com a chegada dos Batistas americanos. Deixou de existir as religiões de base africana, sumiram os terreiros e também em boa proporção o catolicismo de preto. Com esta mudança as festas de negros foram desaparecendo. Na atualidade foram substituídas por novas festas, como maculelê a capoeira, mas agora nos espaços reservados da escola. Também se forma um novo discurso sobre o ser negro, a auto-afirmação. É repetido o refrão que “sou negro e sinto orgulho”. Prova deste novo ser negro são as festas do concurso de miss negra. Também o estado e as autoridades do estado e do município se utilizam deste novo ser negro participando e ajudando na promoção dos concursos. Isto nos leva a concluir que a

identidade vai se atualizando e modificando de maneira interna e externa à comunidade. O fato de ser quilombola não é totalmente compreendido por todos, sempre existem dúvidas, mas faz parte de um discurso de uma nova auto-afirmação social. A cultura negra tradicional é negada e associada ao mundo profano onde o novo cristão evangélico não deveria estar. As interdições da religião são fortes com relação às manifestações de base africana e vistas como “coisas não pertencentes a Deus”. Contraditoriamente, esta cultura tradicional africana permanece viva, basta se mexer um pouco que ela aparece. A parte desta dissertação relativa as plantas e aos seus usos é uma amostra desta memória viva da cultura tradicional.

Podemos concluir que durante os períodos de 1950 até 1980 a comunidade foi quase que totalmente de trabalho rural. Mas que na atualidade está muito voltada para o emprego industrial, de serviços e do município. A população jovem não quer continuar no trabalho na roça. A educação escolar serve de passaporte para o emprego fora, para o mundo da indústria. Os mais velhos têm gosto, orgulho e vê o trabalho na roça como alguma coisa promissora, mas não conseguem visualizar seus filhos poderiam viver educados nas escolas e vivendo do trabalho na roça. O novo trabalho agrário capitalista, com recursos tecnológicos, onde pequenos e médios produtores são prósperos, ainda não foi implantando no Ceará, e continua se pensando o trabalho agrário em termos de sobrevivência mínima. Mesmo o estado não desenvolve o ensino técnico agrícola e nem mesmo realiza política de transformação e modernização do trabalho nas áreas rurais. O trabalho remunerado ainda não é amplo nesta região. Trabalhar nas terras das pessoas ricas em situação de meeiros é muito comum. Isto também demonstra a inexistência de terra suficiente para a população de Alto Alegre viver da sua produção agrícola. E também explica a importância de terem reivindicado o reconhecimento para o quilombo que pode resultar em mais terras, sendo que esta bandeira não é de todos, pois nem todos pretendem continuar em atividades do mundo agrário. Contudo, a cooperativa e associação figuram como formas de independência e melhoria da vida em Alto Alegre. A pesquisa permite concluir que os sentidos de identidade como grupo social, de negritude e de localidade, são muitos fortes e passam por uma ressignificação: são Quilombolas de Alto Alegre. A identidade cultural, como uma forma dinâmica de pensar a subjetividade, a memória e a história garante um lugar social, faz parte da continuidade da comunidade. No entanto também concluímos que teremos muito a fazer ainda para aprofundar estes temas.

Para estudos de continuidade deste trabalho é importante procurarmos explorar as fontes de arquivos do estado e dos municípios. Nesta fase não fizemos devido a dificuldade de acesso e o curto tempo que representa um mestrado. Outra fonte também não aprofundada foi

sobre os informantes externos, aqueles que viveram em Queimadas, e em Horizonte e Pacajus em épocas passadas.

Esta pesquisa tem significativa importância para o reconhecimento da presença da população negra no estado Ceará, pois denuncia a existência de uma comunidade centenária, com a história atravessando desde o escravismo criminoso até o século vinte e um. Trata-se de uma entre centenas de outras comunidades existentes no estado, mas que esta com a particularidade da localização numa cidade muito próxima da capital cearense e mesmo assim não se dilui na modernidade urbana e industrial.

A pesquisa também acrescenta elementos importantes para a história dos movimentos sociais do estado do Ceará. O trabalho estuda a produção de farinha, um fato econômico que representa uma contribuição à história econômica do estado pela ótica dos trabalhadores das áreas rurais e da vida da população negra.

Os resultados da pesquisa registrados nesta dissertação é uma fonte de material didático para a educação do estado. Geralmente as referências de quilombo apresentadas em nossas escolas e literaturas são relativas a outros estados, com destaque a Pernambuco, Maranhão e Bahia. A dissertação apresenta material que possibilita pedagogias sobre os quilombolas no Ceará.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araujo dos. **Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil**. 3. Ed. Brasília: Editora Mapas e Consultoria. 2005.

_____. **Territorialidade quilombola**. Foto e Mapas. Brasília: Editoria Mapas e consultoria. 2011.

AURELIANO, Rodrigo Souza. **Quilombos Urbanos. Identidade, territorialidade no Bairro da Mata Escura na cidade de Salvador; Bahia**. Seminário Estudantil de Produção Acadêmica. Vol. 10. No. 1. UNIFACS, 2006.

ARANTES, Antonio. **A guerra dos lugares**. Cidades. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. N.24, Rio de Janeiro, 1994.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo,

ALMEIDA, R. A e PAULINO, E. T; **Fundamentos teóricos para o entendimento da questão agrária: breves considerações**. Revista de Geografia, Londrina, v.9, n.2, p. 113-127, jul./dez.2000.

ANJOS, R. S. A. **Quilombos**. Geografia Africana, Cartografia Étnica Territórios tradicionais. Brasília: Mapas Editora e consultoria, 2009.

ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do trombetas. Guardiães de matas e rios**. Belém: Cejup/UFPA, 1998.

AZEVEDO, Célia Maria de. **O negro no imaginário das elites**. Campinas: Dissertação de mestrado em historia. UNICAMP, 1985.

BECKER, B. **O uso político do território: questões a partir de uma visão do terceiro mundo**. Rio de Janeiro: UFRJ/Geo. 1

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território Negro em Espaço de Branco**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

BARROS, Luitgar de Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero. A Terra da mãe de deus**. Fortaleza: Editora do IMEP, 2008.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERNARDO, Teresinha. **Memórias em branco e negro**. Olhares sobre São Paulo. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

CARNEIRO, Edson de Souza. **O Quilombo dos Palmares: 1630 -1695**. São Paulo: editora Brasiliense. 1947.

- CAMARGO, Maria Thereza de Arruda. **Planas Medicinais e de rituais afro-brasileiro**. São Paulo: Cone Editora, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito**. Livraria duas cidades. 1971.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *at Alli* (Org.). **Escola e Culturas: políticas, tempos e territórios de ações educacionais**. Fortaleza: Editora da UFC, 2009.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **Políticas das identidades e identidades políticas**. *In*: Bunker / Passos/ (org.) Uma psicologia que se interroga: ensaios. São Paulo: Edicon, 2002. Pp. 133 – 144.
- COSTA, Ângela Maria Faria de. **Quilombos Urbanos, segregação espacial e resistência em Porto Alegre**. Uma análise a partir do Quilombo do Areal e da Família Silva. Florianópolis: Revista Discente Expressão Geográfica. No. 5. Ano V, pagina 154. Maio de 2009.
- COSTA, Valéria Gomes. **“Nos arrabaldes da cidade: práticas de apropriação e estruturação dos espaços no subúrbio do Recife pelo terreiro Santa Bárbara _ Nação Xambá (1950-1992)**, Recife: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2006.
- CORREA, Mario Roberto Weyne. **Quilombo urbano em Porto Alegre**. Uma abordagem histórica d titulação do Quilombo da Família Silva (2003 – 2007). Porto Alegre: trabalho de conclusão de curso. UFRGS. Curso de Historia. 2010.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. **Movimento de consciência negra na década de 1970**. Fortaleza: Revista Educação em Debate, ano 25. V.2 – numero 46 – 2003 - paginas 47 a 54.
- _____. **Textos para o movimento negro**. São Paulo: Edicon, 1992.
- _____. **Para a história da educação dos afrodescendentes**. *IN*: Anais do História e Memória. Fortaleza: Editora do UFC. 2008.
- DOMINGOS, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Revista Tempo, 2007. PP. 100 – 123.
- EVARISTO, Conceição. **Beco da Memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- FREITAS, Decio. Palmares. **A Guerra dos Escravos**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1971.
- FREITAS, M. L. **Reino Negro de Palmares**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1954.
- GOMES, Flavio dos Santos. **História de Quilombolas: Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – Século XIX**. Dissertação de mestrado. IFCH – UNICAMP. Campinas: 1993.
- GOHN, M. G. **Movimentos Sociais Urbanos no Brasil: Manifestações concretas**. *In*: _____ Movimentos Sociais e Luta pela Moradia. São Paulo: Loyolo, 1991. p. 53-68.
- GOHN Maria da Gloria. **História dos Movimentos e Lutas Sociais: A Construção da Cidadania dos Brasileiros**. São Paulo, Ed. Loyola, 1995.
- JACBI, PO. **Movimentos sociais e políticas públicas**. São Paulo, Cortez, 1989.

JESUS, Ilma Fátima de. **Educação, gênero e etnia em territórios negros**. Florianópolis: Serie Pensamento negro em educação. Numero 7, 2000.

KENYATT, Jomo. **Facing mount Kenya**. Nairobi: 1934.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científica**. São Paulo: Perspectiva. (3ª. Edição), 1994.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairro rurais paulista**. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 1973.

LARAIA, Roque de Barros. Patrimônio imaterial: conceito e implicações. *IN: TEIXEIRA, J. ET Alli (org.). Patrimônio Imaterial, Performance Cultural e (re) Tradicionalização*. Brasília: UNB. 2004.

LEITE, Ilka Boaventura. **Território Negro em Área Rural e Urbana**. Textos e debates. Florianópolis, NUER/UFSC, ano 1, numero 2, 1991.

_____. (org.) **Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis. Editora Letras Contemporâneas, 1996.

_____. **O legado do testamento**. A comunidade de casca em Pericia. Porto alegre: Editora da UFGS. 2004. Pp,83.

LIMA, Maria Batista. **Mussuca Lugar de Preto mais Preto: Cultura e Educação nos Territórios de Predominância Afrodescendentes Sergipanos**. Rio de Janeiro; Dissertação de Mestrado em Educação. UERJ, Ano de Obtenção: 2001.

MAIA, Patrícia Mendonça de Castro. **Quilombo Sacopã: uma historia de resistência**. Florianópolis. V encontro Nacional da ANPPAS, Outubro. 2010 (PDF).

MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro, FASE, 1989. p. 70.

MELLO, Marina Pereira de Almeida. **O ressurgir das cinzas. Negros Paulistas no pós – abolição**. Identidade e alteridade da imprensa negra paulistana 1915-1923. São Paulo: Dissertação de mestrado em historia. USP, 1999.

MOURA, Clovis. **Rebeliões na Senzala (quilombos, insurreição e guerrilhas)**. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

_____. **A república do Palmares e seu significado sócio-político**. Publicação: Partido Comunista do Brasil. Uma homenagem do PC do B ao tricentenário de Zumbi dos Palmares. 1995. (apenas 20 paginas).

MUNANGA, Kabengel; GOMES, Nilma Lino. **Para Entender o negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global. 2004.

NOBRE, G. **O Ceará em Preto e Branco**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1988.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História**. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. **A festa negra na Bahia: do medo à apoteose.** Revista de Cultura e Turismo. Cultura. Ano 02, numero 01 – jan/2008. <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao2/artigo6.pdf>

OLIVEIRA, Anderson José Machado. **Devoção e identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos.** TOPOI, v. 12, jan.-jun. 2006, pp. 60-115. <http://www.revistatopoi.org/números-antiores/topoi12/topoi12a3.pdf>

PEREIRA, Amauri Mendes. **Cultura de Consciência negra.** Pensando a construção da identidade nacional da democracia no Brasil. Dissertação de Mestrado. UERJ. Rio de Janeiro: 2000.

PROJETO VIDA DE NEGRO. **Terras de preto no Maranhão: quebrando o mito do isolamento.** São Luiz:SMDH, 2002.

PORTO, Leonardo Venicius Parreira. **História dos conceitos: fundamento teórico-metodológico.** Para construção da historiografia. Maringa: Revista Espaço Acadêmico – N 122 – Julho de 2011. Mensal – ANO XI – ISSN 1519-6186.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas.** Livraria Duas cidades. 1973.

RATTS, Alex. **Traços étnicos: Espacialidades e culturas negras e indígenas.** Fortaleza: Museo do Ceará. 2009.

REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos. **Liberdade por um fio: Historia dos Quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

RICCI, Rudá. **Terra de Ninguém: representação sindical rural no Brasil.** Campinas: Editora Unicamp, 1999.

SANTOS, Marlene Pereira dos. **Incursões sobre a memória e a história das comunidades de quilombos de Alto Alegre.** Projeto de pesquisa de mestrado. 2010.

_____. **Festas, danças e histórias de terreiro em Fortaleza.** Fortaleza: Monografia de Especialização – IFET- CE, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1996;

SILVA, Tomas Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** *IN: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade.** A forma social negro. 1988.

TELLES, Lehonna Marques Ferreira. **O regime de titularidades de terras quilombolas em áreas urbanas: O quilombo de Sacopã.** Rio de Janeiro: Departamento de Direito: PUC – Rio. Relatório interno. 2009. Disponível – 28/03/2011. <http://WWW.puc-rio.br/pibic/retoriO>

HALBWARCHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Edições Vértice, 1990.

VARGES, João / MONTE, Carlos. **A velha guarda da Portela.** Rio de Janeiro: Manati, 2001.

ANEXOS



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO CEARÁ

CARTÓRIO ARRUDA BEZERRA

1º OFÍCIO DE NOTAS, PROTESTOS,
REGISTRO CIVIL E DE TÍTULOS E DOCUMENTOS.

Rua Cônego Eduardo Araripe, 1654 - Centro - Fone/Fax: (085) 348.0886
Pacajus - Ceará

Notários Públicos

BEL^a. ADRIANA ARRUDA BEZERRA
Tabeliã

ALESSANDRA LIMA CARNEIRO
Escrevente Autorizada

NATUREZA DO CONTRATO

1º TRANSFERÊNCIA DE ESCRITURA PÚBLICA DE C. SENDA

OUTORGANTE(S) / VENDEDOR(A)(ES)

JOSE FERREIRA DA SILVA

OUTORGADO(S) / COMPRADOR(A)(ES)

MANOEL RAIMUNDO DA SILVA

DATA

18 DE NOVEMBRO DE 1958

INDICAÇÕES

LIVRO N.º 04 FLS. 504/52

CARTÓRIO ARRUDA BEZERRA

República Federativa do Brasil
 Estado do Ceará
 Cartório do 1º Ofício de Pacajus/CE
 Registro Civil, Notas e Protestos
 Rua: Cônego Eduardo Araripe, 1654 - Centro
 Fone: (085) 348.0886 – CEP: 62870 000
Titular: Bela. Adriana Arruda Bezerra

Livro nº 04
Folhas nº 50v/52.
Traslado 2º

ESCRITURA PÚBLICA DE VENDA E COMPRA QUE ENTRE SI FAZEM JOSÉ FERREIRA DA SILVA, como vendedor, e MANOEL RAIMUNDO DA SILVA, como comprador, na forma abaixo:

SAIBAM, quantos esta virem que sendo no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil novecentos e cinqüenta e oito (1958) aos dezoito (18) dias do mês de novembro do dito ano, nesta cidade e Comarca de Pacajus, Estado do Ceará, República Federativa do Brasil, ao meu Cartório, por me haver sido distribuída esta escritura, compareceram partes entre si justas e contratadas a saber: de um lado como **Outorgante vendedor, JOSÉ FERREIRA DA SILVA**, brasileiro, solteiro, maior, agricultor e residente em Alto Alegre desta Comarca, neste ato devidamente representado por seu bastante procurador o cidadão **Joaquim Nogueira Lopes**, conforme procuração passada nestas Notas em quinze (15) de abril do corrente ano (1958); e de outro lado, como **Outorgado comprador, MANOEL RAIMUNDO DA SILVA**, brasileiro, casado, agricultor e residente no referido lugar Alto Alegre, desta Comarca, os presentes conhecidos de mim Tabelião e das duas testemunhas adiante nomeadas e assinadas, de cujas identidades e capacidade jurídica dou fé. Então perante as mesmas testemunhas, pelo **Outorgante vendedor referido**, me foi dito que são senhores e legítimos possuidores em mansa e pacífica posse, livre e desembaraçado de quaisquer ônus de **UM (01) TERRENO de criar e plantar, com coqueiros, algumas carnaubeiras, e mais benfeitorias, situado no lugar denominado "Alto Alegre", desta**

Adriana Arruda Bezerra
 CARTÓRIO ARRUDA BEZERRA
 1º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO CIVIL
 ADRIANA ARRUDA BEZERRA
 CPF 414.127.453-49

Comarca, extremado: **AO NASCENTE, com terras do referido vendedor e José Falcão; AO POENTE, com bens de Raimundo Nogueira Lopes; AO NORTE, com terras de Guilherme Gurgel; E AO SUL, com terras de Antônio e Maria Capitão**, limites esses conhecidos e respeitados nas cercas divisórias, adquirido dito terreno em maior porção, conforme **Transcrição nº 66, do Livro B-1**, do Registro de Imóveis desta Comarca, e que pela presente escritura e na melhor forma de direito, fazem esta venda pelo preço e quantia certa e ajustada de **Cinco mil cruzeiros (Cr\$ 5.000,00)**, que em moeda corrente nacional, declaram os outorgantes vendedores já haver recebido do outorgado comprador, referido, pelo que dão a esta plena, geral e irrevogável quitação de pagos e satisfeitos e lhe transferem desde já toda a posse, domínio, direitos e ação que até então exerciam em dito terreno atrás descrito e confrontado para que o aludido comprador possa representar-se como dono exclusivo que é e fica sendo de hoje em diante por força desta escritura, obrigando-se eles outorgantes a fazer esta venda boa, firme e valiosa a todo tempo, por si, seus herdeiros e sucessores, pondo o outorgado à paz e a salvo de dúvidas e contestações futuras, respondendo pela evicção de direito, e me apresentaram as quitações seguinte: Certifico, em cumprimento ao despacho supra e, que o imóvel denominado Alto Alegre, pertence a José Ferreira da Silva, nada deve ao Estado, por esta Repartição - Coletoria Estadual de Pacajus, em 16 de abril de 1958 (as) Lúcio Menezes - Escrivão. Certifico que o imóvel de que trata a petição supra pertence a José Ferreira da Silva, se acha quites com esta Repartição. Pacajus, 16 de abril de 1958 (as) ACA. Pelo o mencionado comprador me foi dito que aceitava esta escritura em seus expressos termos, e me apresentou o imposto do teor seguinte: Secretaria dos Negócios da Fazenda exercício de 1958. Tesouro do Estado. Secretarias das Rendas Estaduais em Pacajus Imposto de Transmissão Inter - Vivos Ponte Estado - (Cr\$ 100,00) - Ponte Municipal Cr\$ 100,00 - Cr\$ 200,00 - 1ª Via nº 376905 no livro caixa, após debitados o Sr. Escritor das vendas estaduais, pela quantia de duzentos cruzeiros, recebida do Sr. Manoel Raimundo da Silva, transmissão Inter - Vivos 4% s/. Cr\$ 5.000,00, por quanto quitou o comprador a José Ferreira da Silva, numa parte de terra de criar e plantar no lugar Alto Alegre. Secretaria das Rendas Estaduais em Pacajus, 15 de abril de 1958. Depois de feita esta escritura, foi por mim lida perante eles vendedor e comprador referidos, e todos reciprocamente, a aceitaram, outorgaram e assinam com as testemunhas, a tudo presente, que ouviram a sua leitura: Victor Maurício de Sousa e Jaime Pereira de Sousa, ambos maiores, sui juris, residentes nesta cidade. Subscrevo em Testemunho (sinal público) da verdade. Eu, (ass) Jocelito Saboia Castro - 1º Tabelião Público. Dou fé. Pacajus,

Driana Arruda Bezerra
 DRIANA ARRUDA BEZERRA
 OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO CIVIL
 CPF 414.127.453-49
 PACAJUS - GOIÁS

18 de novembro de 1958. (ass) **p/p Joaquim Nogueira Lopes; Manoel Raimundo da Silva** – Teste. Victor Maurício de Sousa e Jaime Pereira de Sousa. Eu *J. Raimundo da Silva*, **ADRIANA ARRUDA BEZERRA**, Tabeliã. A digitei, conferi e subscrevo a público e raso do que uso. Está conforme a original.

Pacajus, 19 de abril de 2000.

subscrevo e assino

Em testemunho *JA* da verdade:

Adriana Arruda Bezerra

Adriana Arruda Bezerra

Tabeliã
 ADRIANA ARRUDA BEZERRA
 OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO CIVIL
 ADRIANA ARRUDA BEZERRA
 CPF 414.127.453-45

Provimento 06/97 – TJ

Emolumentos: 67,90

FERMOJU: 2,00

ACM: 0,10

Selo nº AB 488012



DO SOMENTE
 COM SELO
 AUTENTICIDADE

certifica, para os devidos fins de
 direito, principalmente, para quem estiver
 posse, que foi de membro deste imóvel
 a seguinte medida (09,00mts e 50cm) nos
 metros e cinquenta centímetros de frente
 por (24,00mts e 50cm) vinte e quatro
 metros de fundo, para a senhora
 Beatriz Maria da Silva,
 no dia 10 de junho de 2008
Flávia



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
 Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Alto Alegre**, localizada no município de Horizonte, Estado do Ceará, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 003, Registro n. 228, fl. 34, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): Processo nº 01420.001078/2005-86

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, **24 de maio** de 2005.

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
 Presidente da Fundação Cultural Palmares



SEN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF - Brasil
 Fone: (0 XX 61) 424-0106(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br



“A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira” (Wally Salomão)



MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO CEARÁ



OFÍCIO / INCRA / SR(02)G/ N° 2732 / 2005

Fortaleza/Ce, 07 de novembro de 2005.

Senhor Presidente,

Em atendimento ao Ofício ARQUA/PRES/010/2005, encaminhado por essa Associação, em 07/10/2005, à esta Superintendência Regional do INCRA/CE, comunicamos que foi constituído o Processo Administrativo INCRA/SR(02)/N° 54130.004882/2005-49, objetivando dar início aos procedimentos de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desinvasão, titulação e registro das terras ocupadas por essa Comunidade de Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e adjacências.

Entretanto, em função de limitações de caráter orçamentário, por parte do INCRA, impossibilitando a assinatura de Convênios com Entidades parceiras nesse processo de Regularização Fundiária, inclusive com a Associação Brasileira de Antropólogos - ABA, não foi possível a constituição das equipes interdisciplinares necessárias à operacionalização das ações a serem desenvolvidas nessa e em outras Comunidades, para as quais foram abertos processos administrativos.

Dessa forma, solicitamos que seja dado conhecimento a essa Comunidade, que constitui a Associação dos Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e adjacências, que estaremos iniciando os trabalhos de campo relativos ao processo de Regularização Fundiária, somente a partir de março do próximo ano, logo que tenham sido liberados os recursos orçamentários do Exercício de 2006, e que sejam formalizados os Convênios com as Entidades parceiras que participarão do referido trabalho.

Na oportunidade, estamos encaminhando, para guarda por parte da Comunidade de Alto Alegre, a Certidão de Auto-Reconhecimento (documento original) emitida pela Fundação Cultural Palmares, publicada no Diário Oficial da União - DOU, de 08/06/2005, através da Portaria N° 26, de 06/06/2005.

Atenciosamente,


Eduardo Martins Barbosa
Superintendente Regional
INCRA/Ce

Eu, José Evandro Nogueira Lopes, articulador de Ações de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Horizonte, recebi o original para repassar à Associação dos Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e Adjacências - ARQUA. Horizonte-Ce., em 19/12/2005

José Evandro Nogueira Lopes
Articulador da Unidade Gestora

Ao Senhor:

Cícero Luiz da Silva

Presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e Adjacências

Av. Américo Barreira, 4700 - Bairro Bela Vista - CEP 60.440-260 - Fortaleza - Ceará

Tel: (85) 299.1303 - Fax: (85) 482.3309

E-mail: imprensa@fla.incra.gov.br



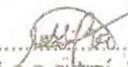
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
 Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade BASE e adjacências, compreendendo as comunidades Caetana e Retiro**, localizadas no município de Pacajus, Estado do Ceará, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 06, Registro n. 573, fl. 83, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): Processo nº 01420.001104/2006-57

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass).........., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, **19 de maio** de 2006.

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil
 Fone: (0 XX 61) 3424-0106(0 XX 61) 3424-0137 – Fax: (0 XX 61) 3326-0242
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

"A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Welly Salomão)

Memórias de Cazuzá

Dizem os estudiosos da cultura africana que os mais velhos devem ser respeitados, pois assim com muito respeito para escrever estas memórias, que vai contar a origem de pessoas tão especiais como estas do Alto Alegre.

O que escrevo foi relatado por três netos de Cazuzá, homens de muito valor, que em casa alegremente me receberam. São eles:

- José Raimundo da Silva (1922)
- Manuel Vicente da Silva (1925)
- Cirino Augustinho da Silva (1929)

Contaram-me que Cazuzá veio fugido da Barra do Ceará, o motivo de tal fuga é por eles ignorados, sabem eles que Cazuzá era homem valente e de difícil submissão, veio este correndo até a localidade de Saco, que ficava lá para os lados de onde hoje é o Jordão, próximo a lagoa do finado Horácio. Lá chegando ele foi caçado a pé, a dente de cachorro, tal era a valentia do negro Cazuzá.

Quando capturado foi amarrado a um pé de carnaúba e lá levou vários açoites até ficar manso, ficando neste local amarrado por vários dias. Em 1938, o então prefeito de Pacajus construiu uma praça e o local de tal flagelo com a carnaúba ficou conhecido como Praça dos taxistas.

Depois de tal triste episódio ele voltou para a localidade do Saco onde se casou com uma moça da localidade de Buriti, e pouco tempo depois se mudou para o que é hoje Alto Alegre.

Cazuzá apenas apalavrou a compra deste terreno ao dono, que era conhecido apenas como Antônio Beiju. Este terreno media 1000 braças por meia légua. A compra, porém só foi efetivada por seu filho Augustinho no ano de 1920, que vendeu duas bestas pela importância de 20 mil réis para assim pagar o terreno.

A banda de terra comprada por Augustinho começa onde hoje esta situada a escola Olímpio Nogueira Lopes e vai até o Córrego.

Na mesma época o Sr. José Pequeno, que era primo de Cazuzá, comprou outra banda de terra que vai do Guilherme até o Córrego.

Neste local existia um alto, onde acontecia muitas festas, movidas à sanfona, que durava várias dias, então com o passar do tempo localidade recebeu o nome de Alto Alegre, porque ali era o local de realizações de muitas festas alegres.

Alto Alegre, Novembro de 2006.

M^a Eveline da Silveira Sappi

Histórico da Comunidade Quilombola de Alto Alegre

- Julho 2004 Dr. Mário Mamede Filho – Secretário Adjunto da SEDH (Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República) informa à Primeira Dama de Horizonte, Vania Dutra, que, fruto de decisão do Governo Federal (gestão Fernando Henrique), havia todo um programa de políticas públicas de integração racial, a cargo da SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas Públicas de Integração Racial da Presidência da República) e que havia muitos projetos do governo Federal, como um todo, para implementação do PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA. Ele havia, como Secretário de Saúde de Horizonte, conhecido a realidade da comunidade de Alto Alegre e achava que havia grandes possibilidades de fazer de positivo pelos afro descendentes de Horizonte, com foco na comunidade quilombola de Alto Alegre. A Profª VANIA se entusiasma com a notícia, transmite ao Prefeito Chico César, que autoriza a parceria com Brasília.
- Set 2004 Chega a Horizonte uma comissão de técnicos conhecedores dos programas de ações de promoção de igualdade racial, composta pelo Dr. IVAIR (SEDH), Dra. BERNADETE LOPES (Fundação Palmares) e MARIA AUXILIADORA (MEC), que permanecem dois dias em Horizonte conversando com as autoridades da Prefeitura e fazendo reunião com a comunidade quilombola.
- Maio 2005 Nos dias 13 e 14, é realizada no alto Alegre, distrito de Queimadas, uma grande oficina com técnicos da SEDH, do MEC, do INCRA, do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, secretários municipais de Horizonte e os membros da Comunidade Quilombola, para a discussão dos problemas dos remanescentes de quilombos da comunidade e para encontrar-se a solução para os entraves à promoção da igualdade racial. No dia 13/maio/2005 é fundada a ARQUA, com estatutos redigidos pelo Prof. José Evandro Nogueira Lopes, gestor da unidade municipal de articulação de ações de promoção da igualdade racial e aprovação pelos membros da comunidade quilombola, agora sócios da ONG, que recebeu o nome de ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBOS DE ALTO ALEGRE E ADJACÊNCIAS, com a sigla ARQUA.
- Maio/2005 No dia 24/maio/2005, é lavrada pela Dra. MARIA BERNADETE LOPES DA SILVA a “Certidão de Auto-Reconhecimento” da Comunidade de Alto Alegre, como REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DE QUILOMBOS, certidão assinada pelo da Fundação Cultural Palmares, Dr. UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO.
- Junho/2005 O Prefeito Chico César de Horizonte e a titular da SEPPIR, Ministra Matilde Ribeiro, assinam convênio para que Horizonte

- possa fazer parte do FIPIR anual, fórum que se realiza em Brasília para discussão e solução dos problemas dos afro descendentes brasileiros. Para participar do primeiro FIPIR foi nomeado o articulador municipal, Prof. José EVANDRO NOGUEIRA Lopes.
- Out/2005 — Começam a funcionar as atividades culturais da Academia de Artes Vânia Dutra (Capoeira, danças para adultos e crianças), artesanato, etc. e as quadrilhas juninas da comunidade, que receberam forte e decisivo apoio da Academia, da Prefeitura de Horizonte e da VULCABRAS.
- Nov/2005 — É realizado, nas dependências da Escola Olímpio Nogueira, o primeiro MISS NEGRA de Horizonte. O certame foi um sucesso social e principalmente de integração da comunidade negra, quando várias pessoas afro descendentes puderam, em público, afirmar o “orgulho negro”, em função da auto estima de que se viram possuídos. A quarta edição do Miss Negra foi no Ginásio Poliesportivo Chico Mariano, que alcançou esplendor digno dos merecimentos da raça negra.
- Jan/2006 — São celebrados os três convênios da PMH com o MEC, visando a implantação do ensino de história da África na grade curricular do sistema de educação do município.
- Fev/2006 — A merenda escolar do CEI – Maria José Alves da Silva. A partir de novo convênio, fruto da legislação federal, as crianças daquela creche recebem alimentação em maior quantidade e qualidade, o que levou o Prefeito Chico César a adotar o mesmo tipo de alimentação, às custas do Erário Municipal, para todas os outros Centros de Educação Infantil de Horizonte.
- Março/2006 — É transferido para Alto Alegre o Posto de Saúde da Família do Distrito de Queimadas, o que possibilitou o aumento de repasse do Governo Federal para o PSF, em função de estar localização em território quilombola.
- Março/2006 — Os recursos federais da merenda escolar para as escolas do território quilombola (Escolas Fernando Augusto, Olímpio Nogueira e Maria Teodora) aumentam em 100% para todos alunos dessas escolas, em função de estarem localizadas em território quilombola.
- Mai 2007 — É inaugurada a quadra coberta de esportes (Ginásio Chico Mariano), que faz parte do conjunto educacional da Escola Olímpio Nogueira, que atende à comunidades quilombola. Não se pode deixar de registrar a formação do coral de afro descendentes infantis (Coral Vozes dos Palmares).